

Daniele Reiter Chedid

A CULTURA COMO VIA DE APROXIMAÇÃO: A MISSÃO
CULTURAL BRASILEIRA NO PARAGUAI (1952-1974)



2014

Universidade Federal da Grande Dourados
Editora UFGD

Coordenação editorial: Edvaldo Cesar Moretti
Administração: Givaldo Ramos da Silva Filho
Revisão e normalização bibliográfica:
Raquel Correia de Oliveira e Tiago Gouveia Faria
Programação visual: Marise Massen Frainer
e-mail: editora@ufgd.edu.br

Conselho Editorial
Edvaldo Cesar Moretti | Presidente
Wedson Desidério Fernandes
Paulo Roberto Cimó Queiroz
Guilherme Augusto Biscaro
Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti
Rozanna Marques Muzzi
Fábio Edir dos Santos Costa

Diagramação, Impressão e Acabamento: Triunfal Gráfica e Editora | Assis | SP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

C514c	Chedid, Daniele Reiter A cultura como via de aproximação: a Missão Cultural Brasileira no Paraguai (1952-1974). / Daniele Reiter Chedid – Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014. 107p. ISBN: 978-85-8147-084-9 Possui referências 1. Brasil – Paraguai. 2. Missão Cultural Brasileira. 3. Aproximação cultural – bilateral. I. Título. CDD – 981.892
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

© Todos os direitos reservados. Conforme Lei nº 9.610 de 1998

Assunção querida, das manhãs cor de laranja. Essa literatura é obra do seu eu em mim.

SUMÁRIO

Prefácio	7
Introdução	11
Capítulo 1	
O TERRENO DAS ATIVIDADES DA MISSÃO	17
Brasil, Argentina e Paraguai na Guerra Fria	23
A Argentina e as mudanças nas relações com o Paraguai	32
Aproximação como política do Brasil	35
Brasil como estratégia política de Stroessner	39
Capítulo 2	
A MISSÃO CULTURAL BRASILEIRA NO PARAGUAI	43
Atividades e abrangência da Missão	45
Capítulo 3	
A MISSÃO E A APROXIMAÇÃO BRASIL-PARAGUAI	63
A lógica da aproximação cultural	64
Os vetores de atuação da Missão	72
A Escola Estados Unidos do Brasil	75
O Instituto Cultural Paraguai-Brasil	77
A Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional de Assunção	84
A Missão para o Paraguai de Stroessner	91
A apropriação das atividades da Missão	91
Ditador Alfredo Stroessner e as atividades da Missão	94
Considerações finais	97
Bibliografia e fontes	101
Relação de Fontes	107

PREFÁCIO

Nesta obra sobre a memória dos exilados da ditadura de Stroessner residentes em Dourados/MS, a jovem historiadora Daniele Reiter Chedid apresenta-nos, de forma instigante, uma história das relações políticas entre Brasil e Paraguai, no período de atuação da Missão Cultural Brasileira.

Este tema é pertinente, atual, inédito e bem explorado pela autora. Alguns anos atrás em um seminário de História na cidade de Resistência/Argentina – destino de milhares de exilados políticos do regime ditatorial comandado pelo general Alfredo Stroessner Matiauda entre os anos de 1954 a 1988 –, quando se debatia os interesses e a colaboração do Brasil com o referido regime, uma professora paraguaia me afirmou que estava surpresa, pois para sua geração o Brasil era um país amigo, fraterno e desinteressado, que nas últimas décadas “ajudara” o Paraguai por solidariedade e fraternidade. De fato, com exceção de alguns grupos políticos e intelectuais que nos últimos anos têm criticado o “imperialismo brasileiro”, representado, sobretudo, pelo acordo de Itaipu e a desnacionalização da fronteira com o Brasil, o que se vê e sente ao andar pelas ruas de Assunção e conversar com sua população é o sentimento de grande admiração e receptividade pelo Brasil e seu povo.

Ao ler a *A cultura como via de aproximação: a Missão Cultural Brasileira no Paraguai (1952-1974)*, o leitor entenderá por que para grande parte do povo paraguaio é “natural” a forte presença brasileira, tanto na economia quanto na cultura de seu país. Através de intensa pesquisa documental e utilizando-se também de fontes orais – ainda muito pouco usadas nas pesquisas de história das relações internacionais –, com um texto agradável e de fácil entendimento, mesmo para o público não especializado, qualidades a se destacar no presente trabalho, a autora leva à reflexão sobre as relações do Brasil com os demais países da América do Sul, sobretudo com aqueles que têm menor expressividade econômica e menor dimensão territorial.

Como o Brasil utilizou a colaboração cultural no desenvolvimento de sua política de aproximação com o Paraguai? Quais eram seus interesses nessa aproximação?

O Brasil que se mantivera afastado do Paraguai desde o início do século XX, a partir do final da década de 1930 modifica essa postura. Tendo a intensificação das relações diplomáticas e da colaboração com os países vizinhos como a Bolívia, o Paraguai e o Uruguai, como uma das linhas de ação de seu projeto estratégico o Brasil passou a desenvolver uma série de ações com vistas a aproximar-se do Paraguai, que resultaram em uma política de forte atuação diplomática e colaboração econômica, técnico-cultural e militar.

Essa política sofreu continuidade no governo do General Eurico Gaspar Dutra. Retomada no segundo governo de Getúlio Dorneles Vargas teve como um de seus marcos a instalação da Missão Cultural Brasileira em Assunção em 1952, que tinha por finalidade congregar as diversas ações culturais e educacionais que o Brasil desenvolvia no Paraguai desde a década de 1940. Contudo, a colaboração brasileira não alcançaria os mesmos níveis do início da década anterior e a Argentina conseguiria, em 1953, assinar com Assunção um Convênio de União Econômica, colocando em risco os interesses brasileiros.

Com a tomada do poder pelo general Stroessner, “grande admirador do Brasil”, a política exterior paraguaia passou a ser orientada no sentido de aproximação com o mesmo. Stroessner via na colaboração brasileira a possibilidade de retirar o Paraguai da secular dependência do porto de Buenos Aires. Essa disposição do mandatário paraguaio vinha ao encontro dos interesses do Brasil, que soube utilizá-la de todas as formas para trazer Assunção para sua órbita de influência. Com esta convergência de interesses a política brasileira com o país vizinho, visto como potencial mercado para sua indústria, foi intensificada através da colaboração econômica, militar e cultural. O Brasil, tanto nos governos democráticos de Juscelino Kubitschek de Oliveira, Jânio da Silva Quadros e João Belchior Marques Goulart, como no regime militar, colaborou com o regime *stronista*, por meio de empréstimos financeiros, construção de vias de comunicação, como por exemplo, a emblemática Ponte da Amizade, manutenção da Missão Militar Brasileira de Instrução e desenvolvimento de inúmeras e diversas atividades culturais e educacionais.

Neste processo, a Missão Cultural Brasileira, por meio das diversas atividades desenvolvidas, no período compreendido entre 1952 e 1974, minuciosamente pesquisadas e expostas

pela autora, contribuiu de forma decisiva no desenvolvimento da política externa brasileira e nas relações de amizade entre os dois países.

É deste fazer que trata a obra da Daniele Reiter Chedid. Apontando de forma brilhante como o Itamarati, tendo como pano de fundo as relações trilaterais na região (Brasil, Argentina e Paraguai) e os interesses brasileiros, utiliza-se a cultura no desenvolvimento da sua política com o Paraguai com o objetivo de construção de relações duradouras. Cria-se assim as condições para um novo olhar sobre o Brasil, como bem o demonstram as atuais relações entre os dois países e o entrelaçamento de interesses simbolizados na construção da Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu.

Na produção acadêmica brasileira sobre a história do Paraguai a Guerra da Tríplice Aliança continua sendo objeto privilegiado de pesquisa. Durante o século XX pouco se pesquisou e produziu a respeito da história contemporânea de nosso vizinho guarani e de suas relações com o Brasil. Alguns trabalhos, sobretudo dissertações de mestrado e teses de doutorado, têm aparecido mais recentemente. A presente obra é um desses trabalhos que vêm contribuir para o conhecimento da história paraguaia e para a compreensão das relações entre os dois países, bem como para o estudo das relações internacionais na região do Prata na contemporaneidade.

Ceres Moraes

INTRODUÇÃO

As pesquisas históricas atuais, que dialogam com vários outros campos de saber, modificaram suas metodologias e trabalham com conceitos, tempo e fontes de maneira a permitirem obter resultados problematizados e críticos. Mas a historiografia, assim como a história, é dinâmica, viva e pulsante. Conseqüentemente, a maneira como a história é contada, relatada ou representada hoje não é a mesma que aquela feita ontem e, menos ainda, amanhã.

Febvre e Bloch, por meio da revista *Annales*, fundaram o movimento conhecido como *Escola dos Annales* que tinha como intuito romper com a história historicizante que dominava a academia. Viu-se, a partir de então, quebrar os antigos paradigmas e emergir uma história problematizadora do social que investiga também os modos de sentir e pensar.

Nesse contexto de mudança paradigmática, a história política também sofre mudanças. A Nova História, como o próprio nome sugere, inova os olhares sobre os sujeitos, os fatos, o tempo e o espaço. Cardoso e Vainfas em *Domínios da História* (1997) tentavam compreender o que significou essa nova linha de trabalho ao afirmarem que esta se caracterizava por ser o mais

aberta possível à investigação dos fenômenos humanos no tempo, sem excluir a dimensão individual e mesmo irracional dos comportamentos sociais, e procurando resgatar os padrões menos cambiantes da vida cotidiana, mormente o universo de crenças ligadas ao nascimento, à morte aos ritos de passagem, ao corpo, aos espaços e ao tempo (p. 138).

Dialogando com esse novo paradigma da historiografia, o estudo do político não busca uma verdade formatada em fatos, mas efetua investigações que consideram uma série de fatores antes ignorados, obtendo assim resultados mais amplos. Para permitir que a metodologia de estudo político chegue a tais resultados é preciso que o pesquisador tenha a preocupação de escapar da armadilha de uma história factual, solta e desprendida de um contexto que a

fundamente. Sabemos que o historiador, apesar de trabalhar com o passado, busca respostas para suas inquietudes postas no presente. Isso é essencial na arte de tecer a complexa teia que é a história propriamente dita. Peter Burke já observou isso em *Varietades de história Cultural* e lançou um alerta ao historiador frisando a importância de uma escrita que “se relacione ao presente, mas permita sua contínua reinterpretação” (2000, p. 14).

Ainda tentando compreender como o historiador vive neste limbo entre o passado e o presente, observamos o florescer da necessidade de compreendermos as questões políticas como um todo e, sobretudo, a atuação da política internacional das nações desse mundo globalizado. A história de cada país se caracteriza, também, como a história de sua relação com os demais países. No caso do continente sul-americano, a história do Brasil, do Paraguai e da Argentina parecem ser ainda mais indissociáveis. Essas histórias vão muito além do conflito conhecido como Guerra da Tríplice Aliança, ocorrida em fins do século XIX, e se apresentam com destaque nas relações mais atuais, como nas décadas de 50, 60 e 70 do século XX. Estudar as relações destes três países significa esmiuçar as ações de suas políticas externas sem perder de vista o contexto local e mundial do período em foco. Eis o exercício de habilidade do historiador.

Para investigar e escrever a história das relações políticas entre Brasil e Paraguai, a metodologia aqui aplicada trabalhou com a premissa de que o resultado final não trará o passado como ele aconteceu, tendo a credibilidade dos pares fixada nos procedimentos científicos adotados durante a pesquisa. Por isso, fizemos uso de diversas fontes que dialogam entre si e com o próprio historiador, buscando encaixar as pistas que explicam o passado. Os fatos estão no passado, não mortos, mas intocáveis e irrepreensíveis. Esse é um dos fatores que diferenciam a História de uma ciência dura ou exata. Nesse sentido para a História “a realidade não deve mais ser pensada como uma referência objetiva, externa ao discurso, mas como constituída pela e na linguagem” (BURKE, 2000, p. 88).

Como o *fato* “é a designação de uma relação” (CERTAU, 1982, p. 89), a história de cunho político-cultural deve investigar toda a rede que dá sentido a ele, ou seja, todas as relações sócio-culturais que envolvem os fatos são objetos de investigação do pesquisador político. Encontramos na análise do cotidiano paraguaio e brasileiro muito dessas relações sócio-culturais que cercam os fatos e nos permitem a compreensão de suas relações políticas.

Cardoso e Vainfas (1997, p. 140) tomaram emprestadas as palavras de Le Goff para entender como o *cotidiano* expressa a relação dos sujeitos com os demais, com o maior, com o mundo. Os autores citam o trecho em que Le Goff diz que “o cotidiano, se o perscrutamos atentamente, revela-se como um dos lugares privilegiados das lutas sociais”, mas é preciso lembrar que “o cotidiano só tem valor histórico e científico no seio de uma análise dos sistemas históricos, que contribuem para explicar o seu funcionamento”.

Escrevendo uma história fruto do conhecimento científico, o historiador que lida com um objeto político tem trabalhado com as relações no seu âmbito menos visível, ou *simbólico*, como classifica Pierre Bourdieu. Seguindo seu raciocínio, as relações políticas vão além daquilo que se pode observar ou apalpar. Os atos políticos não se limitam ao visivelmente imediato, existindo uma série de significados e objetivos ocultos. Assim, as relações político-culturais estão impregnadas do simbólico. Nas palavras de Bourdieu (2003, p. 11):

É enquanto elementos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os ‘sistemas simbólicos’ cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da imposição, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo Weber, para a ‘domesticação dos dominados’.

Passamos então a trabalhar as relações políticas como um trançado de caraguatá¹, construído pelo bordar de diversas mãos. Cada fio deste trançado se difere e se soma aos demais sendo estes amarrados com forças distintas e objetivos reais. O que forma o trançado da política, assim como a de caraguatá, não é somente fios de cores, mas sujeitos que carregam em seus seres uma parte do mundo que os cerca e um mundo particular, sendo ambos indissociáveis.

1 Os artesanatos de caraguatá são típicos do Paraguai. Extremamente elaborados, é preciso secar e desfiar folhas de uma planta rasteira (*Bromelia plumieri*) para obter-se os fios de uma espécie de fibra que são tingidos com pigmentos naturais, para depois trançá-los formando uma infinidade de produtos como bolsas, redes, cintos e etc. Esse tipo de artesanato decorre dos povos indígenas que povoavam a região muito antes da chegada dos jesuítas.

Ao estender esta manta à nossa frente temos um mundo que se abre aos nossos olhos e muitos outros mundos que não podemos apalpar, restando-nos investigá-los pelo científico.

Estudar relações políticas quer dizer esmiuçar cada ponto, cada nó desse corolário histórico, contudo, como já observou Michel de Certeau (1982, p. 72), mantendo o diálogo dos mesmos e com os mesmos para que haja um sentido compreensível. Para o autor “cada resultado individual se inscreve numa rede cujos elementos dependem estritamente uns dos outros, e cuja combinação dinâmica forma a história num momento dado”.

O estudo do político tem, assim, se proposto a dialogar, a se apoiar no estudo interdisciplinar, estabelecendo estreitas relações com outros campos como a Sociologia, a Economia, a Antropologia, a Linguística dentre outras.

A Missão Cultural Brasileira no Paraguai, o grande foco de análise dessa pesquisa, não existe por si só em sentido. São suas atividades e seu funcionamento que a tornam real. É por meio de uma análise crítica dos projetos de aproximação cultural do Itamaraty que podemos compreender-la. Para tanto, levamos em consideração sobretudo o contexto histórico do período compreendido entre 1952 e 1974, correspondentes ao ano de criação e de encerramento das atividades da Missão, dando ênfase às décadas de 1950 e 1960, anos em que a engrenagem da Missão se liga e apresenta seus grandes movimentos. Neste espaço de tempo temos a implantação da Missão, seus primeiros projetos e suas grandes conquistas, como a doação feita pelo Governo brasileiro do prédio da Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional de Assunção em 1964. Atentamo-nos ao período de implantação e desenvolvimento de seus projetos porque procuramos entender como ela se efetivou no cenário paraguaio, qual a lógica de sua criação e funcionamento. Justifica-se aí o fato de que grande parte dos documentos remete a esse recorte temporal.

Partimos ainda do pressuposto de que, sobretudo após a década de 1950, o Itamaraty direcionou um conjunto de políticas para aproximar o Paraguai do Brasil e para diminuir a influência da Argentina no continente sul-americano, principalmente na região do Prata. Todos esses pontos delimitaram os capítulos deste trabalho.

No capítulo 1, “O terreno das atividades da Missão”, o objetivo é esclarecer em que contexto histórico se fez possível a implantação e consolidação desta Instituição Brasileira em solo paraguaio. Vamos compreender o contexto histórico responsável pela transformação da Missão

Cultural Brasileira² em realidade. Como este cenário perpassa os limites geográficos, temos que abrir a discussão para os três países envolvidos na questão: discutiremos Brasil, Paraguai e Argentina. Devido à influência decisiva da Guerra Fria no cenário mundial e nas relações entre os países de todos os continentes, faz-se pertinente compreendermos de que modo Brasil, Paraguai e Argentina atuaram neste período de conflitos e alinhamentos ideológicos. As relações entre Paraguai e Argentina sofreram grandes mudanças após a década de 1950, quando esta última apresentou uma série de problemas de ordem econômica enquanto o vizinho Brasil ia ocupando muito de seus espaços. Para o Brasil, aproximar-se do Paraguai significava conquistar um ponto de fundamental importância dentro da América Latina, o que desencadeou uma série de políticas traçadas com objetivos pragmáticos de escopo político, econômico e cultural. É fato que a relação entre esses três países sofreu uma grande mudança com a ascensão do General Alfredo Stroessner ao poder no Paraguai em 1954. Temos nesse fato um divisor de águas para os diálogos até então estabelecidos.

A compreensão da lógica dos trabalhos da Missão dentro do Paraguai depende de tê-la previamente explicada. A grande complexidade e abrangência devem ser percebidas pelo leitor. A isto dedicamos o segundo capítulo, no qual esquematizamos suas atividades com riqueza de dados numéricos. Esse capítulo, aparentemente curto, demandou um trabalho árduo de sistematização de dados, buscando informações nas entrelinhas das fontes. Dificultada pela escassez de vestígios históricos e de acesso aos existentes, principalmente no Paraguai, esta labuta testou as habilidades metodológicas e a paixão pelo ofício de historiadora. Tendo em vista que registros bibliográficos sobre o tema são praticamente inexistentes, foram necessárias várias viagens solitárias ao Paraguai em busca de fontes documentais e orais. Com a sorte de ótimos contatos e de amizades conquistadas durante esta batalha, foi possível levantar fontes suficientes para traçar as atividades da Missão e deixá-las como registro para aqueles que desejarem se debruçar sobre este interessantíssimo tema. “A Missão Cultural Brasileira no Paraguai”, capítulo 2 desta obra, consegue pôr o leitor a par de todos os vetores de sua atuação. Para isso debatemos os dados sobre seu projeto, mais especificamente a respeito das “atividades e abrangência da Missão”.

2 Durante este livro por diversas vezes iremos chamá-la apenas de “Missão”.

Partimos então para o período em que a Missão se encontra em pleno funcionamento. O leitor conseguirá compreender sua maquinaria em atividade. No capítulo 3, “A Missão e a aproximação Brasil/Paraguai”, vamos desconstruir sua lógica para entendermos a aproximação sendo viabilizada. Analisamos primeiramente a possibilidade de promover uma aproximação política fazendo uso da via cultural. Posto isso, partimos para a análise histórica e problematização de cada um dos vetores de atuação da Missão. Foi preciso focar o diálogo entre Brasil e Paraguai no funcionamento da Missão Cultural. Assim, debatemos como o Paraguai de Stroessner mantém uma relação de troca de interesses com as políticas brasileiras do Itamaraty. Nele esclarecemos que os paraguaios não atuaram de maneira passiva, tendo se apropriado das atividades da Missão. Por fim, discutiremos como o próprio ditador fazia uso rotineiro e estratégico dessas atividades.

Todos esses capítulos permitem que compreendamos o que animou o Itamaraty a traçar uma aproximação cultural com o Paraguai por meio da Missão Cultural Brasileira naquele país e como ela pôde ser viabilizada.

Abrimos este baú histórico e caminharemos neste trançado que se estende sobre a cansativa e gratificante tarefa de interpretar o passado, desconstruindo e construindo incessantemente.

Capítulo 1

O TERRENO DAS ATIVIDADES DA MISSÃO

O desenvolvimento econômico paraguaio depois da Guerra de 1864-70³ era inexpressivo. Com uma rede de transporte extremamente limitada, a sua população, pequena e esparsa, via um Paraguai fraco, com um frágil aparato comercial e reduzidos movimentos de exportações. O povo paraguaio convivia com a oscilação política que atravancava a estabilidade do país. Cada um dos frequentes câmbios antidemocráticos de poder significou uma nova organização política e, conseqüentemente, uma reorientação das relações com os demais países. Essa preocupante situação deitava raízes na derrota da Grande Guerra e somava-se ao instável quadro político e partidário do lugar. Ceres Moraes (2000, p.17) compreende que a ausência de democracia nas esferas políticas paraguaias da segunda metade do século XX só se explica se compreendermos o histórico político desse país. A falta de solidez e constância na direção do Estado descalsificou os ossos das instituições democráticas. Na análise da autora,

A instabilidade, que caracteriza a vida política do Paraguai até a consolidação da ditadura de Stroessner; seu subdesenvolvimento e sua dependência econômica tiveram início no tumultuado processo de reorganização do Estado, quando a presidência ou poder eram disputados por caudilhos através de golpes e enfrentamentos armados. Prática que passa toda sua história contemporânea. (...) Outro aspecto marcante desse período e que se tornou freqüente na história do país é a dissolução do Congresso levada a efeito tanto por presidentes que assumiram o poder por meio de golpes ou revoltas como por aqueles

³ É comum atribuir a essa Guerra as nomenclaturas de Grande Guerra; Guerra do Paraguai e Guerra da Tríplice Aliança.

que foram eleitos. Importante também é perceber que, desde o início, houve uma tendência ao exercício do poder por apenas um partido político, que o exercia sem permitir espaço para uma efetiva participação da oposição. Ao longo de sua história, o Paraguai não conseguiu estabelecer e fortalecer as instituições democráticas.

Sem o fortalecimento dessas instituições, o Paraguai mantinha garroteadas suas veias comerciais. Argentina, Estados Unidos e Brasil, sob variação histórica, correspondiam aos seus principais parceiros. Sabe-se que entre Brasil e Paraguai desenhou-se um grande distanciamento desde 1904, quando o Partido Liberal tomou o poder.

Durante o período de comando Liberal, conforme já relatou Evaristo Duarte (2007, p. 82), o que se pôde observar no Paraguai foi o

agravamento da opressão social, a dilapidação de terras públicas, endividamento do Estado e maior ingerência estrangeira. Em todo o período liberal não foi possível consolidar-se o respeito às instituições parlamentares e ao livre e pacífico jogo eleitoral. Revoluções, quarteladas, assassinatos políticos e todo tipo de violência caracterizaram a vida política paraguaia sob domínio liberal.

Ocorre que a Argentina esteve historicamente ligada ao Partido Liberal do Paraguai e, até pelo menos a década de 1960, adquiriu uma larga vantagem em relação ao Brasil na disputa pela atuação e influência. Quando o nacionalismo⁴ paraguaio tomou a liderança dos pensamentos locais e as ideias liberais passaram a ser alvo de rechaça, a Argentina foi diretamente associada ao liberalismo e recebeu a imagem de prepotente e subjugadora. O partido Colorado tomou o poder e a acusação de que os liberais estariam ligados a interesses externos – lê-se Argentina – abriu as portas nacionalistas para os interesses brasileiros⁵ e norte-americanos.

⁴ Evaristo Emigdio Colmán Duarte (2007, p. 82) diz que a tradição política paraguaia do nacionalismo, com Stroessner, baseou-se em “reinventar-se como sucessor das famílias fundadoras” sob clima antiliberal.

⁵ Segundo Ceres Moraes (2007, p.71), a abertura do Paraguai à penetração do Brasil e dos Estados Unidos foi facilitada pela atuação da imprensa argentina. Era costumeiro veicular críticas à ditadura de Stroessner, o que aguçava um distanciamento entre Paraguai e Argentina.

O fato é que a Argentina conquistou uma histórica vantagem sobre o Brasil na disputa pela hegemonia estrangeira no Paraguai. Para que assim se configurasse, consideramos fatores de cunho econômico, geográfico e cultural.

O Porto de Buenos Aires, durante um longo período, foi a única via de saída e entrada de produtos no Paraguai. Por isso, este país se encontrou atrelado política e economicamente à vizinha Argentina. Tal realidade começou a se modificar na década de 1960, quando finalmente ocorreu a abertura de estradas e pontes que permitiram o acesso do Paraguai ao Oceano Atlântico via Brasil.

Neste íterim, a Argentina utilizava a dependência paraguaia como um motor pressurizador que tinha o poder de ritmar a escala das regras e dos preços. Os impostos alfandegários sobre exportações e importações acabavam por condicionar o desenvolvimento econômico do país guarani⁶. Tal condicionamento se dava de maneira muito ampla: também nos investimentos e nas propriedades paraguaias estava a predominante presença Argentina.

A proximidade geográfica entre Paraguai e Argentina facilitava de maneira decisiva suas relações. As negociações, em tempos de escasso transporte, tecnologia e comunicação, ocorriam com menor dificuldade se comparadas ao até então distante Brasil. A proximidade entre os dois objetos é mais que uma questão topográfica. Estar próximo significa ser sentido, percebido. Enquanto o Brasil não respondia a isso, a Argentina tomava proveito e se posicionava de forma dianteira na história dos três países. O Brasil não era a paisagem que poderia ser vista da janela, nem no porta-retrato de cabeceira do paraguaio, mas sim a Argentina.

Desde o término da Guerra da Tríplice Aliança, a imediação cultural com a Argentina e o afastamento em relação ao Brasil foram fatores decisórios na definição das relações econômicas paraguaias. É fato que, até a década de 1960, os paraguaios⁷ costumavam ter maior facilidade em negociar com os argentinos do que com os brasileiros. Nesta balança de relações pesavam, entre outros fatores, o histórico estigma negativo proveniente da derrota na Guerra

6 Pelo fato de o guarani ser sua segunda língua, o Paraguai comumente se autointitula e é conhecido como “país guarani”.

7 Consideramos a cidade de Assunção como o polo econômico e político do Paraguai. Assim, não estamos discutindo as questões ligadas à realidade das pequenas cidades fronteiriças com o Brasil. Até porque, neste período, 1950-1960, elas eram econômica e politicamente inexpressivas.

da Tríplice Aliança e o não contato com a cultura brasileira. Até 1950, por exemplo, eram raras as pessoas que dominavam o português, língua falada no Brasil. Poucos eram os fatos ou oportunidades que justificavam a necessidade do aprendizado dessa língua, o que consequentemente mantinha o Paraguai ainda mais distante. Do Brasil, além de uma marca negativa, pouco se tinha e pouco se sabia. Não existiam relações mais estreitas no âmbito interpessoal, tampouco no comercial. Isto porque as questões econômicas estão intrinsecamente ligadas às culturais, afinal, elas são feitas por pessoas que se relacionam com o mundo que as cerca. Jorge Drexler poetiza em sua canção⁸ que somos “un eco del eco del eco de un sentimiento” que existiria “desafiando las leyes del tiempo e de la distancia”. Eram mundos próximos geograficamente e distantes culturalmente, sem essas relações sentimentais expressivas. Tratavam-se como conhecidos longínquos e quase nada os correlacionava. Neste contexto se sobressaía a vizinha e sempre próxima Argentina. Com este país o Paraguai mantinha relações de desvantagem que historicamente limitou seu setor econômico:

La armonización de la economía de Paraguay y la Argentina constituía una tarea que no estaba desprovista de dificultades. El Paraguay no podía fundar sus relaciones comerciales con la nación vecina en equivalencia demasiado estrictas. Había diferencias grandes que impedían la igualdad absoluta de las partes contratantes (FIGALLO; BREZZO, 1999, p. 118).

Temos entre Paraguai e Argentina uma relação assimétrica de poder. Segundo Immanuel Wallerstein, o que rege o sistema-mundo são as *leis de movimento*. Estas, por sua vez, são responsáveis pela exploração das economias mais pobres pelas economias centrais. Para este pensador, as relações de *tempo* e *espaço* entre esses países de estruturas assimétricas explicariam, dentro da lógica de acumulação, porque os centros de poder econômico se deslocam geograficamente ao longo da história. A *periferia* tem como característica um Estado fraco, pouco institucionalizado e em grande parte autoritário ou ditatorial, como o Paraguai. A teoria marxista de dependência, uma das visões da periferia que compõem as teorias das Relações

⁸ Jorge Drexler. *Eco*. MSI produções musicais, 2007.

Internacionais, considera o subdesenvolvimento como um *produto* do desenvolvimento das economias de *centro*. Por meio de mecanismos, como “a troca desigual, o investimento direto e do financiamento aos desequilíbrios dos balanços de pagamento” as periferias seriam oprimidas. Resumidamente, o que se observa no início da segunda metade do século XX é que as condições de negociação comercial e o poder de barganha do Paraguai eram substancialmente inferiores aos da vizinha Argentina. Nesse sentido, “a dominação seria a expressão da desigualdade econômica e da dependência” (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p. 118-20).

Diante do dificultoso e desigual posicionamento na América Latina, o país guarani apresentava uma realidade preocupante. A incontinência política castigava um povo que sofria com a queda e a implantação de novos governos ao longo de sucessivos golpes. A inexistência da democracia obstruía a melhora social e econômica do país. Neste contexto a disputa pela hegemonia na América Latina fazia com que Argentina e Brasil alternassem o predomínio sobre as terras guaranis. Isso variava conforme, entre outros fatores, a mão detentora do governo local, ora sob predomínio Liberal, ora Colorado⁹.

Da delicada realidade paraguaia deriva a importante visita ao Brasil do Ministro da Educação, Sigfrido Gross Brown, em 1944. Foi a falta de estrutura nos mais variados setores de seu país que formatou o roteiro de Brown durante os 21 dias em que permaneceu no Brasil. A pauta era de interesse de ambos os países e se desenrolava, sobretudo, a respeito de medidas emergenciais. O Paraguai precisava ser socorrido da situação combalida na qual se encontrava. Para exemplificar o quão preocupante era o cenário paraguaio, podemos citar a solicitação do Ministro de, dentre diversos outros itens, ajuda em relação ao envio de técnicos agrícolas; na solução dos casos de hanseníase; envio de professores de educação física; formação de diretores escolares; ajuda na organização de arquivos e bibliotecas; na aplicação de projetos de organização ministerial; aperfeiçoamento de mecânicos e no envio de professores universitários. Os mais variados setores do Estado necessitavam de urgente ajuda, desde a educação, saúde e assistência técnica até as questões ligadas à organização da própria burocracia local. Um país tão frágil a ponto de deslocar um representante oficial para tentar estabelecer a estruturação mínima de pontos básicos e essenciais.

9 Os partidos Liberal e Colorado representam a base partidária do Paraguai até o presente momento.

O Itamaraty soube reconhecer o momento favorável ao Brasil. Em documento oficial¹⁰, o Chefe da Divisão de Cooperação Intelectual alertava sobre a oportunidade que se apresentava, para que não deixassem de aproveitá-la. Escreveu que “[...] todos os assuntos de aproximação cultural com o Paraguai mereceram verdadeiro interesse. O senhor Ministro Gross Brown alimenta propósitos de grande projeção que não haviam sido ainda cogitadas por nós e que envolvem volumoso dispêndio”. Desde o final dos anos 30 e início dos 40 do passado século, existia um conjunto de ações e políticas direcionadas à propulsão das relações entre Brasil e Paraguai. Os novos olhares do Itamaraty a respeito das potencialidades do/no Paraguai receberam destacável impulso nos diálogos estabelecidos com o Ministro.

Conforme Ceres Moraes (2000, p.92) já analisara, a participação brasileira na assinatura do acordo de paz entre Paraguai e Bolívia, em 1939, lançou sementes para a mudança das relações paraguaias com o Brasil. Posteriormente, a visita do presidente brasileiro Getúlio Vargas, primeiro chefe de estado a ir a Assunção, abriu o leque de possibilidades entre os dois países (MENEZES, 1987, p.43). Em 1941, o ministro das Relações Exteriores do Paraguai, Argaña, encontrou-se com Vargas no Rio de Janeiro. Disso resultou a assinatura de 10 tratados na área de comércio, transporte e atividades culturais. Exemplo expressivo dos bons frutos desse encontro é a criação de comissões para estudar os problemas de navegação do rio Paraguai e a concessão do privilégio dos portos francos de Santos e de Paranaguá, no Brasil. Originaram-se ali os primeiros projetos que futuramente ligariam o Paraguai ao Atlântico, mudando a tradicional rota fluvial via Buenos Aires (FIGALLO; BREZZO, 1999, p.92). Essas aproximações com o Paraguai só se interromperam quando Eurico Gaspar Dutra assumiu a presidência do Brasil, mas foram novamente movimentadas com a volta de Vargas ao poder, em 1951.

Apesar de a Argentina seguir até a década de 1970 como o principal parceiro econômico do Paraguai, essa posição foi concomitantemente substituída por Brasil e Estados Unidos (MORA, 1993, p. 96). Entre as décadas de 1950 e 1970, o que se observa é uma alternância entre a manutenção e o declínio das relações argentino-paraguaias, não só no que diz respeito ao setor econômico, como também ao cultural e social. Desconstruindo esse período de transformações no palco do cotidiano paraguaio o que se vê é a presença de novos textos e atores em

10 542.6 (43) AHI- RJ. Confidencial. Visita do Ministro Gross Brown. 21/01/1944

um espetáculo com novos diretores e novas plateias. Isso significou novos produtos brasileiros; novas rotas; conhecimentos; sonoridades, sotaques e ritmos no Paraguai.

É fato que a ascensão de Alfredo Stroessner ao poder e, conseqüentemente, a manutenção do partido Colorado, desenhou os novos mapas das relações entre os dois países. O que se observa é que “el general Stroessner, abrigando el propósito de neutralizar la tradicional influencia y predominio de la Argentina, y tratando de manipular el equilibrio regional de poder, fomentó fuertes y cordiales relaciones con el Brasil” (MORA, 1993, p. 96). Era um novo cenário que se formava na política internacional do Paraguai. Depois da ascensão deste ditador, o peso do Brasil passou a ser outro. Isso porque Stroessner comandou um regime militar e autoritário com sua política exterior estreitamente vinculada ao Brasil (CERVO; RAPOPORT, 1998). A Argentina encabeçava os mais consideráveis investimentos e intercâmbios comerciais, mas o Paraguai já não era mais o mesmo, até porque os horizontes que poderiam ser e que de fato eram vislumbrados agora se faziam muito mais vastos e férteis.

Alguns acontecimentos políticos externos ao Paraguai atuaram na redefinição de suas relações com os países vizinhos. É exemplo disto a queda de Perón em 1955 na Argentina e a ascensão de Jucelino Kubitschek à presidência do Brasil em 1956. JK ficou conhecido por continuar a política de aproximação com o Paraguai iniciada com Vargas executando uma série de projetos bilaterais.

Brasil, Argentina e Paraguai na Guerra Fria

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, as disparidades entre os pensamentos capitalistas e comunistas pareciam empurrar o mundo para um novo conflito bélico. Os Estados Unidos da América e a então União Soviética disputavam a posição de superpotência hegemônica, colocando em jogo a paz mundial. Neste cenário, era necessário marcar territórios aliados por todos os continentes, afinal, o mundo estava dividido entre as duas posições político-ideológicas (capitalismo ou comunismo) que norteavam as relações internas e externas de cada nação. Para ambas as potências, ter os países latino-americanos sob sua influência significava afastar a sobreposição da ideologia concorrente e, conseqüentemente, auxiliar a manutenção de suas relações de poder.

Devido à precariedade das condições sociais, os pensamentos comunistas pareciam encontrar na América Latina um terreno fértil. Por isso estava presente na ata da IV Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores dos Estados Americanos, ocorrida em março/abril de 1951, em Washington, a preocupação de Vargas em dizer que “o desenvolvimento econômico dos países insuficientemente desenvolvidos é considerado como elemento essencial sob o ponto de vista da defesa do continente”. Amado Luiz Cervo e Clodoaldo Bueno (1992, p. 257) ao analisarem a história da política exterior do Brasil já observaram que a ajuda econômica estadunidense era utilizada e durante muito tempo funcionou como estratégia contra o avanço comunista no continente.

A tendência social da América Latina ao comunismo preocupava os Estados Unidos¹¹ que procuraram, desde 1947, mantê-la sob suas asas ideológicas. Neste ano, além do anúncio do Plano Marshall para reconstrução da Europa, era realizada, na cidade brasileira de Petrópolis, a Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz e da Segurança no Continente. Foi nessa ocasião que grande parte da América Latina assinou o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (Tiar) que possuía como meta principal conter os avanços do comunismo no continente (CERVO, 2007, p. 79). Em 1948, na cidade colombiana de Bogotá foi assinada, durante a Nona Conferência Internacional Americana¹², a resolução “Preservar e defender a democracia na América” (DABÈNE, 2003, p. 142). Percebe-se que a condição de paz e democracia era diretamente associada ao seguimento do modelo ocidental e capitalista, restando aos pensamentos contrários a classificação de ordem subversiva.

Obrigadas, durante algum tempo, a abrir o espaço político, num ambiente mundial favorável à democracia, para conter as “classes perigosas” e dar vazão às aspirações das camadas

11 Após o fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos tinham na América Latina algumas indústrias estrategicamente vitais, como no México, Venezuela e Peru, de onde provinham quase todas as suas importações de petróleo; no açúcar de Cuba e nos carregamentos de cobre chilenos e peruanos. Além disso, havia outros pontos importantes como ferrovias, frotas mercantes e docas (BETHELL; ROXBOROUGH, 1996, p. 49).

12 Segundo Leslie Bethell e Ian Roxborough (1996, p. 49) “a Resolução 32 do Ato Final da Conferência estabelecia que a simples existência de partidos comunistas legalizados na América Latina representava uma ameaça à segurança do hemisfério ocidental”.

médias, as elites dirigentes latino-americanas não tardaram em aproveitar a oportunidade que lhes proporcionou o início da Guerra Fria voltar a práticas políticas baseadas na defesa estrita da ordem estabelecida. Muitas democracias se degradaram ou desapareceram entre 1948 e 1955 por terem, supostamente, dado muitas facilidades aos comunistas (DABÈNE, 2003, p. 138).

Construiu-se a imagem do comunismo associada ao terror e à desordem. Essa imagem se propagou pela América Latina, sendo utilizada pela classe dirigente como justificativa para a manutenção da ordem estabelecida.

No Brasil, o nacional-desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek enxergou as relações com os Estados Unidos de maneira diferente. Em seu governo, compartilhava-se da postura pragmática de desenvolvimentismo brasileiro realizado por Vargas, mas “acrescentando-lhe flexibilidade discursiva e política” (FAUSTO; DEVOTO, 2005, p. 347). Inicia-se, ainda na década de 1950, uma nova política externa brasileira, buscando respostas às necessidades geradas com o desenvolvimento econômico pelo qual passava o país. Estabeleciam-se então novas relações comerciais alargando o mercado consumidor dos produtos exportados pelo Brasil. Para Paulo Roberto de Almeida (2007, p. 15), as estruturas que deram base ao comércio exterior, elaboradas nesse período, proporcionaram “não só o aumento do volume transacionado, como também uma diversificação progressiva da pauta e do perfil geográfico das exportações brasileiras”.

Nesse contexto, era preciso, *a priori*, fortificar as relações com os países irmãos ligando-se de maneira mais estreita aos Estados latino-americanos. Não se tratava de uma questão estritamente ideológica, mas, sobretudo de ações com escopo econômico. Foi nesse sentido que em 1958 JK lançou a Operação Pan-Americana (OPA), proposta ambiciosa de cooperação internacional de âmbito hemisférico. JK insistiu na tese de que o desenvolvimento, o fim da miséria, seria a maneira mais eficaz de evitar a penetração de ideologias exóticas, antidemocráticas, que se apresentavam como soluções para os problemas nacionais (CERVO; BUENO, 1992, p. 258). Para JK o Brasil ocupava uma posição de peso no cenário americano. Posição essa que exigia o fortalecimento dos diálogos com o continente. Era preciso então vigorar o pan-americanismo para conseqüentemente afastar o subdesenvolvimento que, sob seu ponto de vista, insistia em ameaçar a segurança do hemisfério.

O alinhamento com os Estados Unidos pautava-se majoritariamente nas relações econômicas. Prova disso é a resposta à ausência estadunidense perante reivindicações da América Latina. Preocupados com a reconstrução dos países europeus devastados pela Segunda Guerra para que não houvesse descontinuidade no processo de progressão capitalista, os Estados Unidos encontravam-se focados naquele continente e, como consequência, pouco investiram nos países subdesenvolvidos latino-americanos. Decorre disso o descontentamento dos Estados latino-americanos que, muitas vezes, procuraram alternativas ao alinhamento estritamente ocidental para dilatar suas possibilidades comerciais. Nesse contexto, o Brasil “reivindicava para o país mais liberdade de movimentos no cenário mundial, tendo em vista os interesses econômicos nacionais” (CERVO; BUENO, 1992, p. 259).

A Revolução Cubana de 1959, ocorrida a poucos quilômetros da Flórida estadunidense, provocou aquilo que Oliver Dabène (2003, p. 137) classificou como um “abalo sísmico”. Tal evento posicionou a América latina no epicentro das tensões internacionais. Segundo o autor, Cuba conseguiu criar um tom de pânico na melodia dos burgueses, aguçando a execução de uma série de golpes-de-estado como medida preventiva aos projetos comunistas latino-americanos. Em contrapartida, a implantação do comunismo em um país da América provocou alguns Estados a questionarem as vantagens do alinhamento total aos Estados Unidos. Passou-se a enxergar a possibilidade de barganhar espaços no cenário político internacional a partir de um não alinhamento com a potência ocidental.

No Brasil, a Revolução Cubana de fins da década de 1950 animou a formulação da Política Externa Independente (PEI). Esse projeto vinha sendo traçado desde o segundo mandato de Vargas e tinha como característica o não alinhamento aos Estados Unidos. Procurava-se obter vantagens no mundo que permanecia dividido em dois blocos. Para a política da PEI “as necessidades postas pela luta em prol do desenvolvimento e pelo aumento da produção impunham ao país a necessidade de ampliação de seus mercados, independentemente de preocupações ideológicas” (CERVO; BUENO, 1992, p. 282). Essa postura diante ao cenário internacional trazia novas possibilidades para Brasil. Era o mais extenso território da América Latina abrindo novas rotas para o desenvolvimento interno. O alinhamento ideológico só se sustenta na medida em que são oferecidas respostas, sobretudo econômicas. Quando as cifras dos benefícios não compensaram uma absoluta fidelidade ideológica aos Estados Unidos, o

Brasil passou a buscar, em outras relações, o preenchimento de suas necessidades e, mais do que isso, um alargamento de suas possibilidades.

Com o crescente desenvolvimento da economia brasileira, era preciso livrar-se de limitações políticas. Isso não significava quebrar os antigos laços com a potência estadunidense, mas sim criar novos, com outros tipos de conexões. No Brasil, apesar da reabertura das negociações com a URSS em 1959 e da conquista de novos parceiros econômicos na África e Ásia, os Estados Unidos permaneceram com um índice de relações comerciais expressivamente superior. Até porque o leque de movimentação econômica que este país oferecia, por sua variedade e força, sobrepunha-se aos demais. Neste sentido era impensável um rompimento abrupto com os Estados Unidos. Isto representaria um colapso na economia local. Por este motivo João Goulart, em discurso de abril de 1962 nos EUA, “considerava as boas relações com os EUA convenientes e necessárias. Essenciais em termos de afirmação democrática continental” (CERVO; BUENO, 1992, p. 299).

Apesar de constar na mensagem sobre as diretrizes gerais, enviada por Jânio Quadros ao Congresso Nacional em março de 1961, questões como a expansão do comércio externo brasileiro, a fidelidade ao sistema interamericano, a continuidade e intensificação da Operação Pan-Americana, não foram esquecidas as relações com a potência Ocidental capitalista. Jânio, sob condição de presidente da república, escreveu que era objetivo do Estado brasileiro manter “relações de sincera colaboração com os Estados Unidos, em defesa do progresso democrático e social das Américas” (CERVO; BUENO, 1992, p. 299).

A Aliança para o Progresso, elaborada e estabelecida pelo governo estadunidense para países latino-americanos na década de 1960, provinha da preocupação daquele governo em relação a um possível desalinhamento por parte dos latino-americanos que tomariam o exemplo de Cuba. Isso prejudicaria o futuro dos arrolamentos existentes.

Fazia parte do cotidiano latino-americano o discurso de que para assegurar a paz era necessário manter-se longe das ideologias de esquerda. Era nesse sentido que grande parte dos governos latino-americanos, cada um a seu modo, dirigia seus esforços. Contudo, não se deve atribuir exclusivamente aos Estados Unidos o mérito pelo combate ao comunismo na América Latina. Cervo (2007, p. 80) identificou que neste cenário “a tradicional opinião liberal cristã repugnava a ideologia marxista”. A Igreja católica historicamente condenava as filosofias

comunistas e clamava por sua extinção. Considerando que a maioria da população do continente era seguidora do catolicismo, a Igreja era uma grande atuante na formação e manutenção de comportamentos e opiniões. Prova disso foi sua influência na consolidação de várias das ditaduras desse continente.

Para assegurar uma América Latina não comunista, os governos militares¹³ muitas vezes se apresentavam na lógica dos seguimentos anticomunistas como a proposta mais viável.

Os governos latino-americanos paulatinamente tornaram-se ditatoriais, militarizados, capacitando-se, com o apoio dos Estados Unidos, para o enfrentamento da ameaça que pairava. Desenvolveram-se instrumentos capazes de não só enfrentar concretamente a presença de insurreições, como também de criar toda uma estrutura de repressão ao “inimigo interno”, o que de maneira geral significava qualquer forma de oposição (GUAZZELLI, 1993, p.24).

Grande parte desses governos ditatoriais utilizava o discurso de preservação da “ordem” para manter-se no poder. Sua permanência, segundo esse mesmo discurso, traria a paz necessária para o progresso. Ao dissertar sobre a América Latina em suas dependências, ditaduras e guerrilhas a historiadora brasileira Ana Maria dos Santos (2001, p.70) nos mostra que:

Em muitos países, os militares que tomaram o poder nessa época¹⁴ baseavam-se na sua assumida competência para encaminhar o desenvolvimento de seus países. As políticas econômicas a serem implementadas deveriam estar a salvo das conseqüências do pluralismo político. A instabilidade dos regimes civis, as lutas partidárias e as tensões que o próprio desenvolvimento poderia criar eram vistas como incompatíveis com a ordem e a segurança necessárias às novas políticas de modernização capitalista.

13 Eric Hobsbawn (2007, p. 69) nos lembra o *boom* da militarização na política latino-americana. Entre 1962 e 1967, destacam-se como exemplo Argentina, Peru, Guatemala, Equador, República Dominicana, Honduras, Brasil e Bolívia. Entre 1968 e 1973, temos os casos de Peru, Panamá, Equador e Honduras. De 1973 a 1976, Chile, Uruguai e Argentina.

14 Entre as décadas de 1950 e 1970.

Em tempos de Guerra Fria, em que o temor fazia parte do cenário mundial, a população de grande parte dos países latino-americanos costumava aceitar as condições de repressão e violação dos direitos humanos¹⁵ em troca do combate às ideias comunistas.

Eric Hobsbawn (1995, p. 342) é categórico ao dizer que “as condições para a intervenção militar no Terceiro Mundo eram muito mais convidativas”. Nestes locais, “a mais ligeira insinuação de que o governo local poderia cair nas mãos dos comunistas praticamente garantia apoio americano”. Era por meio da figura de ditadores que vários países latino-americanos mantinham-se aliados aos Estados Unidos. Esse país, por sua vez, oferecia largo apoio à implantação e manutenção dos governos repressivos. Foi o caso da ditadura de Alfredo Stroessner no Paraguai, que permaneceu vigente por expressivos 35 anos (1954-1989), embalada por, dentre os outros fatores, tensões provocadas pela Guerra Fria. Ceres Moraes aponta o apoio estadunidense como um dos mais importantes vetores de influência na implantação e manutenção da mais longa ditadura posta não só em território paraguaio, mas no mundo ocidental contemporâneo.

Segundo um Despacho da embaixada norte-americana para o Departamento de Estado, no período compreendido entre 1942 e 1952, os Estados Unidos da América do Norte gastaram 6,1 milhões de dólares para levar a cabo seus programas no Paraguai. O objetivo dessa ajuda era contribuir para a estabilidade econômica, promoção do desenvolvimento e combate às idéias comunistas. Havia o temor de que os problemas econômicos acarretassem um vazio de poder, que poderia ter efeitos desastrosos no campo econômico, como também repercussões políticas negativas sobre seus interesses de curto e longo prazos na região do Prata, colocando em risco a segurança do hemisfério (MORAES, 2000, p. 82).

Já na Argentina a posição adotada pelo governo local em relação à Guerra Fria tentou ser, o maior tempo possível, a neutralidade. Contudo, observa-se na economia Argentina de 1950 que, nessa relação,

15 Ceres Moraes (2000, p.67) diz que na ditadura paraguaia de Stroessner “as prisões e a tortura, quase indiscriminadas, foram utilizadas não só para castigar os que haviam desafiado o poder estabelecido, mas também para amedrontar a sociedade e mantê-la permanentemente alienada e sob ameaça”.

os Estados Unidos tinham se convertido no melhor cliente da Argentina, comprando quase um quarto de suas exportações, o dobro da média pré-guerra. Ao mesmo tempo, as exportações dos Estados Unidos para a Argentina tinham aumentado quase dez vezes em relação ao nível alcançado antes da guerra (TULCHIN *apud* AYERBE, 2002, p.93).

Entre os anos de 1946 e 1956, a chamada Terceira Posição “buscava manter uma postura equidistante nas relações internacionais dos dois blocos”. Foi somente no segundo mandato de Perón, iniciado em 1952, que a Argentina alcançou um “maior alinhamento com os Estados Unidos” e “assina a carta da OEA, declara apoio à posição norte-americana na guerra da Coréia” (AYERBE, 2002, p.93-94).

Durante a Guerra Fria, as relações Brasil-Argentina apresentaram um estreitamento. Destaca-se o ano de 1958 pela realização da Reunião do Grupo Misto de Cooperação Industrial Brasil-Argentina. Tal episódio tinha vistas ao aumento de intercâmbio de manufaturas entre ambos os países. Na década de 1960, uma série de acordos e convênios reafirmaram a relação de aproximação¹⁶. Tanto Frondizi quanto Juscelino Kubischek se aproximavam na maneira com que enxergavam as relações com os Estados Unidos. Os objetivos eram pragmáticos e de não dependência. Um alinhamento sob a “visão de mundo da solidariedade ocidental conjugada às necessidades de desenvolvimento”. Ambos os países compartilhavam uma base de diálogo com a potência ocidental capitalista, porém, desde que baseadas nas necessidades de desenvolvimento de seus países. Mesmo sob ações de política exterior análogas, a busca pelo progresso e a disputa entre Brasil e Argentina pela hegemonia da América Latina continuavam. Nesse sentido o Paraguai era uma peça de importância estratégica, sobretudo após a queda de Frondizi, em meados de 1962, quando a política coincidente entre Brasil e Argentina foi interrompida. As relações diplomáticas foram mantidas, mas a convergência entre ambos ficou congelada no caminho (CERVO, 2007, p. 76).

16 Exemplos dos acordos e convênios são: Convênio de Amizade e Consulta Brasil-Argentina – abril de 1961; Encontro de João Goulart com Frondizi: assinatura da Declaração do Galeão – setembro de 1961; criação da Comissão Mista Permanente de Consulta – dezembro de 1961; Visita do chanceler argentino, Adolfo Mujica, a Brasília: acordos e convênios ligados ao serviço diplomático – julho de 1964.

No que confere aos diálogos entre Brasil e Paraguai durante a Guerra Fria, é notório destacar a labuta desses dois países contra a penetração comunista. Era o intento de assegurar a manutenção da ordem interna vigente que acabava por nutrir a proximidade política com os Estados Unidos. O posicionamento adverso à ideologia classificada como subversiva, ou seja, o comunismo, somava-se a outros fatores que tornavam Brasil e Paraguai países próximos. Nesse contexto se identificavam também como vizinhos lutando contra o mesmo inimigo.

La política del Brasil se basaba en una combinación de la flamante Doctrina de la Seguridad Nacional, que preconizaba la guerra total y una firme alianza con los Estados Unidos para proteger la civilización occidental, y la añeja tradición que ponía el acento en la importancia del espacio geográfico. Pronto la cooperación militar se convirtió en uno de los fundamentos de las relaciones brasileño-paraguayas y se vigorizó a fines del decenio de 1950 (MORA, 1993, p. 99).

Para Stroessner estar alinhado com os Estados Unidos contra o comunismo significava lograr assistência ao desenvolvimento local e, conseqüentemente, legitimar frente à sociedade sua posição de presidente da república e as políticas por ele executadas. Por isso o ditador não tardou em posicionar-se a favor do Ocidente e em adotar a Doutrina Norte-Americana de Segurança Nacional. Em troca dessa lealdade ideológica, os Estados Unidos cuidaram de projetar a tão necessitada ajuda econômica ao Paraguai e se tornaram, juntamente com a Argentina, seu maior sócio comercial entre as décadas de 1960 e 1970, recebendo 25% de seus produtos de exportação (MORA, 1993, p. 106). Para assegurar-se no poder, Stroessner utilizava os acordos comerciais e esses índices de avanço como resultados positivos de seu trabalho frente ao governo. Contudo, a população paraguaia não conseguia discernir que tais marcadores numéricos não correspondiam a um progresso engajado socialmente, ou seja, por mais que o país parecesse evoluir economicamente, os abismos entre as classes sociais paraguaias não encolhiam. A miséria do povo paraguaio não diminuía na mesma escala que os índices econômicos apresentados por Stroessner. Por mais que o ditador indicasse os números positivos de seu governo, os paraguaios continuavam sendo pobres e sem perspectivas pragmáticas de melhora.

A Argentina e as mudanças nas relações com o Paraguai

Uma considerável parte dos vetores que atuaram na mudança das relações entre Brasil e Paraguai passa pelo terreno da vizinha Argentina. A dependência paraguaia em relação à Argentina, que decorria do término da Guerra da Tríplice Aliança, vai paulatinamente diminuindo à medida que novos projetos são desenvolvidos com o Brasil. O que se passou a observar no século XX foi, na verdade, uma alternância da influência sobre o Paraguai, em que o governo local se aproveitava do interesse tanto do Brasil quanto da Argentina para barganhar vantagens de ambos os países, conforme suas prioridades. Concomitantemente a essa postura, a então dominante Argentina começou a perder sua posição de topo da economia latino-americana para seu histórico concorrente, o Brasil.

Durante a Segunda Guerra Mundial a Argentina apresentou ótimos índices econômicos. Isso se deve, grosso modo, ao grande volume de exportações de matéria-prima para os países europeus que, devido às conturbações da Guerra, estavam impossibilitados de exercer uma produção rotineira suficiente. A solidez de seu arranjo frente ao cenário mundial pode ser percebida na posição de neutralidade assumida diante das pressões norte-americanas durante boa parte desta Guerra: a Argentina tardou a aliar-se aos Estados Unidos contra os chamados países do Eixo. “Na visão da inteligência política Argentina, a neutralidade correspondia a um ato de soberania” amarrado aos interesses nacionais. Isso porque Perón “alçava a bandeira da luta contra o domínio de Wall Street e o imperialismo do dólar” (CERVO, 2007, p. 30, 72). A relação dos Estados Unidos com os territórios latino-americanos variava conforme a política de guerra e o envolvimento de cada país neste conflito. Por isso a história é traçada de maneira distinta em cada país deste continente, com alinhamentos mais estreitos, como no caso do Brasil e México, ou quase inexpressivo, como na Colômbia. O posicionamento argentino de “não alinhamento” neste conflito configurava sua política com os Estados Unidos, o que não quer dizer que aquele país rejeitasse a harmonia com a comunidade pan-americana. Afinal, o que estava em jogo era, sobretudo, aditamentos de ordem econômica. Não era estratégica para a Argentina a limitação de suas possibilidades com os países vizinhos.

No que confere às questões econômicas, após a Segunda Guerra, este país encontrou-se em gradativo declínio. Havia uma estagnação na agricultura por fatores como as secas; a

concorrência americana; a “expulsão de arrendatários” e a “transformação das terras em pastos”. A Argentina, como observou Ana Maria Santos, “não podia mais financiar suprimento de bens de consumo intermediário e de matérias-primas. Houve aumento da dívida e da inflação. As reservas cambiais se esgotavam e o déficit aumentava” (2001, p. 74).

O boicote estadunidense decorrente da neutralidade argentina acentuou esse quadro. Grande parte dos serviços públicos e indústrias de base não se encontravam sob o poder estatal. O fato era que os pilares de sustentação desse país não eram regidos pelo governo local. Nesse sentido, o que se observa na estrutura argentina é uma gritante fragilidade.

Os legados acúmulos capitais tiveram que ser utilizados em uma emergencial reestruturação, sobretudo em seus alicerces de ordem econômica. Como resultado, suas “divisas se habían evaporado; se habían esfumado las reservas de oro y de dólares que había acumulado el país como consecuencia de la guerra” (LUNA, 1997, p.214).

No segundo mandato de Perón, iniciado em 1951, sua atuação teve de ser menos nacionalista e populista “uma vez que a situação econômica já não lhe permitia as alegrias distributivas de outrora” (DABÈNE, 2003, p.145). Esse cenário de encolhimento econômico seguiu após a queda de Perón¹⁷. Enquanto o PIB do Brasil em 1955 era de US\$ 115 bilhões, o argentino marcava US\$ 99 bilhões (FAUSTO; DEVOTO, 2005, p. 321). Sobre esse quadro de crise e declínio dentro do cenário latino-americano o historiador argentino Félix Luna (1995, p.94) relata que o presidente Eduardo Lonardi consultou o maior economista argentino, Prebisch, para que avaliasse o quadro econômico do país. Os resultados foram expostos no relatório intitulado “Moneda sana o inflación incontible” e mostram a decadência dos índices que, segundo o pesquisador,

(...) señalaba la dilapidación de divisas y la descapitalización que había sufrido el país durante la década peronista y aconsejaba una devaluación de la moneda argentina, el desestímulo del consumo interno y una inflación que, de no aplicarse esos paliativos, sería a su juicio incontenible. En líneas generales, las indicaciones de Prebisch se siguieron, aunque la precariedad misma del gobierno provisional cortaba toda posibilidad de planes

17 A Argentina passou por um forte processo de declínio em sua posição de líder no que diz respeito à produção industrial latino-americana. Dos expressivos 40% em 1950, passou aos tímidos 10% em 1980.

de largo aliento: su resultado fue un sistema económico híbrido, en el que convivían resabios del estatismo peronista con expresiones del liberalismo más crudo.

Tal cenário de crise argentina não se apresentou de maneira efêmera. Ainda em maio de 1958 sua economia “presentaba el mismo cuadro de estancamiento relativo de los últimos años y su análisis no justificaba ningún optimismo sobre el futuro inmediato” (LUNA, 1997, p.97). No governo de Frondizi, a Argentina conseguiu se recuperar e alavancou seu processo de industrialização. Depois de aplicar a terapia de choque recomendada pelo Fundo Monetário Internacional, surge no país uma série de novas indústrias como destaque à de siderurgia e de automação. Com a inflação reduzida de 113% em 1959 para 27% em 1960, teve-se como resultado neste último ano um crescimento econômico na ordem de 7%. Porém, o nível social dos argentinos, que mudara drasticamente com a exorbitante queda de 25% em 1959, e a abertura ao capital estrangeiro não agradavam o meio dos nacionalistas (DABÈNE, 2003, p. 166). Os argentinos tinham menor poder aquisitivo enquanto assistiam seu país abrir os braços para as economias externas. Depois de um período de prosperidade, durante a Segunda Guerra Mundial, era difícil para os nacionalistas argentinos aceitarem a nova realidade. Dentro da América Latina observa-se que a política desenvolvimentista de Frondizi era, de fato, muito menos concreta se comparada com a de Juscelino Kubitshek, apresentando perspectivas consideravelmente menos palpáveis (FAUSTO; DEVOTO, 2005, p. 377). Durante a década de 1960, a realidade financeira da Argentina não era confortável, e tampouco estável.

Mientras la economía argentina enfrentaba crisis tras crisis en la década de 1960, declinaba la influencia de la Argentina en el Paraguay. En contraste, el creciente dinamismo económico del Brasil convirtió a este país en una fuente cada vez más importante de capital para el desarrollo. Paralelamente, el nuevo pensamiento geopolítico brasileño daba prelación a la fortaleza política y militar del Brasil. [...]El predominio argentino fue reemplazado en el Paraguay por el “imperialismo” brasileño. El Brasil comenzó a jugar un papel dominante en la sociedad paraguaya (MORA, 1993, p. 101).

A Argentina, aos poucos, foi perdendo espaço para o crescente Brasil. Desde a década de 1950 vemos a histórica inclinação guarani para a Argentina estremecer e mudar paulatinamente de direção. As relações entre estes dois países sofreram, entre 1955 e 1961, um “mercado

deterioro”. “Aunque no se interrumpieron las relaciones amistosas ni los lazos comerciales con la Argentina, el nuevo régimen de vinculación con este país debilitó su influencia política y comercial en el Paraguay” (MORA, 1993, p. 115).

Os vários acordos e projetos executados com o Brasil neste período possibilitaram que o Paraguai se fizesse presente assumindo uma nova postura. Afinal, o país ia se livrando da sufocante dependência do Porto de Buenos Aires e passando a respirar pelos tão ansiados 2 pulmões: oceano Pacífico e Atlântico, via Argentina e Brasil respectivamente. Muniz Bandeira (1993, p. 102) sinaliza que, como consequência, a política exterior paraguaia começou a se fundamentar na amizade com o Brasil e que o nacionalismo guarani passou então a ser fomentado contra a supremacia de Buenos Aires. A história das relações políticas do Paraguai na América Latina passou por importantes modificações. Mesmo permanecendo até a década de 1970 como a principal parceira econômica do Paraguai, é fato que, a partir da década de 1960, o intercâmbio econômico entre Argentina e Paraguai apresentava índices de considerável declínio, enquanto entre Brasil e Paraguai, tais índices experimentavam expressivo aumento. O maior destino dos produtos que saíam do país guarani ainda era a Argentina, contudo, a maior parte dos produtos que entravam via importação advinham, ano após ano, do vizinho Brasil¹⁸ (FIGALLO; BREZZO, 1999, p. 169).

Aproximação como política do Brasil

Durante a Segunda Guerra Mundial o presidente brasileiro Getúlio Vargas posicionou-se ao lado dos Estados Unidos com o claro objetivo de formar, no pós-guerra, a base para a ascensão do país ao posto de potência latino-americana. A não opção pelo lado alemão justifica-se mais por fatores econômicos do que ideológicos: a Alemanha não poderia ao menos oferecer o aparato militar necessário. Chegou-se, então, a enviar tropas militares com bandeiras verde e amarela aos campos de batalha italianos. Vargas, auxiliado pelas favoráveis condições conquistadas como resultado desse posicionamento obteve um grande impulso nas indústrias

18 Entre as décadas de 1950 e 1970 o Brasil aumentou 17 vezes sua produção industrial e, consequentemente, viu-se alargar a variedade de produtos comercializados com o vizinho Paraguai.

siderúrgicas de seu país. A inauguração da Siderúrgica de Volta Redonda, em 1947, é um clássico símbolo dessas conquistas, afinal, um país que detém sua tecnologia cria caminhos para um progresso autônomo e independente. A dependência tecnológica é uma característica dos países não desenvolvidos, que só evoluem no ritmo permitido pelo investimento externo.

A partir da década de 1950, o Brasil passa a reavaliar sua política externa e internacional, sobretudo no que confere às relações econômicas. Neste período o país, junto com outros do continente, apresentava um grande avanço no processo de industrialização. É fato que os países da América Latina, desde 1942, vinham diminuindo o número de importações e, após 1945, passaram a aumentar a quantidade e incrementar os preços dos produtos destinados à exportação. Isso gerava um desenvolvimento econômico que tornava possível a aplicação de recursos na indústria nacional. Por possuírem realidades históricas, políticas e sociais ímpares, a elevação dos índices econômicos dos vários países que compunham a América Latina apresentou números distintos. O Brasil, na ocasião, sobrepuja-se aos países vizinhos com uma ordem de 5,7% contra, por exemplo, um menos expressivo 2,7 % da Argentina. Sob o comando de Kubitschek desde 1956, a indústria, mesmo que ao custo de um endividamento público¹⁹, progrediu com uma taxa anual expressiva de 10% ao ano (DABÈNE, 2003, p. 130).

A busca por uma ampliação efetiva das relações políticas e econômicas passou a ser um projeto político brasileiro. Nesse sentido, era preciso antes de tudo tratar de suas imediações e finalmente estabelecer um melhor e mais firme posicionamento dentro da América Latina. Para tanto, diminuir a dependência paraguaia em relação à Argentina era um dos pontos que deveria ser trabalhado com urgência.

Com a presença do general Alfredo Stroessner na presidência paraguaia a partir de 1954, as relações entre os dois países se estreitaram perceptivelmente. Uma série de políticas e projetos foram elaborados e executados conjuntamente. Grandes exemplos disso são as construções

19 O país com maior índice de desenvolvimento industrial também ocupou o topo da lista da dívida externa na América Latina. O Brasil, em 1975, devia cerca de 27,33 bilhões de dólares, enquanto a Argentina e o Chile apresentavam índices de 7,72 e 5,52 bilhões, respectivamente.

das linhas rodoviárias Coronel Oviedo-Porto Presidente Franco²⁰ e Concepción-Pedro Juan Caballero. Outras grandes obras foram a Ponte da Amizade²¹ sobre o rio Paraná, que passou a ligar Brasil e Paraguai; e a edificação da usina hidrelétrica de Itaipu²², na ocasião, a maior do gênero no mundo. Itaipu representou um marco na expansão econômica e geográfica do Paraguai. Foi a partir dela que o extremo leste do país passou a ser valorizado, redesenhando o espaço fronteiriço até então existente. É neste mesmo momento que se inicia a ocupação de terras do extremo leste paraguaio por colonos brasileiros.

Este cambio del eje Sur por el eje Este tendrá consecuencias políticas, económicas y espaciales relevantes. En el plano político significa la integración de Paraguay a la órbita brasileña en detrimento de Argentina, lo que posibilitó que los intercambios comerciales crecieran con el Brasil a partir de la década del '70. En términos espaciales, es la Región Oriental de Paraguay la que evoluciona. El eje Sur, fluvial, rutero y ferroviario hacia Buenos Aires, donde la ciudad fronteriza de Encarnación era el dispositivo de interfase con Argentina, fue paulatinamente perdiendo importancia ante el surgimiento del eje Este hacia Brasil y la creación de la ciudad de Puerto Presidente Stroessner, luego Ciudad del Este (VÁSQUEZ, 2007, p. 07)

Essas obras envolviam valores econômicos e simbólicos que atuaram expressivamente no desenvolvimento político de ambos os países. No caso do Brasil, além das consequências práticas, elas tinham o poder de demonstrar aos seus cidadãos e também aos parceiros comerciais internacionais o nível de desenvolvimento no qual o país estaria caminhando. Com isso, criava e passava-se a imagem de um país pronto para ocupar o patamar de potência regional, superando a passos firmes a nação argentina, sua grande concorrente nesta disputa. Com a subida de Stroessner ao poder, viu-se um novo e próximo diálogo com o Brasil. Isso não significa que a proximidade com a Argentina tenha sido rompida. O que de fato ocorreu foi que “el gobierno paraguayo se apresuró a tomar distancia de la Argentina, aunque el nuevo presidente

20 Essa estrada foi financiada por recursos brasileiros e entregue ao governo paraguaio em 30 de junho de 1959.

21 A Ponte da Amizade foi inaugurada em 27 de janeiro de 1961.

22 O Tratado de Itaipu foi assinado em 1973. Essa usina iniciou seu funcionamento em 1982.

comprendió que era importante mantener relaciones amistosas con Perón, y fue eso lo que hizo” (MORA, 1993, p. 94).

Na década de 1960, o Brasil apresentava crescimentos econômicos que lhe permitiram ser um dos mais expressivos articuladores das indicações desenvolvimentistas que acarretaram na criação, em 1964, da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad). Pretendia-se, nesta ocasião, inserir ativamente na economia mundial os países em desenvolvimento (ALMEIDA, 2007, p. 14).

Procurando consolidar-se como o país mais poderoso e influente da América Latina, o Brasil trabalhava para diminuir a fragilidade de suas relações com o Paraguai. Eram percebidas como positivas as respostas dadas pela política externa brasileira quando se apresentava uma verdadeira aproximação com o vizinho Paraguai. A imprensa brasileira costumava publicar notas sobre os trabalhos realizados em terras guaranis e, mais do que isso, discursava sobre os motivos que justificariam tamanho dispêndio. O Brasil, como país mais desenvolvido, agia sob condição discursiva de “contribuinte”. Não que isso representasse uma ação elaborada com fins sociais, afinal, esse ato de “contribuição” corria sob prazo de devolução. Corriam nas notícias²³ menções aos trabalhos do Itamaraty que demonstravam seus objetivos políticos pragmáticos no Paraguai.

[...] É da própria intenção do nosso país contribuir para o levantamento e a independência econômica do Paraguai propiciando-lhe condições favoráveis de desenvolvimento, incentivando a aplicação de capitais e indústria de transformação em seu território, a fim de que ele possa em futuro talvez próximo, construir autêntico mercado para nossos produtos.

Trazer o país guarani para sua área de influência significava, além da diminuição da atuação hegemônica argentina, a ampliação de um mercado destinado às exportações brasileiras. O Brasil enxergava no país vizinho uma fenda²⁴ a ser penetrada. Dela obteria rentáveis e promissoras relações econômicas. Como mostra Menezes (1987, p. 20), nas décadas de 60 e 70

23 *Jornal O Estado de São Paulo*, 11 nov, 1956. p. 20 apud Moraes (2000).

24 Este espaço à presença brasileira no Paraguai será tratado como “fenda” em várias passagens deste livro.

do passado século, o mercado paraguaio que era secularmente atrelado ao argentino passou a ter a presença crescente de produtos brasileiros:

O comércio brasileiro com o Paraguai, que era quase nulo, cresceu enormemente após a histórica reaproximação entre os dois países. A exportação paraguaia para o Brasil é pesadamente concentrada em algodão, menta, madeira, soja e alguma carne. Já a exportação do Brasil para o Paraguai é principalmente de produtos manufaturados, como caminhões, automóveis, ônibus, geladeiras, televisores, pneus, gasolina, cerveja, papel de toda espécie, tecidos, sapatos, detergentes, produtos de aço, ar condicionado, algumas máquinas de calcular, tratores, eletrodomésticos em geral, bicicletas, armas, munição, móveis, equipamentos médicos, aviões, produtos plásticos em geral, cimento, comida industrializada e outros produtos.

De fato, ser parceiro do Paraguai trouxe resultados que representavam uma vitória histórica, uma reordenação nos posicionamentos dos Estados que lideravam o continente sul-americano. Sob novas perspectivas de se estabelecer na posição de líder, o Brasil alcançava índices e *status* que acabavam por trazer reconhecimento e valorização ao trabalho do seu Governo e do atuante Itamaraty.

Brasil como estratégia política de Stroessner

Desde o período da colonização espanhola no Paraguai, a cidade de Assunção, sua capital, correspondeu ao ponto central do país. As expansões paraguaias ocorreram primeiramente nas imediações dessa cidade. A parte sul do território, por exemplo, foi colonizada e controlada pelas Missões Jesuíticas, assumindo outro posicionamento dentro da história do Estado. Entre os anos 50 e 70 do século XX, o grande foco de movimentações políticas e econômicas se encontrava na região de Assunção, de onde o Paraguai se comunicava com o mundo por via fluvial, rodoviária e aérea. Na grande maioria das vezes, era com a capital que o Brasil precisava contatar para efetivar negócios no Paraguai.

Enquanto o Brasil enxergava no Paraguai um ponto a ser aberto, ou uma fenda a ser explorada, este por sua vez gozava da oportunidade de melhorar sua realidade econômica e social enquanto desprendia-se da antiga dependência argentina.

Conforme o interesse local, aproveitou-se a condição de disputa entre Brasil e Argentina para adquirir benefícios. Para o Paraguai a mudança no eixo central das relações econômicas internacionais, de Paraguai-Argentina para Paraguai-Brasil, resultou em uma ampliação das potencialidades, não só com a América Latina, mas com os outros continentes do globo. A saída paraguaia via oceano Atlântico modificaria profundamente o comércio com os países dos outros continentes. A parceria com o Brasil era bem vista, afinal, minimizar os efeitos da Guerra da Tríplice Aliança era uma questão de urgência. Moniz Bandeira (1993, p.102) resume como o Brasil vinha se encaixar nos objetivos do presidente Colorado, Alfredo Stroessner:

(...) consistia, sem dúvida, em jogar com imagens de prestígio e aparência de apoio uma vez que a amizade com o Brasil constituía o fundamento da política exterior do Paraguai, onde o Partido Colorado, a fomentar internamente o nacionalismo contra a supremacia de Buenos Aires, a ela recorria como esteio para eventuais pressões quer contra a Argentina quer até mesmo contra os Estados Unidos.

Nesta relação entre vizinhos, os guaranis viam no Brasil resultados rentáveis. Com o impulso na circulação da economia abriam-se novas possibilidades de avanços nos mais diversos setores daquela sociedade. A parceria que se estabeleceu, sobretudo nas décadas de 1960-70 sob o governo de Stroessner, vinha ao encontro das necessidades paraguaias. Era o necessário “segundo pulmão” que permitiria respirar além do Porto de Buenos Aires. O Brasil começa então a ocupar outro papel dentro deste território. A imagem de vizinho ameaçador foi paulatinamente substituída pela de amigo parceiro.

É também medianamente claro que uma boa parte do futuro econômico paraguaio, de uma ou outra maneira, está ligado ao Brasil através de fatores como Itaipu, os portos livres de Santos e Paranaguá para a exportação e importação de produtos, a venda de energia para o Brasil, a ligação entre os dois países pela Ponte da Amizade sobre o rio Paraná, o turismo, o contrabando em ambas direções, a conexão rodoviária (...), o apoio político brasileiro a Stroessner e o seu Partido Colorado e, finalmente, a incrível imigração de brasileiros para o Paraguai e suas conseqüências (MENEZES, 1987, p. 15).

Além dos resultados numéricos e pragmáticos do estreitamento das relações com o Brasil, havia as conseqüências simbólicas que tinham o poder de posicionar discursivamente o presidente Stroessner como um grande político capaz de finalmente conduzir o Paraguai ao progresso.

Portanto, ao contribuir com a economia paraguaia, o Brasil contribuía para a consolidação do regime ditatorial, na medida em que Stroessner disso tirava o melhor partido, destacando em seus discursos, como fruto de sua política, a colaboração e amizade do poderoso vizinho, para cuja continuidade e intensificação era fundamental a persistência do clima de ordem e de paz que ele estabelecera. E isso dependia de sua própria permanência no poder, uma vez que ele era a garantia de ordem, tranquilidade e segurança para os investimentos estrangeiros no país (MORAES, 2000, p. 99).

Em discurso, ser parceiro do Brasil significava estar caminhando de mãos dadas com o país que, com o declínio argentino após a Segunda Guerra, caminhava para consolidar-se como a mais rica e progressiva nação da América Latina. Dentro do aparato discursivo que sustentava o governo ditatorial essa conquista procurava legitimar o conhecido slogan: “Paz, Trabajo y Bienestar com Stroessner”. Afinal, um Estado coercivo e autoritário precisava apresentar periodicamente resultados, numéricos e simbólicos, para que suas estruturas não fossem questionadas e rompidas. Se a população enxergasse na figura do ditador o responsável pelos avanços que o Paraguai vinha apontando, ficaria mais segura sua permanência no poder, ou seja, no comando das políticas desenvolvidas pelo Estado. Nesse sentido, o Brasil se fazia útil e necessário.

É sobre o valor e o aproveitamento das obras realizadas, tanto para o Brasil como para o Paraguai, que Moraes (2000, p. 97) discute, ao avaliar, por exemplo, os resultados da construção da Ponte da Amizade, que:

(...) mais do que qualquer outra obra, permitia a Stroessner apresentar-se como modernizador e grande realizador de obras em benefício de seu país, propiciando-lhe sair do isolamento e superar o secular atraso econômico, cultural e tecnológico. Além disso, dava-lhe a possibilidade de fazer frente à Argentina, uma vez que, mais do que qualquer outra coisa, significava e representava o apoio e a amizade do governo brasileiro.

A abertura das relações entre paraguaios e brasileiros trazia a possibilidade de movimentações econômicas antes impensáveis. Stroessner sabia utilizar isso para fazer-se mister junto ao comando do país.

(...) la relación comercial del Paraguay con el Brasil cambió radicalmente. En 1960, las compras brasileñas representaban menos de 1 por ciento de las exportaciones paraguayas, pero para 1980 ese índice había subido hasta el 20%. Las importaciones desde el Brasil, en 1960, alcanzaban también a menos del 1%, pero veinte años más tarde se habían incrementado a casi el 23% de las importaciones totales del Paraguay. En la década de 1960, el Brasil comenzó a cortejar al gobierno de Stroessner con diversos incentivos, que incluían el aumento gradual de las inversiones y la construcción de nuevos edificios para el gobierno y la Universidad Nacional de Asunción. En 1972, el capital brasileño invertido en el Paraguay llegaba a 120 millones de dólares (MORA, 1993, p. 99).

O Brasil encontrou na figura desse presidente grande apoio ao seu esforço de aproximar os dois países. Por outro lado, Stroessner tinha no Brasil uma fonte de planos e projetos para expandir-se politicamente e desenvolver-se economicamente. Como consequência, viu-se, conforme aponta Menezes (1987, p. 09), que “o Brasil substituiu a Argentina como o principal parceiro comercial do Paraguai”. Nesse contexto, havia “tentativas da diplomacia brasileira, em sua primeira real abertura para o mundo hispano-americano, em ter o Paraguai como exemplo de colaboração internacional, como parceiro nas decisões geopolíticas regionais e futuro mercado para os produtos brasileiros”.

Como se pode observar, a remodelação das relações entre os dois países é fruto de diálogos de interesses, sobretudo econômicos, que existiram ao logo de pelo menos 3 décadas. Vários foram os veículos utilizados neste caminho, dentre eles o cultural. Para que existisse uma nova lógica econômica entre paraguaios e brasileiros era necessário diminuir a distância cotidiana que afrouxava suas relações. Tanto o Brasil como o Paraguai enxergavam nesta paisagem uma próspera colheita a curto, médio e longo prazo.

Capítulo 2

A MISSÃO CULTURAL BRASILEIRA NO PARAGUAI

Desde 1941, o Convênio de Intercâmbio Cultural animava a promoção de conhecimento mútuo entre Brasil e Paraguai. Uma de suas primeiras manifestações concretas ocorreu por parte do governo brasileiro em janeiro de 1942, com a criação do Instituto Brasil-Paraguaio na cidade do Rio de Janeiro. Para embasar uma contraparte, foi criada no ano de 1943, na cidade de Assunção, o Instituto Paraguai-Brasil. Trabalhando neste instituto como enviado do Brasil, o historiador Guy de Holanda somou-se a outros professores paraguaios como Hermógenes Rojas Silva, Mariano Morínigo e Osvaldo Chaves na fundação da Escola de Humanidades de Assunção, que em 1948 tornou-se a Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional de Assunção²⁵, tal como se apresenta até o presente momento.

Durante a visita do Ministro da Educação do Paraguai, Sigfrido Gross Brown²⁶, ao Brasil em janeiro de 1944, foram expostos, dentre outros, os problemas de cunho educacional do cenário paraguaio. Brown propunha nesta ocasião a criação de uma Cidade Universitária que abrigasse os diversos cursos superiores da Universidade Nacional de Assunção. O Ministro sugeriu que o local fosse fruto de um acordo entre o Estado brasileiro e o paraguaio, sendo financiado não pelo Banco do Brasil, mas diretamente pelo governo brasileiro. Com este acordo, tinha-se a intenção de criar uma base para a reestruturação da educação paraguaia.

25 A embaixada do Brasil no Paraguai, na tentativa de reconstruir a história de sua atuação, relembra um pouco da trajetória dos acordos culturais entre os dois países. Disponível em: <www.enbajadabrasil.org.py>. Acesso em: 27 nov. 2006.

26 Brown, personalidade de confiança do governo paraguaio, era formado em Direito Comercial e havia sido anteriormente ministro do Supremo Tribunal.

Neste ano, o professor brasileiro Ernesto de Souza Campos estava em viagem pela Europa e outros países da América realizando estudos aprofundados para a construção do que viria a ser a Cidade Universitária do Rio de Janeiro. O ministro da Educação do Brasil mostrou tamanho interesse pela proposta de Brown que sugeriu um encontro entre ele e Souza Campos a fim de estabelecer possíveis acordos sólidos no campo educacional dos dois países²⁷.

Desde esta visita do ministro paraguaio ao Brasil em 1944, pontuou-se a criação do Instituto Cultural Paraguai-Brasil²⁸, que, *a priori*, ofereceu aos paraguaios o ensino da língua portuguesa. Brown assinalava que a planejada instituição deveria ser ampliada atingindo um público extenso e tornando-se um ponto estratégico de aproximação entre os dois países. Este instituto deveria seguir os moldes e a orientação adotados no Brasil. Em documento²⁹, o Itamaraty detectou o desejo do Ministro paraguaio de inclinar o setor intelectual de seu país ao vizinho Brasil:

El Ministro de Educación Del Paraguay asigna fundamental importancia a este punto. Considera a la Escuela Brasil, de Asunción Del Paraguay, como el campo más propicio para poner en ejecución, juntamente con el desarrollo de los más modernos planos pedagógicos, los ideales de mutua comprensión, conocimiento recíproco y armonía de sentimientos de los pueblos paraguayo y brasileño, ideales hacia los cuales se orienta decididamente la acción de los gobiernos respectivos. Por eso, quisiera ver en dicha escuela la expresión del más alto grado de adelanto técnico y pedagógico de la enseñanza brasileña, y está dispuesto a prestar de su parte toda la colaboración posible para asegurar a la escuela Brasil el éxito de sus actividades. Vería con grado se concretase así la edificación de una escuela modelo.

Os planos de atuação do Itamaraty no cenário cultural e educacional do Paraguai não se apresentavam com uma finalidade efêmera ou sob efeito de casualidade, pois seus projetos eram muito bem estruturados e delimitados. Quando se alude à “mútua compreensão,

27 DCI/542.6(43)/1944/Anexo único. AHI-RJ Reservado. Síntese da entrevista do ministro S. Gross Brown com o embaixador P. Leão Velloso. 17/02/1944.

28 Nos projetos de 1944 o referido Instituto recebia o provisório nome de Escola República do Brasil.

29 DCI/542.6(43)/1944/Anexo único. Itamaraty-RJ. Reservado. Síntese da entrevista do ministro S. Gross Brown com o embaixador P. Leão Velloso. 17/02/1944.

conocimiento recíproco” e principalmente à “armonía de sentimientos de los pueblos paraguayo y brasileño,” remete-se à aproximação real pretendida pelos dois países. Trata-se de um projeto político de fôlego.

É fato que a visita de Brown “apresentou pretensões que não haviam sido ainda cogitadas e que envolvem volumoso dispêndio”³⁰, o que acabou por impulsionar o Itamaraty nas atividades que mais adiante deram origem à Missão Cultural Brasileira no Paraguai.

Da antiga participação direta na Escola de Humanidades do Paraguai desde 1944 resultou uma substancial dilatação. Em 31 de março de 1952, por meio de troca de documentos, o programa de atividades culturais e educacionais brasileiro em solo guarani passou a existir oficialmente sob o formato e a nomenclatura de Missão Cultural Brasileira no Paraguai. O complexo acordo firmado entre governo brasileiro e paraguaio regulamentava uma série de atividades de cunho educacional e cultural entre ambos os países.

Sobre a natureza da Instituição o regulamento interno pontuava que a Missão correspondia a um órgão permanente de assistência técnica no plano cultural e educacional mantido pelo governo brasileiro, sendo diretamente subordinado ao Ministério das Relações Exteriores.

Em acordo com o Ministério de Educação e Cultura do Paraguai a Missão tinha como finalidade a assistência docente; assistência técnica em assuntos educacionais e o intercâmbio cultural entre os dois países. Uma ampla teia de atuação dentro do cenário de cultura e educação que foi abundantemente explorada no corolário de 22 anos.

Atividades e abrangência da Missão

Antes dos números da Missão o que mais impressiona é a sua abrangência, sua grande área de influência. A sua atuação sólida e crescente é descrita nos Relatórios Anuais³¹, em que o chefe da Missão, por meio da Embaixada Brasileira em Assunção, mantinha o Itamaraty informado sobre todas as atividades exercidas pela instituição ao longo de cada ano. As informações sobre os encaminhamentos de todos os trabalhos desenvolvidos dentro do acordo firmado em

30 542.6(43) AHI- RJ. Confidencial. Visita do Ministro Gross Brown. 21/01/1944

31 Os Relatórios Anuais compõem a nossa mais expressiva fonte sobre as atividades da Missão.

1952 deveriam estar acessíveis às autoridades responsáveis pelo desenvolvimento e progresso do intercâmbio acordado entre Brasil e Paraguai. Era por meio desses relatórios que, além do monitoramento necessário para o controle da Instituição, o Itamaraty conseguia projetar novas atividades cabíveis ao período histórico e à conjuntura política dos anos de seu funcionamento.

Os planejados trabalhos da Missão iam desde a educação infantil, passando pela secundária e superior, chegando ao nível de especialização. Dentre suas atividades estava a Escola Estados Unidos do Brasil, que atendia crianças paraguaias de nível primário. Estava também o Instituto Cultural Paraguai-Brasil que, além de coordenar várias atividades culturais, possuía algumas ramificações: o Centro de Estudos Brasileiros, que difundia conhecimentos sobre o Brasil, oferecia aulas de português e aplicava prova de proficiência da língua; e a Escolinha de Artes que proporcionava diversas atividades relacionadas à sua temática.

Já na Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional de Assunção³², a Missão atuava por meio de professores brasileiros que nela lecionavam disciplinas de fundamental importância. Posteriormente suas atividades foram expandidas com a implantação do Colégio Experimental Paraguai-Brasil.

Além das atividades consideradas mais relevantes, existia uma série de outras que auxiliavam a difusão da cultura e do conhecimento brasileiro dentro do Paraguai.

A Escola Estados Unidos do Brasil oferecia³³ ensino da língua portuguesa; música; projeções de filmes brasileiros; atos comemorativos de datas relevantes para o Paraguai e para o Brasil; visitas de personalidades; concursos, dentre outros. O Itamaraty enviava para a Escola uma verba anual extra que se destinava também à remuneração de profissionais infrequentes na cidade de Assunção como, por exemplo, dentistas e professores de piano. Ali uma gama expressiva de pessoas frequentava suas atividades. Em 1953, a aceitação por parte dos paraguaios se refletia na procura pelos serviços prestados: eram 12 turmas de alunos funcionando simultaneamente nas dependências da Escola Estados Unidos do Brasil. Ela era organizada e administrada com

32 Durante este trabalho, a Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional de Assunção será tratada diversas vezes como “Faculdade de Filosofia”.

33 239/542.6 (43)/1964. AHI-RJ. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

tamanha seriedade que no ano de 1964, como resultado de seu trabalho junto à comunidade paraguaia, observa-se o número expressivo de 1.000 assistidos em suas atividades fixas anuais³⁴.

O Instituto Cultural Paraguai-Brasil coordenava diversas atividades culturais em Assunção. Sua administração era realizada via Comissão Diretiva, a qual era composta por presidente; vice-presidente; vogais titulares e suplentes; síndico titular e suplente. No ano de 1953, o Centro de Estudos Brasileiros, uma de suas ramificações, contava com 250 alunos e uma vasta lista de espera formada por paraguaios interessados em aprender a língua falada no Brasil³⁵. O reduzido corpo docente e estrutura material limitavam a ampliação do número de estudantes. Mesmo assim, esse índice não só foi mantido como, em 1964, alcançou um total de 285 alunos assistidos³⁶. Neste Centro, os paraguaios, além de aprender, também faziam o exame de proficiência em Língua Portuguesa que, devido ao estreitamento comercial entre Brasil e Paraguai, ia se tornando cada vez mais requisitado.

Criada em 1959, a Escolinha de Artes, ou popularmente conhecida como “escolinha”, também pertencia ao Instituto. Foi neste setor da Missão que por muito tempo as professoras Yolanda Gama Macedo e Olga Blinder³⁷ se dedicaram a ensinar as primeiras noções e impressões³⁸ sobre o Brasil por meio de atividades recreativas e pedagógicas envolvendo artes. A paraguaia Olga Blinder, renomada professora e artista, ministrava aulas de pintura, cantigas de roda e alfabetização. Na escolinha realizaram-se diversos cursos, exposições e mesas redondas sobre arte infantil. Várias obras provindas deste setor participaram de eventos internacionais de arte infantil tendo alguns trabalhos conquistado prêmios e menções honrosas em diversos países. Posteriormente, Lívio Abramo, brasileiro de grande prestígio no Paraguai, passou a ser o coordenador destas atividades. Ainda dentro da “escolinha”, a cargo da professora local Adela Marinon, havia o Jardim de Infância que em 1964, devido ao grande número

34 542.6 (43) AHI-RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1953. 08/01/1954.

35 542.6 (43) AHI-RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1953. 08/01/1954.

36 239/542.6 (43)/1964. AHI-RJ. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

37 Pude entrevistar Olga Blinder em sua residência em Assunção no ano de 2007. Personalidade de grande prestígio, Olga faleceu em 2008.

38 O uso das atividades da “escolinha” é analisado no capítulo 3.

de instituições do ramo, foi extinto das programações da Missão, seguindo em atividade os demais cursos do setor³⁹.

O Atelier de Arte Moderna da Missão era organizado por iniciativa da professora Olga Blinder. Destinava-se a adultos, particularmente professores de desenho, dentre os quais se procurava difundir as ideias pedagógicas de expressão da personalidade infantil através da arte. Em 1963, o número total de alunos neste setor artístico chegou a 203⁴⁰.

Ainda dentro dos trabalhos do Instituto Cultural Paraguai-Brasil, existia um programa frequente de exposições de arte das mais variadas formas. São exemplos da multiplicidade dessas exposições as ocorridas no decorrer do ano de 1953, com as peças da 2ª Bienal de São Paulo e a Mostra de Fotografias das obras do artista barroco Aleijadinho.

Outro expressivo trabalho da Missão, e o de maior reconhecimento por parte do Itamaraty e do governo paraguaio, é o Atelier de Gravura batizado com o nome de Yaparí y Tilcara⁴¹. Atrelado ao Instituto Cultural Paraguai-Brasil e dirigido por Lívio Abramo, este espaço proporcionou o ensino dianteiro das técnicas de gravura. No atelier, formaram-se os primeiros e mais renomados profissionais deste setor no Paraguai. Eram gravuras que se destinavam não só à produção artística em tela, mas também à ilustração diária dos periódicos e das publicidades locais. Abramo levou sua especialização e seus instrumentos de trabalho disponibilizando ao Paraguai grandiosa contribuição na Faculdade de Arquitetura e no Instituto superior de Artes, tornando-se referência nos mais diversos âmbitos artísticos do país. No atelier de gravadores trabalhavam com a Missão as também artistas Maria Adela Solano Lopes, Olga Blinder, Lotte Schultz e Edith Jiménez. Esta última foi enviada, como bolsista do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, à cidade brasileira de São Paulo, onde permaneceu por 3 anos frequentando a Escola de Artesanato do Museu de Arte Moderna. O objetivo da estadia de Jiménez no Brasil era seu regresso ao Paraguai para que ao lado de Lívio Abramo atuasse sob a condição de diretora do atelier, o que de fato ocorreu em 1962.

39 239/542.6 (43)/1964. AHI-RJ. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

40 239/542.6 (43)/1964. AHI-RJ. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

41 Esses eram os nomes de dois indígenas guarani que se acredita ser os primeiros gravadores do Paraguai. Suas gravuras remontam os tempos dos Jesuítas do século XVIII.

O Instituto Cultural Paraguai-Brasil consolidou-se em território guarani como um centro provedor de cultura e educação. Dividia-se em dois departamentos: o Cultural, dirigido pelo chefe da Missão, e o Social, dirigido por um membro da diretoria. Em seus projetos anuais estava a promoção de festas consideradas estratégicas para a difusão da cultura brasileira em território guarani. Como exemplo podemos citar⁴² a realização de festas do tipo folclóricas, como a junina, e nacionalistas, como a de comemoração da independência do Brasil no dia 07 de setembro.

Outro grande ramo de atuação do Instituto Cultural Paraguai-Brasil era os tão requisitados cursos e conferências de ordem inédita dentro do território guarani. Algumas destas últimas chegaram a ser editadas, publicadas e veiculadas pelo Instituto, como é o caso da conferência intitulada “El reconocimiento de la independencia del Paraguay por el Brasil”, proferida em 1953⁴³. Cabe acrescentar que muitos destes cursos e conferências promovidos pela Missão despertavam tamanho interesse nos paraguaios que, carentes de especializações, solicitavam aos ministrantes brasileiros um retorno para que os profissionais locais pudessem se aperfeiçoar. Eram cursos que permitiam ao Brasil introduzir novas técnicas e aprofundar conhecimentos específicos. Isso ocorria com maior frequência nos temas relacionados à saúde, como medicina, odontologia e enfermagem, que se encontravam em agravante retardo. Grande exemplo da participação brasileira nos estudos ligados a esta área foram as “Jornadas Paraguaio-Brasileiras de Medicina Interna” realizadas na cidade de Assunção nos anos de 1953 e 1954, em que se discutiu, dentre outros, temas como acidentes vasculares cerebrais, hepatite, lepra e meningite⁴⁴.

Havia ainda outros eventos científicos de grande expressão que foram realizados no âmbito da Faculdade de Filosofia, como em 1954, quando o Professor Álvaro Vieira Pinto ministrou, em três encontros semanais, o curso semestral sobre “Filosofia Contemporânea”, inteiramente original naquele país. Os participantes eram em grande parte alunos da própria faculdade, porém, se fizeram presentes também diversas personalidades intelectuais paraguaias⁴⁵.

42 Vide quadro 01.

43 542.6 (43) AHI-RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1953. 08/01/1954.

44 542.6 (43) AHI -RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1954. 01/1955.

45 542 6 (44)/299 AHI-RJ Professor Álvaro Vieira Pinto à Secretaria de Estado das Relações Exteriores. 11/1954

Outro exemplo de eventos organizados pelo Instituto Cultural foi o “Seminário sobre Ensino Universitário,” ministrado pelo professor brasileiro convidado pelo Itamaraty, Luiz Alves de Mattos, e realizado no ano de 1963. Na ocasião, teve-se um público ouvinte expressivo com a soma de 180 docentes provindos de todas as Faculdades de Assunção. Acontecimento de grande repercussão no meio acadêmico, seu encerramento foi presidido pelo então embaixador do Brasil, Dr. Mário Palmério⁴⁶.

Constantemente o Instituto Cultural Paraguai-Brasil organizava, em parceria com estudantes paraguaios, viagens com destino ao Brasil. As principais cidades desejadas pelos paraguaios eram Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo. A Missão ajudava na elaboração dos roteiros e intermediava apoio nos locais de destino. Nestas viagens, os paraguaios visitavam pontos turísticos e universidades onde participavam de atividades científicas como Congressos e Seminários. Também era a Missão que se encarregava de recepcionar as caravanas estudantis brasileiras que chegavam a Assunção, providenciando contatos estratégicos, hospedagem e programações acadêmicas especiais. Observa-se que grande parte do conhecimento científico oriundo do Brasil, seja no caso de paraguaios que vinham ao Brasil, ou de especialistas brasileiros que iam ao Paraguai, passava pela Missão⁴⁷.

Dentro do Instituto Cultural Paraguai-Brasil havia ainda outras atividades de grande repercussão social, não só pelos comentários por parte daqueles que delas participavam, mas também pela imprensa nacional. Isto fazia com que o chefe da Missão o considerasse⁴⁸ como, “sem dúvida, um centro de cultura e prestígio social”. Por meio do Instituto executou-se exposições de artes, arquitetura, fotografias, apresentação de corais, recitais e concertos. As atividades não apresentavam solução de continuidade e a execução de projetos⁴⁹ dentro do Paraguai tornou-se uma prática rotineira e crescente.

Outras atividades frequentes da Missão organizadas pelo Instituto eram as recepções a autoridades paraguaias. Nestes eventos organizavam-se jantares e festas comemorativas com personalidades de renome como reitores, professores, artistas, políticos, diplomatas e jornalistas.

46 239/542.6 (43)/1964. AHI-RJ. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

47 239/542.6 (43)/1964. AHI-RJ. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

48 542.6 (43) AHI-RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1953. 08/01/1954.

49 Vide quadro 01.

Muitas vezes a Missão também era convidada a participar de jantares oferecidos por figuras importantes daquela sociedade e enviava um de seus representantes para estar presente e, em muitos casos, discursar perante os demais. Em 1955, por exemplo, a Missão considerou importante comunicar à embaixada brasileira que Juan Ramírez ofereceu, em homenagem aos professores da Faculdade de Filosofia, um jantar no tradicional Unión Club da capital paraguaia. Em seu nome fez-se presente o encarregado de negócios, Vicente Paulo Gatti. Entre os demais convidados estava o ministro da educação e cultura do Paraguai, Raul Peña. Não era incomum que destas festas e encontros frutificassem notas e artigos em jornais locais⁵⁰.

Na Faculdade de Filosofia, as ações da Missão se mostraram complexas e expressivas⁵¹. Um dos pontos mais interessantes e relevantes no entendimento da atuação da Missão nesse ambiente era o trabalho de professores brasileiros. A escassez de docentes foi sinalizada em 1944, quando o Ministro Gross Brown esteve no Brasil. Foi a partir desta carência de docentes que ocorreu a abertura para o surgimento da Missão. Estes profissionais eram responsáveis, desde o convênio firmado em 1952, por pelo menos duas disciplinas fundamentais da Faculdade⁵²: Psicologia e Didática Geral. Contudo, conforme as oportunidades se apresentavam, foi possível, no decorrer dos anos, que outros educadores fossem integrados ao Itamaraty e trabalhassem a cargo da Missão em disciplinais como Língua Portuguesa, Literatura Luso-Brasileira, Didática Geral, Psicologia da Adolescência, Psicologia Geral, Psicologia Evolutiva e Psicologia Educacional. Em algumas oportunidades, os professores da Faculdade de Filosofia ministravam curso de psicologia na Escola de Educação Física das Forças Armadas do Paraguai⁵³.

Nos relatórios e ofícios, os chefes da Missão salientavam a necessidade de assegurar a excelência dos docentes para que, segundo eles, a reputação e o prestígio adquirido na Faculdade não apresentassem rupturas ou defasagem⁵⁴. Deste modo, os selecionados eram professores que atuavam em instituições renomadas no Brasil e com vasta bagagem

50 542.6 (43) AHI-RJ. Elogios do Decano da Faculdade de Filosofia à Missão Cultural Brasileira. 08/11/1955.

51 Compreenderemos melhor essa complexidade no capítulo 3. Aqui nos detemos estritamente a pontuar suas atividades.

52 542.6 (43) AHI-RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1953. 08/01/1954.

53 239/542.6 (43)/1964. AHI-RJ. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

54 542.6 (43) AHI -RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1954. 01/1955.

intelectual⁵⁵. Para o processo de admissão de todos os docentes a Missão organizava um edital com requisitos considerados essenciais e o processo de seleção ficava a cargo da comissão formada pelo Itamaraty. Nele eram analisadas a idoneidade pessoal e funcional dos interessados, os títulos e trabalhos que os acreditssem especialistas das disciplinas para as quais se indicavam e, por fim, o tirocínio de pelo menos um ano de magistério. O respeito por estes brasileiros profissionais de ensino era, de sorte, expressivo. Era costumeiro visá-los para compor o quadro técnico da Faculdade de Filosofia. Temos, em 1954, o exemplo de Albino Peixoto, professor que na ocasião foi designado membro da Comissão de Extensão Universitária daquela instituição⁵⁶.

Além da oportunidade de ensinar em outro país com salários pagos em dólar e com cifras maiores que os oferecidos nas escolas de nível superior brasileiras, os profissionais do magistério que passavam a compor o quadro de funcionários da Missão eram atraídos pela vantagem da isenção fiscal⁵⁷.

Em 1953, a Missão possuía um total de 5 professores brasileiros que sozinhos mantinham as atividades tanto na Faculdade de Filosofia, quanto na Escola Paraguai-Brasil. Já em 1963, temos um total de 8 professores brasileiros fixos e 4 convidados, que se somavam aos 12 componentes da Comissão Técnica e Diretiva. Além destes, havia também professores paraguaios que passaram a trabalhar para a Missão.

Na Faculdade de Filosofia, rotineiramente eram oferecidos cursos, conferências, mesas-redondas e palestras ministradas por professores, em sua grande maioria brasileiros, selecionados, convidados e pagos pelo Itamaraty⁵⁸. Esses eventos atingiam todas as áreas da Universidade, tendo sempre em pautas temáticas de referência direta ao Brasil. Eram falas e atividades sobre Administração, Saúde, Política, Matemática, Artes, História, Antropologia, entre outros.

55 A presença de figuras importantes na docência brasileira dentro da Faculdade de Filosofia foi reconhecida no livro escrito para comemorar o cinquentenário da Universidade Nacional de Assunção. Consultar: MOREIRA, Maria Graciela Monte de López. *História y memoria de la Facultad de Filosofia*. Assunção: Estúdios Gráficos S.R.L., 1998.

56 542.6 (43) AHI -RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1954. 01/1955.

57 GOMES, Abelardo de Paula (nome real), 83 anos, país de origem: Brasil. Depoimento [abr. 2007]. Assunção, Paraguai.

58 Idem.

QUADRO 1

ATIVIDADES EXERCIDAS PELA MISSÃO CULTURAL BRASILEIRA NO PARAGUAI

SETOR DA MISSÃO	1953	1954
FACULDADE DE FILOSOFIA DE ASSUNÇÃO	<p>Conferência - “Pontos de vista sobre o Brasil” – Dr. Juan Vicente Ramírez</p> <p>Conferência – “A personalidade do médico e poeta brasileiro Jorge Lima” - Prof. Josefina Pla</p> <p>Conferência – “Administração Pública” – Dra. Concepción Rojas Benítez</p> <p>Mesa redonda e palestra – Alunos favorecidos com o prêmio Itamaraty</p> <p>Conferência - “Amigos Del Arte” – Sta. Lúgia Martins Costa</p> <p>Conferência – “Semblanza de Panehíte López” – Miguel Solano Lopez</p> <p>Conferência – “O Correio Aéreo Nacional” – Sr. Ary da Matta</p> <p>Conferência – “Metodologia do Ensino da Matemática” – Dr. Roberto Peixoto</p> <p>Conferência – “O ditador Francia e o Brasil” – Prof. Antonio Ramos</p>	<p>Conferência – “O medo de escrever História” – Prof. Pastor Gimenez</p> <p>Conferência – “Tática de Guerra, flechas incendiárias e gases asfixiantes dos antigos tupi-guaranis” – Monseñor Federico Lunardi.</p>
INSTITUTO CULTURAL PARAGUAI-BRASIL	<p>Concerto no Teatro Municipal Alexander Orlowsky</p> <p>Ato artístico – Centro de Estudantes de Medicina</p>	<p>Recital Lírico – Ina Kamendroska</p> <p>Festa junina</p>

	Exposição de pinturas e esculturas da 2ª Bienal de São Paulo Jantar de confraternização – Comissão Diretora do Instituto Cultural Recepção ao Embaixador brasileiro Francisco Negrão de Lima Recepção comemorativa ao 07 de setembro Exposição de fotografias das obras de Aleijadinho Recepção à Caravana Universitária do Rio de Janeiro	Conferência – “A pintura Contemporânea e a II Bienal de São Paulo” – Jaime Bestard Recepção à caravana de estudantes da Faculdade de Filosofia de Porto Alegre Recital de declamação – Maria de Figueiredo Linhares Recital folclórico - Jorge Fernandes e Waldemar Henriques Conferência – “Interpretación de la Pintura Moderna” - Dr. Dionísio González Torres Festa aos sócios do Instituto
--	---	--

FONTE: 542.6 (43) AHI-RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1953. 08/01/1954; 542 6 (43); AHI-RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1954. 01/1955.

Ainda dentro dessa Faculdade, a Missão criou alguns pequenos setores de estudos específicos. Exemplos destacáveis são o Centro de Pesquisas Psicológicas e o Laboratório de Antropologia, que recebiam materiais importados pelo Brasil diretamente da Suíça. Nestes locais, os alunos paraguaios podiam efetuar pesquisas de relevância acadêmica, sendo que alguns destes costumavam ser selecionados para prestar serviços e auxílios como assistentes remunerados pelo Itamaraty. Além disso, com o propósito de animar e incentivar melhores desempenhos no âmbito acadêmico e científico, o Itamaraty, por meio da Missão, premiava anualmente os jovens que se destacassem neste cenário, ora com medalhas, ora com dicionários e livros e até mesmo, como no ano de 1954, com viagens de 2 semanas para as cidades brasileiras de São Paulo e Rio de Janeiro⁵⁹.

⁵⁹ 542.6 (43) AHI-RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1953. 8/01/1954; 542 6 (43) AHI -RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1954. 01/1955

Outro serviço brasileiro prestado pela Missão destaca-se dentro da Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional de Assunção: anualmente, era oferecida aos estudantes paraguaios a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos no Brasil⁶⁰. Bolsas de estudos nas mais variadas áreas do conhecimento eram intermediadas junto a instituições de ensino de renome, como a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1963⁶¹, observou-se um número expressivo de 62 paraguaios bolsistas que, por meio da Missão, puderam ir ao Brasil para se especializar em atividades como Medicina; Nutrição; Serviço Social; Administração; Educação, dentre outras.

TABELA 1
BOLSAS DE ESTUDOS OFERECIDAS PELA MISSÃO CULTURAL BRASILEIRA NO PARAGUAI

ÁREA DA BOLSA DE ESTUDOS	N.º DE ALUNOS EM 1963
Medicina	17
Psiquiatria	02
Enfermagem	06
Serviço Social	03
Didática e Administração Escolar	04
Educação Primária	01
Artes Plásticas	01
Piano	01
Planejamento e desenvolvimento econômico	04
Administração de Empresas	01
Nutrição	03
TOTAL	43

FONTE: 239/542.6 (43)/1964. AHI-RJ. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964

60 239/542.6 (43)/1964. AHI-RJ. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

61 239/542.6 (43)/1964. AHI-RJ. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

As bolsas de estudos nas mais diversas áreas faziam parte do projeto da Missão de intercâmbio cultural entre Brasil e Paraguai. A troca de conhecimento científico era um dos pontos essenciais do acordo firmado em 1952, que pôs em funcionamento a Missão Cultural Brasileira no Paraguai.

Além dos bolsistas, existiam aqueles que mesmo sem ajuda financeira procuravam a Missão para se matricularem em escolas de nível superior brasileiras. Intermediava-se vagas em instituições de diversas regiões do Brasil em áreas como Medicina, Engenharias, Arquitetura, Química Industrial, Agronomia, Filosofia, Música, dentre outras.

TABELA 2

MATRICULAS INTERMEDIADAS PELA MISSÃO CULTURAL BRASILEIRA NO PARAGUAI EM ESCOLAS DE NÍVEL SUPERIOR BRASILEIRA (SEM BOLSA)

ÁREA DE CONHECIMENTO	N.º DE ALUNOS EM 1963
Medicina	09
Engenharia Civil	08
Engenharia Mecânica	02
Engenharia Metalúrgica	02
Engenharia Eletrônica	02
Arquitetura	06
Odontologia	08
Farmácia	09
Ciências Econômicas	03
Agronomia e Veterinária	02
Química Industrial	03
Filosofia	07
Música	01
Total	62

FONTE: 239/542.6 (43)/1964. AHI-RJ. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964

Estes estudantes não precisavam realizar provas de ingresso nem pagar qualquer quantia pelos estudos. Todos os serviços oferecidos eram duramente disputados entre os estudantes, o que gerou a necessidade de criação de uma Comissão de Bolsas e Matrículas⁶². Essa Comissão era composta pelo Chefe do Setor Cultural paraguaio, um representante da Embaixada Brasileira em Assunção, o Reitor da Universidade Nacional de Assunção e pelo Presidente da Missão. As reuniões tinham como pauta a regulamentação das divisões de vagas e das intermediações oferecidas.

Devido à carência de materiais bibliográficos da Faculdade de Filosofia, todas as leituras de sala de aula e os materiais de estudo eram mimeografados pela Missão e distribuídos gratuitamente entre os alunos dos cursos. Além destes materiais reproduzidos, constantemente ocorria a doação de obras bibliográficas originais à biblioteca da Universidade. Mimeografavam-se também diversos comunicativos sobre a Missão e outros materiais de interesse cultural do Brasil, a fim de divulgar suas atividades, e ainda os jornais produzidos pelos discentes que compunham o Centro Estudantil da Universidade Nacional de Assunção⁶³.

Um grande marco da atuação da Missão foi a criação do Colégio Experimental Paraguai-Brasil em 1954. Instalado nas dependências da Faculdade de Filosofia, ele funcionava como um colégio de aplicação. Os estudantes da graduação trabalhavam como professores lecionando para alunos entre 15 e 17 anos, o que corresponde no Brasil ao atual ensino médio. Sua particularidade é que esta Instituição não estava atrelada ao Ministério da Educação do Paraguai, mas sim à Faculdade de Filosofia. Em 1964, a autonomia do Colégio Experimental era tamanha que o plano pedagógico e as atividades gerais lá executadas eram elaboradas e supervisionadas pela Missão. Dentro do Colégio Experimental Paraguai-Brasil, estiveram sob orientação brasileira milhares de adolescentes paraguaios.

62 GOMES, Abelardo de Paula (nome real), 83 anos, país de origem: Brasil. Depoimento [abr. 2007]. Assunção, Paraguai.

239/542.6 (43)/1964. AHI-RJ Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

63 542.6 (43) AHI-RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1953. 08/01/1954.

239/542.6 (43)/1964. AHI -RJ. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

Por meio do Ministério das Relações Exteriores, a Missão construiu e equipou uma série de espaços físicos. Os prédios cedidos pelo governo paraguaio para sediar a Escola Brasil e o Instituto Cultural receberam inúmeras reformas e obras de benfeitoria financiadas pelo governo brasileiro. Foram efetuadas ampliações, abertura de poços e construção de sistema de saneamento. Além disso, a Missão frequentemente adquiria materiais básicos para a estrutura dos locais de ensino, como mesas, carteiras, armários e outros objetos.

Na questão de estruturação de espaços físicos, merece maior atenção, e por isso tratamento à parte das Instituições anteriormente citadas, o prédio da Universidade Nacional de Assunção no Paraguai. Nesse prédio ocorreram os trabalhos de repercussão mais visíveis para a Missão em Assunção. Desde 1944, com a tão importante visita do Ministro da Educação do Paraguai ao Brasil, o governo brasileiro sinalizou interesse em construir a Cidade Universitária de Assunção⁶⁴. Em 1953, esse projeto foi aprovado e partiu da edificação de um espaço arquitetônico destinado à Faculdade de Filosofia⁶⁵. Nos planos dos dois países, tratava-se de uma construção de grande importância, pois deveria consolidar-se como o prédio central da futura Cidade Universitária de Assunção. Em 1954, a empresa Mello Cunha, após ganhar o processo de licitação, iniciou as obras que tinham como engenheiro responsável o paraguaio César de Mello Cunha e como fiscal do governo brasileiro o arquiteto Fernando Saturnino Brito, seguidor do brasileiro e mundialmente prestigiado arquiteto Oscar Niemayer. A obra da Faculdade, complexa e cara, perdurou até 1964, quando em 07 de setembro, sob supervisão da Missão e do Presidente paraguaio Alfredo Stroessner, foi entregue à sociedade.

64 342.6(42) AHI-RJ Confidencial. Viagem do Ministro da Educação do Paraguai ao Brasil, S. Gross Brown. 12/01/1944.

65 Neste prédio atualmente funcionam os cursos de História, Psicologia, Ciências da Comunicação, Ciências da Educação e Filosofia.

Fotografia 1 : Prédio da Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional de Assunção



A influência arquitetônica de Niemeyer fica visível nos pilares e rampas que compõem as estruturas do local.

Fonte: Administração do Colégio Experimental Paraguai-Brasil. Assunção, 2010.

Depois de 11 anos de projeto e 10 de obras, o prédio da Faculdade de Filosofia de Assunção tinha gerado um custo de mais de um milhão e seiscentos mil dólares⁶⁶. A ideia inicial de consolidar esse prédio como central da Universidade Nacional de Assunção não se concretizou pelo fato de que as imediações do terreno ao longo dos anos foram sendo ocupadas por casas e prédios, o que impedia a expansão de obras no local⁶⁷. A edificação repercutiu de maneira

66 GOMES, Abelardo de Paula (nome real), 83 anos, país de origem: Brasil. Depoimento [abr. 2007]. Assunção, Paraguai.

67 Idem.

significativa e exhibe a proporção dos trabalhos da Missão no Paraguai. O que dela impressiona é o leque de abrangência de seus trabalhos com os mais variados setores do Paraguai⁶⁸.

A Missão também atuava no Instituto de Higiene do Paraguai. Em 1954, o então chefe da Missão, Albino Peixoto Junior, alertou, no Relatório Anual, que a ajuda mantida pelo Brasil naquela instituição deveria ser expandida. Desde 1945 eram enviados materiais, bibliotecas especializadas e professores do Instituto de Higiene brasileiro de Manguinhos, para treinamento de profissionais paraguaios da área. Contudo, não se alcançou progresso nos trabalhos de saúde exercidos em solo paraguaio. A Missão passou então a mediar a colaboração do Ministério da Saúde e do Instituto Oswaldo Cruz, ambos brasileiros, com os órgãos de saúde do país vizinho. Eram ajudas nos setores de parasitologia, patologia, entomologia médica e em instituições como a Faculdade de Medicina e o Instituto de Bacteriologia. A Missão atuava cotidianamente na área da saúde por meio de cursos, orientações e assistências, além de fornecer materiais técnicos e bibliográficos⁶⁹.

Diversos estudantes de medicina utilizavam a Missão como intermediadora de estágios em regime de internato no Brasil, sobretudo no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo. No ano de 1954, somavam-se 12 jovens que, divididos em turmas de 3 integrantes cada, passavam 3 meses dentro deste Hospital, sem despesas com moradia e alimentação. Alguns médicos já atuantes na região de Assunção podiam ir ao Brasil, via Missão Cultural, estagiar no pronto-socorro de São Paulo a fim de adquirir a prática e a técnica brasileira⁷⁰.

Podemos mensurar e reconstruir a complexidade das atividades exercidas pela Missão e seus vetores de atuação dentro da sociedade paraguaia por meio da sua quantidade de correspondências. Em 1963, foram expedidas 527 e recebidas 508 correspondências. Outro dado numérico que nos serve nesse sentido é o de pessoas atendidas pessoalmente pelo chefe da Missão que, apesar de contar com uma equipe administrativa de mais 11 pessoas, no referido

68 Compreenderemos detalhadamente como essa abrangência funcionou no capítulo 3 deste trabalho.

69 542.6 (43) AHI-RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1953. 08/01/1954;

542.6 (43) AHI -RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1954. 01/1955; 239/542.6 (43)/1964. AHI-RJ. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

70 542.6 (43) AHI -RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1954. 01/1955.

ano alcançou a soma de 1.500 pessoas, o que corresponde a uma média de cinco atendidos por dia útil ao longo do ano⁷¹. É fato que a movimentação no setor estrutural e burocrático da Missão se apresentou intensa: reflexo de sua extensa e complexa atuação no cotidiano da cidade de Assunção. O Setor Cultural da Embaixada Brasileira em Assunção estava, no ano de 1963, totalmente entregue à Missão Cultural, sendo a seu chefe atribuída a função de Adido Cultural. Neste mesmo ano, o Instituto Cultural Paraguai-Brasil, o maior setor da Missão, deixou o prédio que ocupava sob pagamento de aluguel mensal e passou a funcionar em sua sede exclusiva. Era a consolidação material de um trabalho que se desenvolvia há 9 anos, um prédio que afirmava a presença e a permanência do Instituto Cultural na capital paraguaia. A incerteza do futuro dessa Instituição enquanto prédio terceirizado, sem raízes fixas, ficava para trás quando se viu uma nova sede, sem prazo ou data de permanência pré-estabelecido.

A Missão Cultural Brasileira no Paraguai existiu até 1974, quando, após decisão do Itamaraty, teve seus trabalhos encerrados. Como sua remanescente, permanece até o presente momento o Centro de Estudos Brasileiros, oferecendo basicamente cursos da língua portuguesa e uma pequena biblioteca formada por títulos do Brasil. Abelardo de Paula Gomes, que na ocasião era o chefe da desativada Missão, assumiu o cargo de diretor do Centro de Estudos.

71 239/542.6 (43)/1964. AHI-RJ. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964

Capítulo 3

A MISSÃO E A APROXIMAÇÃO BRASIL-PARAGUAI

A Missão Cultural Brasileira no Paraguai, como já demonstramos, representou uma instituição com plurais vetores de atuação.

Quando a já citada visita de Gross Brown despertou os olhares do Itamaraty para a fenda que se apresentava, a penetração cultural passou a integrar o conjunto de políticas dedicadas a encurtar as distâncias entre Paraguai e Brasil. Eric Landowski (2002, p. 14) teorizava sobre a produção da alteridade vista pela sociossemiótica, explicando que a questão da proximidade entre os sujeitos é muito mais complexa do que *a priori* possa parecer. Para o autor,

mesmo que o mundo que nos rodeia nos pareça espontaneamente um universo articulado e diferenciado, nem por isso há, entre ‘Nós’ e o ‘Outro’, fronteiras naturais – há apenas as demarcações que construímos, que ‘bricolamos’ a partir das articulações perceptíveis do mundo natural.

Cultura e política são conceitos distintos, contudo indissociáveis. O Homem, ser social, é formado por camadas que estão ora à frente e ora nas posições mais imperceptíveis. A cultura não pode ser entendida como fixa e imóvel ou pronta e acabada. Essa preocupação já foi ponto de reflexão para conceituados pensadores como Peter Burke (2000, p. 238), que ao mesmo tempo em que conforta, instiga nossa inquietude quando escreve que não podemos buscar homogeneidade nem mesmo na cultura de um só indivíduo. Defini-la em um conceito é uma tarefa subjetiva, objetiva e desafiadora, pois ela mesma – a cultura

– não suporta limitações⁷². Compartilhamos do pensamento de Francisco Falcon (2002, p. 60) quando define *cultura* como “o conjunto de obras, realizações, instituições – que conferem originalidade e/ou autenticidade à vida de um grupo humano, inclusive seus usos e costumes, nem sempre imediatamente dados”. Nesse sentido de cultura socialmente construída, o conceito *cultura-política*, ou seja, atitudes, valores e práticas transmitidos como parte do processo socializante, nos ajuda a compreender a dinâmica da história de cada povo (BURKE, 2000, p. 247).

Todos esses esclarecimentos conceituais nos servem para compreender dois pontos importantíssimos que não suportam equívocos interpretativos. Em primeiro lugar, a cultura paraguaia não pode ser entendida como homogênea. Em segundo lugar, as mudanças no cenário cultural paraguaio são resultados de diálogos, de trocas. O ponto que nos detém é o fato de que nos processos de mudança existem vetores objetivos, construídos intencionalmente, que não devem ser recolhidos, minimizados a um segundo plano ou ao relativismo. Isso porque a História não é resultado da soma de fatos dados ao acaso, nem capítulos de acidentes, como já problematizara Carr (1989). Nesse sentido, entendemos as atividades da Missão como um desses vetores objetivos que interferiram no desenhar desta pintura, porém isso não nos basta. Para explicar historicamente, torna-se necessário efetuar uma análise. Nosso “objetivo é tornar a ‘alteridade’ do passado ao mesmo tempo visível e inteligível” (BURKE, 2000, p. 245).

A lógica da aproximação cultural

O cenário efetivo “Paraguai-Argentina” moldava as relações econômicas existentes no país guarani. Sua dependência histórica ao Porto de Buenos Aires regia a orquestra de suas possibilidades comerciais. Em documento⁷³ escrito por A. B. Bueno do Prado, chefe do Departamento Econômico e Consular em Assunção, o Itamaraty oferecia informações importantes sobre a história do Paraguai ao novo embaixador que na ocasião tomava posse. A intenção era ambientá-lo no processo histórico que havia configurado o país como economicamente

72 Segundo Clifford Geertz (1989, p.9), “a cultura é pública porque o significado o é”.

73 37/923 (42) (43) AHI-RJ Secretaria do Estado das Relações Exteriores à Embaixada em Assunção sobre a troca do Consulado em Assunção. 26/08/1950.

pouco expressivo. Pelo fato do Brasil considerar o Paraguai como um país estratégico dentro da América Latina, sobretudo na região do Prata, a maior preocupação do Itamaraty no local era a influência Argentina e suas consequências.

Especial atenção da parte de Vossa Excelência deverá merecer o desenvolvimento das relações desse país com a Republica Argentina. País pequeno, de recursos econômicos limitados e dispondo de uma única via de acesso comercial ao mundo exterior, o rio Paraguai, cuja navegação é praticamente controlada pela Argentina, vive o Paraguai numa situação de dependência material em relação à república Argentina.

Assim, ao assumir a direção de Embaixada em Assunção, Vossa Excelência deverá estar vigilante, mantendo-se atento ao desenrolar das negociações entre esse governo e o da Argentina (...) no que diz respeito aos prejuízos que o seu funcionamento possa eventualmente ocasionar aos interesses brasileiros nesse país.

Uma alternativa a essa realidade, viabilizada somente a partir da década de 1960, era a abertura de uma proximidade política com o Brasil e, conseqüentemente, do “novo pulmão” paraguaio. Sua execução dependia do estabelecimento de acordos que originassem estradas ligando o Paraguai ao Atlântico. O Itamaraty reconhecia a necessidade paraguaia de modificar seus diálogos políticos. O que então definia, impedia ou atrasava as negociações e os projetos entre Brasil e Paraguai?

Ocorre que desde o término da Guerra da Tríplice Aliança temos, na proximidade cultural com a Argentina e na distância com o Brasil, dois fatores decisórios na definição das relações econômicas paraguaias. Até a década de 1960, os paraguaios costumavam ter maior facilidade em negociar com argentinos do que com brasileiros. Nesta balança de relações, pesavam, entre outros fatores, o histórico estigma negativo em relação aos brasileiros, a distância idiomática e a falta de contato com a cultura brasileira⁷⁴. Do Brasil, além do estigma negativo, pouco se sabia e pouco se tinha. Neste contexto, a vantagem era gozada pela vizinha Argentina.

74 Cabe lembrar, como já foi abordado no capítulo I, que consideramos a cidade de Assunção como o polo econômico e político do Paraguai. Assim, quando falamos em Paraguai, estamos falando, grosso modo, de sua capital Assunção.

A mudança nos diálogos políticos entre Brasil e Paraguai dependia de, dentre outros pontos, uma mudança no olhar do Paraguai, ou melhor, dos paraguaios, sobre o Brasil. Isto era fato. Stephen Bann (1994, p. 92) diz que na história nada é sólido o suficiente para se perpetuar na mesma posição. O historiador diz que essa “‘cadeia’ é ‘ininterrupta’, e qualquer ‘final’ só pode fazer sentido em sua relação com o processo contínuo da mudança histórica”. O Itamaraty reconhecia a emergência em modificar os arrolamentos com o país vizinho e afirmava com segurança em seus documentos⁷⁵ que o

objetivo primário dessa reafirmação política seria a aplicação de meios e modos para atender à urgente necessidade de restabelecer a situação do Brasil na vida do Paraguai, na qual, carecemos da participação reclamada por nossas condições e projeção internacional.

Posicionar a imagem do Brasil de maneira positiva no cotidiano paraguaio, ou “na vida do Paraguai” representava para o Itamaraty uma medida essencial, ou, como discorrido, um “objetivo primário”, um ponto de partida. Não se tratava de gerar alguns momentos rentáveis ao Brasil. Não estava em pauta a participação em alguns passos de uma polca paraguaia, mas no baile por inteiro, em suas sonoridades e emoções, em suas melodias e risos. O Itamaraty, grande cerne das decisões de foco internacional brasileiro, identificou esse baile, o dia a dia do país vizinho, como zona fértil para fazer germinar sua ação de influência, ou, como consta no discurso presente nos documentos, sua “aplicação de meios e modos”. Afinal, na metade do século XX, o Estado brasileiro ascendeu notoriamente em *status* e índices econômicos e uma reafirmação da “situação do Brasil” no Paraguai passou a ser “reclamada” perante o cenário internacional.

O Brasil mantinha mais contratos políticos e comerciais fora de seu continente do que com seus países vizinhos. Tal realidade, segundo Antonio Menezes (1987, p. 09), deu início a um processo de mudança na política externa brasileira. O autor observa que:

[...] na década de 50 começou a buscar mercados e o Paraguai foi o primeiro país onde o Brasil exercitou sua abertura para o mundo hispânico. Um mundo difícil,

75 542.6 (43) AHI-RJ Relatório da embaixada brasileira em Assunção. Confidencial. Embaixador Moacyr Ribeiro Briggs. 1954.

historicamente desconfiado, porém importante para a política externa do Brasil na área do Prata.

Quando se fez clara a oportunidade de penetrar na fenda da sociedade paraguaia, agindo em seu *cotidiano*, nas “práticas reais nas quais estamos diariamente envolvidos” (LANDOWSKI, p. XIV), diretamente na cultura do povo, o Itamaraty procurou planejar e agir. Era a solidez da “desconfiança” histórica que deveria ser esmigalhada. O Brasil buscava se estabelecer como potência regional abrindo seu leque de proximidades políticas. O Paraguai era um país que possuía importância estratégica na história do Prata, desde o que cerca sua localização geográfica até a sua presença na disputa com a Argentina. Trata-se de uma zona de especial interesse na política externa brasileira.

A Argentina, como base principal dos exilados políticos paraguaios, deveria ser olhada como inimiga e o Brasil como país amigo e novo parceiro. Para o Brasil, o Paraguai era importante como um novo mercado; era também importante no aspecto de prestígio regional e porque aquela parceria poderia criar uma nova balança de poder no Prata que beneficiaria o Brasil (MENEZES, 1987, p. 88).

Era óbvia a necessidade de diminuir a largura da fronteira entre os dois Estados. Depois de 1950, por exemplo, ficou claro para o mercado de exportação brasileiro que o Paraguai fazia parte dos países que poderiam render muito mais do que rendiam até então.

Outro grande marco da relevância das relações diplomáticas entre Brasil e Paraguai foram os acordos para utilização das águas internacionais que deram origem à gigantesca usina hidrelétrica de Itaipu. Estes passaram a existir somente a partir do momento em que os dois países dialogaram com maior desenvoltura. Sobre esta questão, é notório que se trata de um capítulo fundamental na compreensão das relações na Bacia do Prata.

A necessidade de acordos formais de aproveitamento compartilhado do potencial hidrelétrico dos rios internacionais colocou o Paraguai como peça fundamental no xadrez das negociações sobre o assunto. Em última análise, o Paraguai optou pelo Brasil como parceiro preferencial na questão dos rios. De parceiro menor dotado de frágil esquema geopolítico, o Paraguai converteu-se em fiel da balança em tema de aproveitamento dos rios

ao longo das negociações nas décadas de 1960 e 1970, e teve o trunfo de poder escolher. Escolheu o Brasil (AMARAL E SILVA, 2006, p. 98).

Recomendações do Ministério das Relações Exteriores do Brasil à sua embaixada na capital do Paraguai expressavam a intenção que havia no *script* dessa aproximação cultural, salientando aos competentes que não perdessem de foco a importância e a responsabilidade da atuação naquele país. Falava-se em estar atento perante o planejamento de sua engrenagem e, para tanto, “fazer indicações no sentido do melhor aproveitamento do que já se tem feito para a aproximação cultural dos dois países”⁷⁶. Por mais que houvesse nesse discurso a intenção de enaltecer⁷⁷ os cargos e, sobretudo, os trabalhos realizados pelos que redigiam os documentos, tal mensagem não existiria se as atuações de cunho cultural estivessem renegadas a um plano secundário. Somente relações importantes são cabíveis de “melhor aproveitamento”, da mesma forma que não se toma por inteiro uma guampa de um tereré amanhecido, nem se passa adiante o segundo gole de um bem preparado⁷⁸.

Marilena Chauí (1998, p. 120) nos empresta suas palavras para explicar objetivamente a relação entre a cultura e a as questões político-sociais. Para a filósofa, “as idéias dominantes de uma época são as idéias da classe dominante dessa época”. Os olhares atentos do Itamaraty na paisagem da *cultura-política* paraguaia são compreensíveis se, assim como a autora, percebermos o fato de que “a elite está no poder, acredita-se, não só porque detém a propriedade dos meios de produção e o aparelho do Estado, mas porque detém o saber”, e o saber está presente

76 542.6 (43) AHI-RJ Secretaria de Estado das Relações Exteriores. Confidencial – Urgente. Ao Embaixador do Brasil em Assunção. 03/07/1950

77 Sobre a imparcialidade dos arquivos, Carlos Basselar (2005, p. 64) diz que “Acima de tudo, o historiador precisa entender as fontes em seus contextos, perceber que algumas imprecisões demonstram os interesses de quem as escreveu”, até porque os “documentos do passado não foram elaborados para o historiador, mas sim para atender a necessidades específicas do momento”.

78 O tereré é um dos patrimônios culturais do Paraguai. A bebida típica se assemelha ao chimarrão ou mate, tendo sua particularidade na qualidade da erva mate, que, em vez de ser moída, é socada e sua apreciação feita com água fria. No Paraguai, é tão comum o hábito de tomar tereré que em vários locais públicos, como praças e terminais rodoviários, é possível alugar os apetrechos para desfrutar da bebida por apenas 2.000 guaranis, algo correspondente a 35 centavos de reais.

nas ações culturais. É o saber que fornece os nutrientes para a atuação da crítica. A visão de um indivíduo em relação ao mundo depende das cores das quais se apropria. Sabemos que, até mesmo no mundo físico, a maneira como enxergamos os objetos é *sine qua non* para uma relação, uma troca, variável conforme uma série de fatores como olfato, paladar, temperatura ou posição geográfica. As ideias de um povo, como bem historiou Chauí, são construídas sob bases e estruturas de uma época.

Ao mesmo tempo em que a crítica é a contrapartida cultural dos avanços tecnológicos (SEVCENKO, 2001, p. 17), sabemos que, por ser constituída a partir da própria cultura, é correspondente direta de seu meio social. Nesse sentido, o acréscimo de ingredientes em sua construção altera sua textura final. O ponto central dessa discussão é que essa construção se dá no dia a dia de cada indivíduo, a partir de suas relações com o mundo que o cerca. Atuar nesse cotidiano, ou, sob outra poética, em uma série de momentos sociais, era o alvo central das políticas do Itamaraty quando este se fazia presente no cenário cultural do Paraguai. Para o Itamaraty a Missão Cultural Brasileira teria condições de proporcionar uma interferência na lógica cultural no Paraguai, o que possibilitaria a modificação nas relações políticas até então estabelecidos entre Paraguai e Brasil. Para o país guarani isso significava uma reordenação interna⁷⁹ das distâncias entre esses dois países.

Para modificar as relações pragmáticas existentes entre Paraguai e Brasil, era necessário modificar o olhar do paraguaio sobre o brasileiro. A sociossemiótica nos explica que “para que o mundo faça sentido e seja analisável enquanto tal, é preciso que ele nos apareça com um universo articulado” (LANDOWSKI, 2000, p. 03). É a desconstrução dessa articulação que nos traz o sentido, a compreensão. Fazamos isso com a apreciação de uma análise histórica.

Os detalhes das atividades da Missão reconstróem o fato de que o Itamaraty identificou as potencialidades de uma exploração na esfera cultural e trabalhava para que isso se materializasse. A aproximação cultural abre caminhos para a modificação das afinidades políticas entre os dois países e, por isso, o então chefe da Missão, Albino Peixoto Júnior, reconhece em seu

79 A ordem observável das coisas é extremamente articulada, uma vez que “a realidade é mais rica e mais complexa que todos os sistemas” (REMOND, 1999, P. 56).

Relatório Anual⁸⁰ de 1953 que “no Paraguai, dada a sua fatalidade geográfica condicionando sua vida econômica ao Prata, a via de aproximação efetiva deve ser a cultural, e para ela é necessário dar o melhor dos esforços”. Era preciso estabelecer uma alternativa, ou uma “via”, para não se limitar aos obstáculos geográficos. A Argentina se valia dessa vantagem cartográfica enquanto o Brasil esculpia, com punho firme, novos caminhos.

A cultura de um povo se manifesta direta ou indiretamente em suas ações políticas, o que a torna um fértil campo de intervenções. Um aparato cultural se manifesta nas concepções dos indivíduos, inclusive nas de cunho político e econômico. Essas relações estão presentes em nosso cotidiano, expressando-se de maneira inteligível ou não. Aproximar-se culturalmente é uma via largamente utilizada pelos que desejam mudar relações sociais estabelecidas. Daí Octavio Ianni (1979, p. 71) lembra “a importância das idéias e concepções, doutrinas e teorias, com as quais se codificam, legitimam e reproduzem as relações, processos e as estruturas de dominação política e apropriação econômica”.

A sociossemiótica aqui nos é útil por fornecer meios de compreender o que tornou possível a atuação da Missão e a penetração brasileira no espaço cultural paraguaio. Ela nos explica que quando algo exógeno se apresenta, por essência, diferente, a tendência é que seja aceito por sua forma excêntrica, mas que seja forçado, de maneira perceptível ou não, a diluir-se no meio em que adentra, evitando sua rejeição. Sua aceitação depende de mostrar-se diferente e baralhada, espinhosa e macia, como uma harpa paraguaia que causa espanto por seu tamanho abastado e tranquilidade por sua suave sonoridade.

Ao se falar de Missão, esta se apresentava como plurais focos de atuação diariamente resignificados. Suas atividades se mostravam oportunas aos paraguaios, tanto pelo fato de serem novas, quanto por trazerem retorno àqueles que delas participavam. Ao mesmo tempo em que eram excêntricas, eram aplicáveis, necessárias, o que as diluía no cotidiano de atraso e fraqueza do Paraguai. A alteridade brasileira não significava mais uma ameaça. Era na cotidianidade que estavam impregnadas essas relações. A própria cotidianidade é, segundo Landowski (2002, p. X), “tecida por uma infinidade de discursos sociais e de imagens, de usos estratificados e de

80 542.6 (43) AHI-RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1953. 08/01/1954.

práticas singulares cujo entrelaçamento o sentido ora se faz, ora se dissolve”. É a dinâmica dos processos históricos como derivantes de correntes vibratórias. A aproximação cultural consegue facilitar a proximidade política porque torna o Brasil presente e significativo⁸¹, pois “nunca estamos presentes na insignificância” (2002, p. IX).

A atuação no campo cultural do Paraguai permitia à Missão inserir-se nas esferas de uma parcela significativa de sua população. O que permitiu que tal fato ocorresse⁸² foi a conjuntura histórica que se apresentava: uma gama de políticas criadas para viabilizar as mudanças nas relações exteriores do Brasil e a tentativa paraguaia de reverter sua realidade socioeconômica combalida. Em 1944, Brown, Ministro da Educação do Paraguai, proferiu, durante sua visita ao Brasil⁸³, palavras que nos ajudam na tentativa de perceber a realidade histórica da época:

O único problema paraguaio é o problema do progresso. Do progresso que temos que alcançar com o auxílio de nossos amigos, sobretudo do Brasil. O interesse que o Brasil tem de auxiliar o Paraguai completa-se com o interesse que tem o Paraguai de contar com a colaboração do Brasil, em todos os assuntos em que essa cooperação possa efetivar.

Brown utiliza o discurso de progresso como justificativa para abertura à penetração brasileira no território paraguaio. Na verdade, o que ocorria no Paraguai era um progresso extremamente limitado, por isso classificado como “problema”. O argumento utilizado para convencer o Itamaraty a participar da vida paraguaia era que esse “auxílio” brasileiro ao “progresso paraguaio” posicionaria automaticamente o Brasil como “amigo”. De sorte que o Ministro tinha clareza dos interesses e benefícios que o país vizinho teria nessa relação. Pelo fato de os interesses se “completarem,” as negociações entre o Estado brasileiro e o paraguaio se configuravam como uma “cooperação”. Um e outro teriam que extrair dessa relação bons resultados – não necessariamente simétricos – para que uma real “cooperação” de fato se concretizasse.

81 Mário Quintana poetizou sobre a importância do significado para a existência das coisas: “O que mata um jardim é esse olhar vazio de quem por eles passa indiferente”.

82 Para compreendermos “como” ocorreu é da explicação histórica que nos valem.

83 542.6 (43) AHI-RJ Confidencial Relatório da Viagem do Ministro da Educação do Paraguai ao Brasil, S. Gross Brown. 14/01/1944.

Ainda segundo o discurso do Ministro paraguaio, o Brasil poderia ver com bons olhos o futuro das relações entre as duas nações porque seu país não apresentava outro problema se não aquele que deveria ser resolvido com a ajuda brasileira: o “do progresso”. Fazia-se então a oportunidade ímpar de penetração do *poder* e da *ideologia* brasileira no Paraguai. Sobre esses dois pontos, Pierre Bourdieu (2003, p. 10) diz:

As ideologias, por oposição ao mito, produto coletivo e coletivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo. A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções.

Assim, havia visivelmente um espaço para a ação das políticas da Missão Cultural Brasileira no Paraguai. Nesse contexto, o Itamaraty soube aproveitar o momento que se apresentava. Organizar seus vetores de atuação norteados nessa oportunidade era como posicionar estrategicamente as peças em um tabuleiro. Não era um simples jogo baseado em ataque e defesa. Tinha-se a astúcia de executar jogadas pré-elaboradas para que se pudesse alcançar vantagens, mas nunca o fim do jogo.

Os vetores de atuação da Missão

É de suma importância lembrar que ao longo da história sul-americana, o Paraguai foi alvo de disputa brasileira e argentina. Entre as décadas de 1950 e 1970, isso não foi diferente. Durante esse período, articulou-se uma aproximação efetiva entre Brasil e Paraguai.

É bem verdade que o Paraguai soube aproveitar o momento em que o Brasil – ou melhor, o pensamento geopolítico brasileiro – decidiu retomar os contatos com o país vizinho para tentar ampliar sua presença e influência no Prata, com vistas a encolher um pouco a tradicional presença Argentina. Os grandes temas da geopolítica nacional no Brasil

incluíam à época, entre outros assuntos, o desenvolvimento dos meios de comunicação viários como uma das variáveis essenciais para a garantia da segurança e integração nacionais, como pré-condição para lograr objetivos maiores. Assim, era interesse nacional expandir a área de influência do Brasil e, conseqüentemente, conseguir projetar poder em uma área maior do continente (AMARAL E SILVA, 2006, p. 109).

Entendemos esse processo como, sobretudo, uma tentativa de ampliar suas relações políticas e consolidar uma posição hegemônica no continente sul-americano. Esta política, por sua vez, não poderia deixar de provocar atrito com a Argentina, pois “constituía-se em obstáculo aos interesses regionais brasileiros, na medida em que, também, apresentava como projeto estratégico, a hegemonia na região” (MORAES, 2000, p. 384). Assim, a Argentina estava presente nas preocupações do Itamaraty: como afastar a influência deste país facilitando a penetração brasileira?

Nas primeiras duas décadas em que Stroessner esteve no poder, 1950 e 1960, houve inúmeros atos que estreitaram a distância entre Brasil e Paraguai, dentre eles a Missão Cultural Brasileira no Paraguai – a via de aproximação cultural mais expressiva neste período. Esta Missão, em vigor entre os anos de 1952 e 1974, tinha como ideia inicial organizar cursos de português, cooperar com a Universidade Nacional de Assunção e desenvolver projetos educacionais de intercâmbio. Contudo, percebe-se que ela tomou maiores proporções: seu potencial foi visto como uma via oportuna para alterar as relações entre ambos os países, com “enorme repercussão e alcance, não só nas esferas cultas do Paraguai, mas também, e com real proveito, junto do povo, onde sua ação dia a dia a torna mais conhecida e apreciada”⁸⁴.

O Itamaraty considerava o Paraguai um país chave⁸⁵ dentro da região platina, assim, mantê-lo sob sua influência era algo politicamente necessário. Viu-se na Missão um caminho para mudar a “mentalidade a respeito das relações bilaterais” (MORAES, 2000, p. 100) e implantar a imagem do Brasil como país próximo, parceiro interessado no progresso paraguaio que ajudaria o governo Stroessner a proporcionar um “avanço cultural”. Essa política

84 542 6 (43) AHI-RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1954. 01/1955.

85 A importância do Paraguai para o Brasil está pontuada no capítulo 01.

diferenciava o Brasil da sua concorrente, Argentina, que costumava subjugar o Paraguai e se opor às políticas ditatoriais stronistas⁸⁶.

Com a aproximação cultural no cotidiano dos paraguaios, a Missão tinha por objetivo atuar junto às tradições de uma porção seletiva da população. Peter Burke teoriza sobre as *tradições* afirmando que estas não são inventadas e sim recriadas numa tentativa de bricolagem, de dar novos usos a materiais antigos. Segundo Burke (2001, p. 01), a própria *cultura* está sempre sendo recriada “como uma espécie de canteiros de obras onde os andaimes nunca são desmontados porque a reconstrução cultural nunca termina”. Para atingir as tradições dos paraguaios a Missão trabalhava com os mais variados públicos, de crianças, adolescentes e jovens a adultos. Tudo isso servia na tarefa de modificar a cultura política existente nas relações entre paraguaios e brasileiros. Vale lembrar que seu quadro de atuação em 1963⁸⁷ totalizava 1.790 pessoas entre assistidos e orientados. Esse número expressivo permite-nos traçar a proporção de sua abrangência⁸⁸. Não podemos ser deterministas e afirmar que a efetiva aproximação Brasil-Paraguai sentida, sobretudo após a década de 1960, deve-se estritamente aos resultados da Missão. Todavia, consideramos que esta se soma ao conjunto de políticas que configurou as relações bilaterais existentes.

É fortuito transcrever um trecho do Relatório de 1953⁸⁹ no qual as intenções da Missão são explicitadas:

O nosso trabalho, que vai da escola primária, à escola secundária e à superior, deixa marcas na alma paraguaia e podemos afirmar que se não houver solução de continuidade e seguirmos neste rumo, dentre alguns anos, teremos no Paraguai a elite e grande parte do povo atraídos pela nossa cultura e identificados com ela.

86 Essa posição argentina antisstronista pode ser sentida principalmente pela imprensa local. Era rotineiro os jornais argentinos noticiarem os crimes ditatoriais e criticarem as políticas adotadas pelo General Stroessner nas terras guaranis. O Brasil, em contrapartida, limitava-se a noticiar em seus jornais fatos que reforçavam a parceria entre o Governo paraguaio e brasileiro.

87 239/542.6 (43). AHI-RJ Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

88 Neste período, a população paraguaia não chegava a 1,5 milhão.

89 542.6 (43) AHI-RJ Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1953. 08/01/1954.

Expandir as atividades da Missão tinha como ponto de partida a confiança de personalidades influentes e de uma porção estratégica do povo paraguaio no Brasil. Os trabalhos são elaborados para despertar nos envolvidos atração e identificação com a cultura brasileira originando uma enorme conquista, muito cobiçada ao longo da história: o afastamento da influência argentina. Não se trata de um programa com resultados superficiais e efêmeros, mas de uma Instituição séria, articulada para gerar resultados profundos e concretos, ou, como citado, para deixar “marcas na alma paraguaia”.

Para compreender a amplitude e a competência dos programas da Missão, temos que perceber aquilo que não está imediatamente dado, a entrelinha que “não se limita à superfície das coisas” (REMOND, 1999, p. 30), as manifestações do *poder simbólico*. Aquilo que Pierre Bourdieu (2003, p.14) resume como o “poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico da mobilização”, que depende de ser reconhecido, ou, em outras palavras, não recebido como impositivo ou arbitrário.

A Escola Estados Unidos do Brasil

É por meio da análise das diversas atividades da Missão que, embebida de seu contexto histórico, conseguimos perceber sua atuação no cenário paraguaio.

A Escola Estados Unidos do Brasil era a atividade da Missão que atingia diretamente o maior número de pessoas, chegando à quantia de 1.000 durante o ano de 1964⁹⁰. Ainda mais expressiva era a heterogeneidade de seus programas e o aproveitamento, imediato ou futuro, perceptível ou não, de cada um deles por parte do Itamaraty. Nas palavras de um dos chefes da Missão, o brasileiro Abelardo de Paula Gomes, neste espaço aproveitava-se para criar um “clima de comovente carinho para com nosso país”⁹¹. A retórica bucólica deste funcionário do Itamaraty nos remete à criação de relações mais estreitas que conseguiam mexer na velha sensação de impessoalidade entre Paraguai e Brasil. Pelo fato de serem novas e inovadoras, essas sensações eram interpretadas como “comoventes”. As pessoas só se comovem com aquilo que as toca em

90 239/542.6 (43)/1964. AHI-RJ Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

91 239/542.6 (43)/1964. AHI-RJ Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

pontos sensíveis, com o que não é rotina. Pelo Brasil nascia uma chama de sentimento que passava a ter vida e expressão, e essa conquista era então enfatizada. A imagem brasileira de país inimigo estava sendo diariamente remodelada.

A cultura brasileira escorria paulatinamente para dentro do *imaginário*⁹² dos paraguaios participantes disto tudo. Trata-se da criação de novos valores. José Carlos Reis (2003, p. 43) sistematizou, ao interpretar o pensamento de Friedrich Nietzsche, que “os valores não são nem eternos, nem universais, nem transcendentos, nem metafísicos. São criações muito humanas”. Na Escola Estados Unidos do Brasil aquilo que as crianças tinham como referência de “bom” poderia passar a ser aquilo procedente do Brasil. Isso animava os planos do Itamaraty de alterar, mesmo que sutilmente, a imagem do Brasil no Paraguai. Uma aproximação era semeada dentro da Escola Estados Unidos do Brasil.

Filmes exibidos no Paraguai recriavam a fotografia do imaginário sobre o Brasil. As ideias que compunham este imaginário começavam a se reorganizar sob uma nova forma⁹³. No Paraguai, novos sentidos⁹⁴ afluíam mediante a materialização do distante Brasil. Imagens cinematográficas ajudavam a ajustar o foco dos olhares paraguaios. Os filmes compunham as novas referências sobre o vizinho. Por isso a fiel escolha de exemplares específicos sobre o tema Brasil. Esperava-se despertar a sensação de familiaridade e, conseqüentemente, de proximidade, afinal, torna-se muito mais fácil sentir que conhecemos algo quando já o vimos.

Ainda no sentido de criar um novo imaginário a respeito do Brasil, a visita de personalidades brasileiras, como intelectuais e políticos, auxiliava a criar novos ícones. Novos rostos compunham o leque de lembranças sobre o Brasil.

As festas comemorativas realizadas pela Escola Estados Unidos do Brasil seguiam esse mesmo fluxo. Trazer a tradicional Festa Junina e o patriótico 07 de setembro para os dias de

92 Compartilhamos do conceito definido por Gilbert Durand (1998). Segundo o autor, *imaginário* não é a negação total do real, mas apoiar-se nele para transformá-lo e deslocá-lo.

93 No livro *Tieta do Agreste*, Jorge Amado (2006, p. 149) escreve sobre como o imaginário forma o desejo no tempo presente ao mencionar os planos de Leonora de comprar um terreno em Mangue Seco. “Ansiara a vida inteira por sentimentos e verdades de cuja existência tinha notícia por ouvir dizer, através de filmes de cinema, novelas de televisão. Nada de mais, sentimentos normais, verdades corriqueiras”.

94 Eric Landowski (2002, p. IX) teoriza que “a única coisa que, sob uma forma ou outra, poderia realmente nos estar presente, é o sentido”.

Assunção preenchia de verde e amarelo os espaços temporais, geográficos e imaginários. Eram horas que duravam além de seu tempo cronológico. Sensações que serviam como energia para abastecer o imaginário paraguaio. A Argentina tinha nas mãos uma quantia muito mais expressiva deste combustível. Tanto é que até a década de 1970 era para este país que estavam voltados os olhares guaranis e para lá se destinava a maior parte de seus acordos políticos.

Os prêmios dados nos concursos organizados pela Escola Estados Unidos do Brasil eram pensados dentro da lógica de aproximação. No Paraguai dicionários e livros brasileiros não teriam outra finalidade a não ser incentivar e reforçar laços entre ambos os países.

O Instituto Cultural Paraguai-Brasil

Um dos fatores que comprovam a aproximação dos paraguaios com Brasil era o crescente número daqueles que, por meio do Centro de Estudos Brasileiros, realizavam provas de proficiência da língua portuguesa⁹⁵. Quanto mais próximos os dois países ficavam, mais era necessário e desejado falar esta língua estrangeira. Para o Brasil, melhoravam-se as comunicações e, conseqüentemente, facilitavam-se as negociações bilaterais. O significado disto para o Itamaraty era que o mercado paraguaio poderia ser acessado com menor dificuldade. Do lado guarani, significava a abertura das possibilidades sociais e comerciais.

Os resultados dos trabalhos da Missão não se resumiam ao tempo imediato. Na Escolinha de Artes do Instituto Cultural Paraguai-Brasil, o ensino de cantigas de roda para recreação infantil aspirava resultados futuros: o ato das crianças cantarem e dançarem músicas infantis brasileiras se dava porque o Itamaraty acreditava que “esta orientação permite um aproveitamento real, pois o interesse despertado é enorme e a criança guarda pela vida fora elementos do nosso folclore”⁹⁶. É interessante observar que esta penetração cultural era

95 542.6 (43) AHI-RJ Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1953. 08/01/1954;

542.6 (43) AHI -RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1954. 01/1955. 239/542.6 (43). Itamaraty-RJ. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

96 542.6 (43) AHI-RJ Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1953. 08/01/1954.

entendida pelo Itamaraty como natural e necessária. Para ele, o Brasil se destacaria em relação aos países vizinhos sob uma explicação histórica:

[...] a difusão dos princípios inspiradores da cultura brasileira, que se impõe na América em expressões dignas e genuínas de literatura, artes plásticas, música etc., frutos de um passado rico e nobre de experiências sociais, que vão desde a colonização inerente à austeridade de um império com sua côrte⁹⁷.

O Itamaraty defendia a ideia de supremacia do Brasil sobre o Paraguai baseando-se em suas expressões culturais, como as artes e a literatura. Tinha-se como base justificativa um passado mítico⁹⁸ harmonioso e rico, fruto de uma colonização entendida como nobre. Ao utilizar todo esse aparato discursivo, tentava-se legitimar a postura diante do país vizinho e tornar “natural” suas políticas de aproximação cultural.

O Paraguai encontrava-se deteriorado. Quase nada em seu território estava organizado. O país guarani pedia ajuda com urgência. A situação histórica era tão preocupante que, como já dito anteriormente, em 1944 o Ministro Gross Brown visitou o Rio de Janeiro a fim de pedir que o Itamaraty ajudasse seu país na estruturação de setores essenciais como Educação, Serviço Público e Saúde. Até 1952, ano do início da Missão, o Paraguai não havia avançado muito nessas questões, uma vez que seu desenvolvimento esbarrava na inconstância política oriunda de sucessivos golpes e trocas de seus dirigentes políticos⁹⁹.

O frágil contexto histórico do Paraguai facilitava a execução dos programas da Missão. Conseguia-se ocupar os espaços até então liderados pela Argentina. Quando o Instituto Cultural Paraguai-Brasil organizava atividades de extensão ou de especialização, a receptividade era imediata. Foi assim, dentre outros tantos, com a “Reorganização do Instituto de Higiene do

97 542.6 (43) AHI-RJ Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1953. 08/01/1954.

98 Marilena Chauí (2001) explica a construção da imagem harmoniosa e pacífica do Brasil nos seus estudos sobre o *Mito Fundador*.

99 O Paraguai teve 44 presidentes entre 1870 e 1954. Temos a média de 2 anos para cada governante. Somente em 2008 o Paraguai pode assistir a uma troca de partido presidencial de forma democrática, sem a presença de um golpe, por meio do voto.

Paraguai” e com a “Conferência sobre Metodologia do Ensino de Matemática” em 1953; e em 1954, com o “Curso de Eletroencefalografia” e de “Cirurgia Buco-maxilar”; a “Primeira Jornada de Medicina Interna”; a “Primeira Jornada Odontológica do Paraguai” e com o “Curso de Anatomia Plástica”. O “Primeiro Seminário sobre Ensino Universitário” e o “Curso de Psicologia na Escola de Educação Física das Forças Armadas” fizeram parte do cronograma de 1964.

Em documento¹⁰⁰, o Itamaraty afirmou que pretendia o “reconhecimento público feito pelos professores paraguaios do progresso por nós conseguidos”. O que animava os trabalhos da Missão era a expectativa de colher resultados pragmáticos, projetando o Brasil diante dos olhos paraguaios.

Era crescente a aceitação e procura pelo ensino brasileiro. O chefe da Missão, Abelardo de Paula Gomes, informou em seu Relatório de 1963 que paulatinamente o Brasil estava despertando nos paraguaios o desejo de se especializarem em outros lugares além da Argentina. A busca por estágios, bolsas de estudo, especializações e intercâmbios no Brasil estava em rápido progresso. Segundo Abelardo¹⁰¹, naquele período “um número cada vez maior de universitários deseja[va]¹⁰² estudar no Brasil numa inflexão nítida de simpatia para com nosso país. Já se foi o tempo em que ia a Buenos Aires ou Europa”. O estigma negativo do Brasil no Paraguai ia se desfazendo também em âmbito acadêmico. O Instituto Cultural Paraguai-Brasil possuía programas de intercâmbio estudantil com oportunidade de bolsas e estágios¹⁰³. O Itamaraty conseguia enxergar as carências profissionais dos paraguaios em setores que possuíam um retorno em potencial. Consta em documento que as ações dentro da esfera cultural e educacional do

100 542 6 (43) AHI -RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1954. 01/1955.

101 239/542.6 (43)/1964. AHI -RJ. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

102 Grifos meus.

103 Em 1963, os estudantes de medicina que saíram do Paraguai para estudar no Brasil somaram 17 com bolsa e 07 não remunerados. No mesmo ano foram, dentre outros, 04 bolsistas de Didática e Administração Escolar; 03 de Nutrição e 06 de Enfermagem. Os não remunerados foram, dentre outros, 06 de Arquitetura, 08 de Engenharia Civil e 09 de Farmácia.

Paraguai eram importantes porque condicionavam, contudo, “a visão de todos os demais problemas do nosso tempo, principalmente os de ordem social, histórica e política”¹⁰⁴.

Profissionais da saúde e educadores compunham o conjunto de respeitáveis criadores de opinião do país. Ligar seus aperfeiçoamentos intelectuais e profissionais ao Brasil tornou os dois países mais próximos efetivamente. Em contrapartida, as carências paraguaias neste setor eram minimizadas pelas oportunidades no Brasil. O Paraguai se aproveitava da penetração brasileira para avançar cientificamente.

A arte brasileira era exposta à sociedade paraguaia e ajudava a compor as novas referências do Brasil. Esta intervenção é de grande expressão dentro de um colorário histórico porque “remodelar o padrão das relações sociais é reordenar as coordenadas do mundo experimentado. As formas da sociedade são a substância da cultura” (GEERTZ, 1989, p. 20). Em 1953, a 2ª Bienal de São Paulo e a Mostra de Fotografias das obras do artista barroco Aleijadinho divulgavam as expressões culturais brasileiras. Em um país tão pobre quanto o Paraguai aquele momento artístico era ressignificado como fruto das excelências brasileiras. Dentro da América do Sul, não era mais exclusividade da Argentina, sempre ligada às essências europeias, o glamour e a qualidade artística.

No cotidiano social de Assunção estavam presentes os vestígios¹⁰⁵ da Missão. Ali “organizou-se também, dentro de suas possibilidades e quando necessário, recepções, jantares, almoços, oferecidos a autoridades educacionais paraguaias, a intelectuais, à imprensa local e a ilustres professores e artistas brasileiros que estiveram em Assunção”¹⁰⁶. Autoridades paraguaias passaram a incluir em suas listas de contatos nomes de representantes da Missão Cultural Brasileira no Paraguai. Era costumeira a presença deles em jantares e confraternizações. Estes

104 542 6 (43) AHI -RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1954. 01/1955.

105 O que se pode observar são os vestígios da história, mas nunca ela em si. Nesse sentido, ao escrever sobre o passado, temos clareza do mito da ciência e da verdade absoluta. Hiden White (1994, p. 98) nos lembra que “uma das marcas do bom historiador profissional é a firmeza com que ele lembra a seus leitores a natureza puramente provisória das caracterizações dos acontecimentos, dos agentes e das atividades encontrados no registro histórico sempre incompleto”.

106 239/542.6 (43)/1964. AHI-RJ. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

funcionários tinham conhecimento de sua atuação na história que se desenhava e do contexto político no qual estavam inseridos. Isso ficou claro durante presença de Lívio Abramo como membro da Missão Cultural Brasileira no Paraguai. Um dos grandes contratempos que Abramo teve durante seus trabalhos no Paraguai foi a disparidade ideológica com o Itamaraty. Pessoa de grande politização, ele não compartilhava das ideias capitalistas ocidentais. Em plena Guerra Fria esse tipo de postura não era admissível para um funcionário do Itamaraty em missão. Tanto é que seus superiores chegaram a cogitar sua exoneração. A luta contra o comunismo era regra entre os representantes brasileiros. Abelardo de Paula Gomes relatou em entrevista¹⁰⁷ que havia uma pressão para alinhar-se aos pensamentos ocidentais capitalistas que tangiam as posturas ditatoriais.

Por exemplo, o Lívio Abramo, houve realmente uma preocupação do Itamaraty porque havia essa coisa geral do governo, porque... alguns professores eu sei assim que tinham... eram assim ‘apelidados’ de comunista e saíram. Eu fui chamado ao Itamaraty porque o Lívio Abramo um tempo ele foi líder socialista... naquela época ele era ‘trotskista’, meio anarquista, então ele tava na suspeita lá. Os ‘milico’ tinha uma lista assim de todas essas pessoas. Eu fui chamado, isso é uma coisa que eu estou dizendo, talvez, a primeira vez em público. Eu fui chamado pelo Itamaraty porque eu convivia com o Lívio e perguntaram assim... eu disse: olha ele não pode sair assim, o Lívio não pode sair, ele é uma pessoa importantíssima dentro do esquema da Missão Cultural Brasileira, uma pessoa super respeitada no Paraguai, ele não se mete em política.

O mal-estar gerado com as leituras trotskistas de Lívio Abramo nos mostra a rigidez ideológica cobrada pelo Itamaraty no território que também respirava um regime ditatorial. Durante um jantar oferecido pelo decano da Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional de Assunção no tradicional Union Clube da cidade, o Embaixador brasileiro proferiu um discurso sobre a importância da América Latina no mundo e a política internacional dos EUA¹⁰⁸.

107 GOMES, Abelardo de Paula (nome real), 83 anos, país de origem: Brasil. Depoimento [abr. 2007]. Assunção, Paraguai.

108 542.6 (43)/305. AHI-RJ Embaixada dos Estados Unidos da Brasil em Assunção ao Embaixador Raul Fernandes, Ministro de Estado das Relações exteriores. 3/11/1955

Demonstrava-se e salientava-se ali a postura não ingênua do Brasil diante do processo histórico no qual estavam inseridos¹⁰⁹: neste período de Guerra Fria, estreitar laços entre os países da América Latina, cujos governos eram anticomunistas, era considerado, além de um ato de defesa, uma estratégia. Afastava-se a possibilidade de ascensão comunista e, sobretudo, mantinha-se a ordem estabelecida.

Não se pode esquecer que se vivia o período da Guerra Fria, que os militares brasileiros ainda andavam às voltas com as questões de geopolítica na América do Sul e que sua política externa em relação ao Paraguai, era orientada pelo discurso da necessidade de assegurar a independência política daquele país (MORAES, 2000, p. 80).

A ditadura de Stroessner, mundialmente conhecida pela violação dos direitos humanos, considerava toda e qualquer opinião contrária um ato subversivo. Utilizava-se de prisões, torturas e assassinatos como meio de se manter no poder. Pensamentos historicamente de esquerda, como os de Trotsky, eram abominados em qualquer parte do Paraguai de Stroessner. Quando o Brasil, representado pela figura do Embaixador, discursava contra a ordem comunista, recebia automaticamente o título de aliado¹¹⁰. Significava, em discurso, uma ajuda para assegurar o progresso pretendido pelo ditador. Deste modo, a direção dos trabalhos da Missão certamente seguiam a lógica política de tal período histórico, atuando em pontos que pudessem ser “benéficos para o nosso trabalho de aproximação política”¹¹¹. O Itamaraty sabia que Paraguai e Brasil deviam, e necessitavam, dialogar.

109 Consta no documento a interessante informação de que ao iniciar o jantar foi pedido aos participantes que não discursassem. O embaixador do Brasil, Ageton, insistiu veementemente em proferir algumas palavras. O Decano permitiu sob condição de brevidade. Por fim, durante todo o encontro o brasileiro foi o único que teve acesso à palavra pública.

110 Vicente Paulo Gatti, encarregado de negócios do Itamaraty, relata ao Ministro das Relações Exteriores que “No seu discurso de saudação, o Decano referiu-se elogiosamente ao magnífico trabalho desenvolvido no Paraguai pela Missão Cultural Brasileira, cujas realizações são tais, disse, que dispensam mais detidas palavras”.

111 542 6 (44)/299 AHI-RJ Professor Álvaro Vieira Pinto à Secretaria de Estado das Relações Exteriores. 11/1954.

Haroldo Loguercio Carvalho (2004, p. 99) explicou na XXIV Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica que o encurtamento das distâncias políticas entre o Brasil e seus vizinhos continentais era uma das principais preocupações da política externa brasileira a partir da década de 1950. Tais políticas “visavam o alargamento da diplomacia brasileira em direção à consolidação do Brasil como sub-líder no hemisfério”. Era em seus contornos que o Estado brasileiro deveria despender maior atenção, por isso “o Rio da Prata passa a ser prioridade inicial, para somente num segundo momento ampliar-se para a América do Sul”. Havia uma fragilidade histórica nas relações entre Brasil e Paraguai. Em relatório¹¹², o correspondente do Brasil em Assunção tenta mostrar ao novo Embaixador quais eram as proporções de diálogo que se tinha com o Paraguai e os objetivos almejados pelo Itamaraty:

Não preciso encarecer a Vossa Excelência a importância da representação diplomática do Brasil em Assunção. Pela posição geográfica que ocupa na Bacia do Prata, pelas tradições históricas que o ligam ao Brasil, o qual sempre timbrou em preservar-lhe a independência, tornou-se o Paraguai, juntamente com a Bolívia, um dos pontos mais sensíveis de nossa política na América do Sul. De modo geral, a linha mestra da orientação da política do Brasil no Paraguai tem sido o desejo e, mais do que isto, a determinação de assegurar-lhe, desde a Missão Pimenta Bueno, no tempo do Império, a independência política, mediante a prestação, na medida do possível, de todos os recursos materiais, morais, culturais, e econômicos e financeiros, destinados à sua preservação e à sua sobrevivência.

A condição identificada pelo Itamaraty como primordial para a “sobrevivência” do Paraguai seria sua “independência política”. Para tanto, no discurso, os pontos que deveriam ser trabalhados eram de ordem econômica, material, moral e cultural. O Paraguai, entendido pelo Brasil como “um dos pontos mais sensíveis” de sua “política na América do Sul”, tinha na Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional de Assunção um expressivo fulcro de construção moral e cultural.

112 37/923 (42) (43) AHI-RJ Secretaria do Estado das Relações Exteriores à Embaixada em Assunção sobre a troca do Consulado em Assunção. 26/08/1950.

A Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional de Assunção

Como já afirmamos, a Missão era munida de vários vetores de atuação, com objetivos delimitados e pragmáticos. Dentre eles, o que mais se destaca é o trabalho realizado na Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional de Assunção.

Na Faculdade de Filosofia, a atuação do Itamaraty se dava de forma expressiva, pois acreditava-se que dali sairiam aqueles que disseminariam pensamentos de aproximação com o Brasil: os futuros políticos e pensadores paraguaios. Por isso o Itamaraty considerava as intervenções nessa Faculdade um “acerto do Departamento Cultural”¹¹³. Atuar no cotidiano destes intelectuais significava estar plantando sementes ideológicas que auxiliariam nas relações futuras entre os dois países.

A Faculdade de Filosofia de Assunção, por apresentar uma relativa carência em sua estrutura física e em seu corpo docente, fornecia uma abertura para colaboradores externos. A Argentina por muito tempo preencheu grande parte destas lacunas, contudo, após a implantação da Missão, a participação brasileira neste cenário conseguiu afastar a maioria de suas intervenções. A aproximação cultural atuava no *imaginário* dos futuros formadores de opinião, o que tornariam mais vivas as relações entre brasileiros e paraguaios, ou em outras palavras, entre Brasil e Paraguai. Abelardo de Paula Gomes¹¹⁴, como ex-chefe da Missão é categórico ao dizer que em suas atividades, sobretudo na Faculdade de Filosofia, o Itamaraty “formava os formadores” e conseguia “contrabalançar, de certa maneira, o peso que a Argentina tinha”. Esses são os dois pontos chaves no entendimento dos combustíveis que faziam funcionar os motores da Missão em Assunção. Quando Alfredo Stroessner se consolida como comandante do Estado Paraguai, a partir de 1954, é nítida a inclinação de seu país para o vizinho Brasil. Somando as intenções brasileiras com a abertura paraguaia, ficava muito mais possível “contrabalançar” o poder argentino no país guarani.

113 239/542.6 (43). AHI-RJ Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

114 GOMES, Abelardo de Paula (nome real), 83 anos, país de origem: Brasil. Depoimento [out. 2006]. Assunção, Paraguai.

Os dirigentes da Missão Cultural tinham consciência da potencialidade de suas atividades dentro da Faculdade de Filosofia. No relatório anual de 1963¹¹⁵, enviado para o Itamaraty, Abelardo de Paula Gomes entendia que aqueles cursos, “pela sua capacidade de irradiação cultural, [eram]¹¹⁶ considerados como ‘universidades’ dentro da universidade”.

Da Faculdade de Filosofia sairão os professores de ensino secundário de toda República. Dentro de alguns anos os líderes e os governantes paraguaios terão sido alunos de professores brasileiros ou de professores paraguaios com formação brasileira. Não é, como se vê, trabalho para hoje, estamos certos porém, o Brasil colherá, e com juros, o benefício desta política cultural¹¹⁷.

As ideias construídas no meio acadêmico perpassavam os limites impostos pelos blocos de concreto que desenhavam as salas de aula. Os pensamentos tinham capacidade de escorrer pelas janelas e frestas, tingindo variados cenários daquela sociedade com uma mistura de cores antigas e frescas. Por isso a perspectiva de colheita com juros. Michael Pollak (1989, p. 9) dizia que “o trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história”. Era um novo mosaico que se encaixava formando um retrato muito mais harmônico dos vizinhos Paraguai e Brasil. O Itamaraty reconhecia a amplitude da Faculdade de Filosofia considerando-a seu fulcro mais valioso. Ali estava atuando também o *poder simbólico*.

Desde o acordo firmado em 1952, era responsabilidade da Missão Cultural Brasileira no Paraguai ministrar as disciplinas de Didática, Psicologia e Literatura. Em 1963, estavam sob comando brasileiro as disciplinas de Língua Portuguesa; Literatura Luso-Brasileira; Didática Geral; Psicologia da Adolescência; Psicologia Geral; Psicologia Evolutiva e Psicologia Educacional. Eram as disciplinas teóricas formadoras de conceitos. Todos os alunos dos cursos da Faculdade de Filosofia passavam necessariamente por pelo menos duas destas cátedras e por isso elas tinham extrema importância na formação dos acadêmicos. O Itamaraty identificava esse

115 239/542.6 (43)/1964. AHI-RJ. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

116 Grifo meu.

117 542 6 (43) AHI -RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1954. 01/1955.

valor e seus correspondentes oficiais em Assunção faziam questão de revivê-los nos documentos trocados periodicamente:

A influência que pode ter sobre a cultura paraguaia é inegável, e por isso me atrevo a sugerir a Vossa Excelência que seria de toda conveniência que o Brasil não perdesse essa posição, de poder ser doador de cultura filosófica paraguaia, através da cátedra que aqui devemos manter. Não digo por mim, pois meu papel é transitório, mas para que não se perca o contato já agora estabelecido, não se abra mão da posição conquistada, antes seja mantido sempre um professor brasileiro na Faculdade de Filosofia de Assunção, como meio reputo dos mais valiosos, não só para a representação da nossa cultura, como para a influência que possamos exercer sobre o desenvolvimento das novas gerações de intelectuais paraguaios¹¹⁸.

Estimular e apoiar a cultura e a educação local era o que constava no compromisso firmado entre o governo brasileiro e paraguaio que deu origem à Missão ainda em 1952. Entretanto, enxergava-se de maneira muito mais ampla os frutos desse projeto. As possibilidades de “influência” brasileira “sobre a cultura paraguaia” colocavam o Brasil em uma “posição” privilegiada. Essas mudanças não seriam efêmeras, ou “transitórias”. Tratava-se de planos para as “novas gerações de intelectuais” que seriam, mais provavelmente, os futuros formadores de opinião do Paraguai. Essa era a lógica do dispêndio. Essa era a partitura que regia a orquestra do Itamaraty em Assunção. A Missão via a possibilidade de atrelar o referencial de porções estratégicas daquela sociedade ao Brasil por meio de “conhecimentos capazes de os tornarem, não só hábeis profissionais, mas também, verdadeiros amigos do Brasil”¹¹⁹. Acreditava-se que desta maneira seriam abertas as portas para a tão esperada aproximação que, após a década de 1960, pode apresentar devida expressão.

As cátedras ministradas pelos membros da Missão representavam um espaço para atuação. Quando se abria a oportunidade de preencher outras vagas, a Missão Cultural alertava o Itamaraty que a Argentina, sua constante preocupação, poderia ocupar este espaço. Isso foi

118 542 6 (44)/299 AHI-RJ Professor Álvaro Vieira Pinto à Secretaria de Estado das Relações Exteriores. 11/1954

119 542 6 (43) AHI -RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1954. 01/1955.

evidenciado quando, em 1955, a Missão Cultural Brasileira avisou ao Governo brasileiro que estava ociosa a cadeira de Geografia¹²⁰. A preocupação era que “caso não atendamos ao pedido do Paraguai, que carece por completo de tais docentes, e desperdicemos a oportunidade que agora nos apresenta, certamente não faltarão candidatos de países vizinhos para preencher o lugar”. Para os professores brasileiros eram muito claras suas funções dentro do esquema de atuação da Missão na Faculdade de Filosofia.

Ficou resolvido que eu viria a esta Cidade para desempenhar um cargo de docente na Faculdade de Filosofia, encarregando-me de uma série de conferências sobre assuntos que fossem julgados de interesse para o público intelectual paraguaio e que, do nosso ponto de vista, representassem uma projeção cultural brasileira¹²¹.

O desenvolvimento intelectual projetado pelo Itamaraty não tinha como foco trazer uma propulsão dos valores internos daquela sociedade. Lançar a cultura brasileira à frente dos paraguaios, ou, como citado, fazer uma “projeção cultural brasileira”, mostra de maneira clara como o Brasil enxergava o potencial de seus trabalhos no cotidiano paraguaio. Os conferencistas que iam a Assunção tinham sempre como pauta algo que enaltecesse a figura do Brasil. Por isso falavam sobre, por exemplo, os “Pontos de vista sobre o Brasil”, “O Correio Aéreo Nacional” ou “O ditador Francia e o Brasil”¹²².

As cátedras ministradas na Faculdade de Filosofia pelos professores brasileiros que integravam a Missão Cultural eram essencialmente teóricas e formadoras de conceitos. Para ministrá-las, o Itamaraty realizava um processo minucioso de seleção docente.

[...] os professores foram sempre muito considerados. [...] representaram dentro da cultura paraguaia, da questão da Universidade, uma renovação, uma seriedade muito grande. Porque não eram professores recomendados por a, b ou c. Eram professores que vinham

120 542 7 (45)/333 AHI -RJ. Solicitação de professor de Geografia para a Faculdade de Filosofia. 11/1955

121 542 6 (44)/299 AHI -RJ. Professor Álvaro Vieira Pinto à Secretaria de Estado das Relações Exteriores. 11/1954

122 542 6 (43) AHI-RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1953. 08/01/1954.

dentro do esquema do Itamaraty, eram selecionados, você olhava o currículo e que sabiam o que estavam fazendo, né¹²³.

O resultado disso foi que o Brasil certamente “deixou uma marca muito séria”¹²⁴ no cenário cultural e educacional do Paraguai. A dedicação em escolher os professores era pensada dentro da lógica de aproximação e de conquista de espaços que funcionariam para ajudar na consolidação da posição de líder da América Latina, tal como afirmou o presidente Castelo Branco em 1966 na celebração de posse do novo ministro das Relações Exteriores, Vasco Leitão Cunha, ao discursar que “a política externa do Brasil deixou de ser mero fator de circunstância, manipulado com mesquinhos objetivos de demagogia interna, para se transformar em vigoroso instrumento para a consecução da grandeza nacional” (CARVALHO, 1994, p. 94). Por isso esses professores tinham um trabalho muito sério em Assunção. Aceitar a presença brasileira dependia de uma ação paulatina atingindo o particular, a vida privada de paraguaios de diversos setores e idades. Paraguaios aprendendo português, cantando músicas brasileiras¹²⁵, conhecendo a literatura e as artes do Brasil são vestígios dessa ação.

O índice de estudantes que disputavam bolsas de estudo nas universidades brasileiras e de profissionais que buscavam se especializar nas mais diversas instituições do Brasil mostra como este país ia penetrando as fendas e ocupando lugares. A Missão também apoiava as viagens de turismo e de estudo de acadêmicos paraguaios ao Brasil. A nova imagem do Brasil, trazida na bagagem, estreitava as relações entre os dois países.

Existia Brasil nos textos mimeografados, nas obras que compunham a biblioteca, nas mesas, cadeiras, laboratórios, nos tijolos e tintas que formavam o prédio da Faculdade de

123 GOMES, Abelardo de Paula (nome real), 83 anos, país de origem: Brasil. Depoimento [out. 2006]. Assunção, Paraguai.

124 Idem.

125 Sobre como os elementos que compõem uma paisagem sonora interferem nas relações de proximidade perpassando as delimitações geográficas, Murray Schafer (1991, p.70) teorizou que “no vocabulário onomatopaico, o homem harmoniza-se com a paisagem sonora à sua volta fazendo ecoar seus elementos. A impressão é absorvida; a expressão é desenvolvida”.

Filosofia da Universidade Nacional de Assunção. Por isso sua inauguração foi realizada no dia da independência brasileira e não em qualquer outra data.

Nossa posição é cada vez mais segura e hoje nada se faz de fundo na Faculdade, que a Missão não seja consultada. Essa vitória política se deve ao trabalho eficiente e honesto dos nossos professores e também à ajuda material, que a Missão vem prestando à Faculdade¹²⁶.

Segundo o Itamaraty, a confiança no trabalho da Missão foi assumindo tamanha proporção que o Diretor da Faculdade de Filosofia “consulta[va]”¹²⁷ o chefe da Missão até para atos administrativos”¹²⁸.

Ainda dentro do âmbito da Faculdade de Filosofia temos, em 1954, a inauguração do Colégio Experimental Paraguai-Brasil. Nomenclatura que se encontra até hoje estampada em sua fachada principal. Neste Colégio, que funcionava no mesmo prédio doado pelo governo brasileiro à Universidade Nacional de Assunção, os estudantes da Faculdade de Filosofia aplicavam seus conhecimentos adquiridos ao longo do curso, ministrando aulas aos adolescentes paraguaios.

É nessa orientação que vimos seguindo, como se poderá ver em relatórios anteriores, e cujos resultados serão palpáveis dentro de alguns anos, sobretudo após o funcionamento do Colégio experimental Paraguai-Brasil, obra de imprevisível alcance na formação da elite paraguaia, verdadeira chave da política cultural do Brasil no Paraguai¹²⁹.

Os ensinamentos dos professores brasileiros eram repassados aos estudantes de nível médio. O seu Plano Pedagógico, facilitado pelo fato de não ser atrelado ao Ministério da Educação do Paraguai, foi elaborado pelo Brasil. Era a materialização dos planos do Itamaraty.

126 542 6 (43) AHI-RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1953. 08/01/1954

127 Grifos meus.

128 542 6 (43) AHI-RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1953. 08/01/1954

129 542 6 (43) AHI -RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1954. 01/1955.

Fotografia 2: Fachada do Colégio Experimental Paraguai-Brasil no prédio da Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional de Assunção.



Fonte: Administração do Colégio Experimental Paraguai-Brasil, Assunção, 2010.

O Colégio Experimental Paraguai-Brasil mostrava à sociedade que o Brasil não só estava presente, como exercia um *poder* que funcionava. A intenção era criar neste âmbito uma imagem do Brasil extremamente positiva que se expandisse a diversos outros círculos sociais dos mundos desses estudantes. Nesse contexto, os paraguaios não significavam espécie de tabula rasa atuando de maneira passiva.

Consideramos a história como um processo dinâmico que não se interrompe. Dentro dela, os indivíduos atuam numa espécie de negociação baseada em escalas de *poder* que penetram “muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade” (FOUCAULT, 1985, p. 71). Mas, que interesses estavam em jogo no Paraguai desse período?

A Missão para o Paraguai de Stroessner

De fato, havia um espaço aberto. Uma carência de especialização em diversos setores do Paraguai. Com o passar dos anos, sobretudo após a década de 1960, o Brasil se tornou uma nova referência. Passou-se a considerar “especializado” aquilo que daqui vinha.

Para os paraguaios, alterar a realidade debilitada de seu país significava modificar suas relações. Era necessário ter maior grau de escolaridade, aprofundar suas qualificações, estabelecer novas parcerias e ampliar suas negociações. A Argentina vinha perdendo sua posição de provedora dessas relações: o que se via era os paraguaios extravasando seu descontentamento com os argentinos, mormente em relação aos portenhos, que costumavam ser historicamente inflexíveis. Enquanto isso, o estabelecimento de novas parcerias com o Brasil se dava nos mais variados setores, inclusive no cultural. Passou-se a escutar música brasileira, a planejar viagens ao Brasil, a sonhar em estudar no país vizinho, a procurar por cursos que capacitassem a fala e escrita da língua portuguesa.

A apropriação das atividades da Missão

A posição brasileira diante da América Latina desde 1950 vinha sendo projetada para a expansão de suas relações políticas e econômicas. Com uma economia em expansão, este país era visto pelos paraguaios como uma possibilidade de escapar da mordada imposta historicamente pela Argentina. O Porto de Buenos Aires não poderia mais limitar os trâmites econômicos do Paraguai. Nesse sentido, as negociações com o Brasil faziam-se necessárias, afinal, era este vizinho que poderia oferecer novos projetos, novas rotas, novas possibilidades. A materialização disso é percebida sobretudo a partir de 1960 na expansão da agricultura, no turismo, na abertura de estradas na região leste do Paraguai, na construção da Ponte da Amizade, na ligação

com o Oceano Atlântico e na grande hidrelétrica de Itaipú. Esta última é discutida por Alfredo da Mota Menezes que problematiza suas consequências nas relações entre os dois países.

A construção da usina de Itaipu e o comércio entre os dois países deram vantagem ao Brasil e, como consequência dessa maior aproximação e o aumento das trocas, a balança de comércio é enormemente favorável ao Brasil, que acabou substituindo a Argentina como principal parceiro econômico. (...) Aquele foi o passo que faltava para eliminar os receios paraguaios em um estreitar de relações com o Brasil. Foi último passo para o ‘casamento’ (MENEZES, 1987, p. 83).

Desde a visita do Ministro da Educação do Paraguai, em 1944, já era sinalizada por ele a ideia de aproximar o *imaginário* paraguaio ao vizinho Brasil. A intenção era trazer os sentimentos paraguaios para um diálogo com o Brasil. É o que consta no relatório¹³⁰ escrito pelo então Chefe da Divisão de Cooperação Intelectual do Itamaraty, Roberto Assunção de Araújo:

Nessa ordem de idéias, acentuou Sua Excelência (Ministro Brown) que o Paraguai tem real necessidade de se aproximar do Brasil, acrescentando que seria seu desejo que tivesse a cultura brasileira preponderante influência na formação intelectual das atuais e futuras gerações paraguaias. “Por isso mesmo” – acrescentou, “recomendarei com insistência que não procurem somente ilustrar-se no Brasil, mas que tratem de conviver o mais possível na intimidade brasileira. Essa aproximação que vimos intensificando deverá ter raízes sentimentais e não apenas intelectuais”. (...). “Esses estudantes” – disse “formariam uma mentalidade universitária brasileira e de regresso a seu país, seriam esplendidos e ativos elementos de aproximação entre as duas culturas”.

O Brasil ia disponibilizando uma série de ações culturais e educacionais que encontravam no Paraguai uma grande e rápida aceitação. Mais do que isso, a Missão trabalhava com um índice de demanda e assentimento paraguaio capaz de movimentar os esforços do Itamaraty por 22 anos ininterruptos. Assim, vemos suas atividades sendo usufruídas pela sociedade

130 DCI/542.6(43)/1944/Anexo único. AHI-RJ. Reservado. Síntese da entrevista do ministro S. Gross Brown com o embaixador P. Leão Velloso. 17/02/1944.

paraguaia. O débil quadro econômico e social do Paraguai abria as portas para os investimentos externos. Quando o Brasil instalou a Missão Cultural, a intenção guarani no acordo era aproveitar tudo aquilo que ela poderia oferecer.

Vários são os exemplos do bom funcionamento da Missão e de seu aproveitamento por parte dos paraguaios. Na educação infantil da Escola Estados Unidos do Brasil a procura por vagas se dava de maneira intensa devido ao fato de existirem pouquíssimas instituições desse ramo na cidade de Assunção. Isso explica a frequente lotação das turmas. O mesmo se aplicava também à Escolinha de Artes: a produção artística e cultural voltada para o público infantil era praticamente inexistente até a década de 1970. No caso do Centro de Estudos Brasileiros, este era o único lugar que ministrava aulas de português no Paraguai na década de 1950 – o que fazia com que aqueles que desejassem aprender a língua tivessem que procurar essa instituição.

Com o alargamento das relações com o vizinho Brasil, falar essa língua ia se tornando uma necessidade. Os eventos promovidos pelo Instituto Cultural Brasileiro, como recitais e peças teatrais, não ocorriam com frequência no Paraguai. Assim, compreende-se o sucesso de público e de aprovação quando a capital paraguaia recebia esse tipo de programação. Os cursos e palestras proferidas via Missão também representavam uma novidade em terras guaranis. Os conhecimentos especializados eram aguardados pelos profissionais que careciam de tal bagagem intelectual, principalmente nas áreas da saúde e educação que, segundo o Itamaraty, significava uma “penetração nos círculos científicos, até então alheios ao progresso da nossa técnica e experiência”. Os programas de bolsas e os intercâmbios estudantis eram disputados anualmente por dezenas de paraguaios que viam neles a oportunidade de aprofundarem seus conhecimentos e retornarem com um currículo de excelência. Isso garantiria um futuro sucesso profissional dentro do Paraguai. Na Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional de Assunção, os investimentos do Estado eram insuficientes. Havia falta de professores e de materiais. A presença dos funcionários da Missão frente às diversas disciplinas era motivo de comemoração por parte dos alunos.

O diálogo de interesses entre Brasil e Paraguai fazia com que os trabalhos da Missão raramente fossem criticados. A forma dos trabalhos por ela realizados dificilmente sofria questionamentos ou objeções por parte dos paraguaios. Eles abraçavam as oportunidades criadas na jornada dessa Instituição brasileira.

Enquanto isso, o Itamaraty percebia nos resultados dos trabalhos da Missão uma “profunda repercussão nas relações culturais entre o Paraguai e o Brasil”. Essa era a sensação que os bons resultados da implantação da Missão proporcionavam. Preocupada em não ter seus objetivos – de posicionamento hegemônico na América latina – identificados pelos paraguaios, a Missão procurava efetuar uma “ação discreta e perfeitamente identificada com os ideais pan-americanistas”¹³¹. A continuidade de seus projetos dependia de não serem sentidos pelos paraguaios como “impositivos” ou “imperialistas”. Se tal fato ocorresse, os resultados das atividades poderiam se voltar contra o próprio Brasil. Neste caso assistir-se-ia ao fim do jogo, resultante de um problema com a dosagem, ou, em outras palavras, de uma *overdose*.

O Ditador Alfredo Stroessner e as atividades da Missão

Desde 1954, quando por meio de um golpe tomou o poder do Paraguai, o General Alfredo Stroessner tinha a Argentina como uma barreira, um país que historicamente limitava as relações comerciais paraguaias e rotineiramente denunciava suas políticas ditatoriais.

Para que um governo ditatorial se mantenha no poder é preciso que a população de alguma maneira sinta um retorno positivo, algo que seja utilizado como justificativa para o conjunto de políticas adotado. Sem esses resultados, reais ou *simbólicos*, a legitimidade do ditador passa a ser questionada pela população, o que acaba por ruir as bases do governo e romper com sua solidez. No caso da ditadura de Stroessner no Paraguai, a sua bandeira mais forte era a do “progresso”. Segundo Pierre Bourdieu (1994, p. 15), “o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia”. O ditador pautava seu discurso na busca pelo desenvolvimento do país. Para tanto, era preciso modificar algumas estruturas essenciais, sobretudo no que confere à economia. Quebrar a histórica limitação paraguaia, inflamada por sua dependência em relação à vizinha Argentina, era uma das preocupações crônicas que Stroessner identificava em seu país. Porém, para que uma mudança fosse possível era necessário abrir uma nova rota ou, como costumava

131 542.6(43) AHI-RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1953. 08/01/1954.

dizer Stroessner, um “novo pulmão”. Ocorre que isso dependia diretamente da criação e execução de novos projetos, como a construção de estradas que ligassem efetivamente o Paraguai ao Brasil. Nesse sentido, era preciso, antes de tudo, estreitar as relações com este país. Essas novas relações viabilizariam o acesso paraguaio ao Oceano Atlântico.

Apesar de iniciada antes da ascensão do ditador ocorrida em 1954, a Missão se encaixou perfeitamente em seus objetivos de aproximação. A “amizade” entre Paraguai e Brasil possuía um significado simbólico para os paraguaios. Isto quer dizer que além de um sentido pragmático, palpável, era no imaginário que os resultados se multiplicavam. Não que esses dois sentidos possam se separar, mas ambos devem ser considerados e podem ser observados em seus detalhes. Para os paraguaios, estabelecer vínculos com o Brasil significava ser amigo de um rico país da América Latina. Isso criava dentro do Paraguai uma sensação de estar caminhando a passos largos rumo ao progresso. Neste contexto, Stroessner sabia explorar e, mais do que isso, conseguia utilizar as novas relações com o país vizinho a seu favor. Era frequente em seus discursos o uso da “amizade” com o Brasil como argumento para que sua população aceitasse suas políticas ditatoriais e para que considerassem necessária a sua continuidade como meio de alcançar resultados progressivos. Neste cenário, sempre que lhe convinha, Stroessner se assumia como “brasileirista”. Essa imagem do ditador se perpetuou até sua morte em exílio na capital brasileira, Brasília¹³².

Assim, o apoio de Stroessner à penetração brasileira era fato. A Missão tinha em sua figura um grande aliado.

(...) vemos nossos trabalhos apreciados pelas autoridades e membros do Governo Paraguaio, que reiteradas vezes e publicamente, tem reconhecido o empenho do Governo brasileiro em fomentar o intercambio cultural entre os dois países e ressaltando os resultados,

132 Sem honras, Alfredo Stroessner morreu em agosto de 2006 sob processo por crime contra a humanidade. Segundo o jornal brasileiro Folha Online, o defensor dos direitos humanos no Paraguai Martín Almada declarou que “é impensável render algum tipo de homenagem a quem violou os direitos humanos”. Na época, a ministra das Relações Exteriores do Paraguai, Leila Rachid, seguiu a mesma linha dizendo que “o senhor Stroessner não morrerá em exercício, não é um chefe de Estado e está sendo perseguido pela Justiça”. Disponível em: <www.folhaonline.com.br>. Acesso em: 27 nov. 2006.

que nesse campo vem obtendo a Missão Cultural Brasileira, haja vista a Mensagem presidencial do corrente ano, que publicamente à (sic!) ela se refere¹³³.

Quanto mais o Brasil ocupava lugares, mais o ditador passava a imagem de progresso. Como essas duas máximas – ocupação e progresso – estavam atreladas, a população entendia a presença brasileira como necessária, e, nesse sentido, natural. Para a Missão, tal visão permitia que sua “esfera de ação no campo cultural se expande [disse]¹³⁴ dia a dia, e com ela a confiança, por parte das autoridades governamentais e do povo, no nosso trabalho”¹³⁵. Isto facilitava os trabalhos do Itamaraty, que mantinha a preocupação de não ser classificado como imperialista, fator de vital importância para qualquer projeto executado no mundo da Guerra Fria.

Os projetos da Missão eram utilizados por Stroessner para sua promoção. Um clássico exemplo foi sua presença na inauguração do prédio da Faculdade de Filosofia em 07 de setembro de 1964, onde fez questão de celebrar junto às autoridades brasileiras essa realização tão significativa. Brindava-se na ocasião não só a firmeza das paredes erguidas, mas a parceria política que se materializava frente aos olhos da sociedade paraguaia. O general ditador era considerado entre os membros da Missão¹³⁶ um essencial apoio e grande aliado. Isso oxigenou os pulmões do Itamaraty ao longo de sua caminhada pelas terras guaranis.

133 542.6(43) AHI -RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1954. 01/1955.

134 Grifo meu.

135 542.6(43) AHI-RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1953. 08/01/1954.

136 GOMES, Abelardo de Paula (nome real), 83 anos, país de origem: Brasil. Depoimento [out. 2006]. Assunção, Paraguai.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso perceber que o contexto político, social e cultural localizável sobretudo após a década de 1950 nos três países que, direta e indiretamente, desenharam a elaboração e execução dos projetos da Missão Cultural Brasileira no Paraguai, fez com que Brasil, Paraguai e Argentina formassem a maré que conduziu e embalou a navegação desta Instituição até o ano de 1974.

A Missão foi edificada dentro deste espaço temporal, no qual os índices do crescimento econômico brasileiro inclinavam o Itamaraty para uma reavaliação de seus posicionamentos e de sua política externa. Deste modo, passou-se a dedicar especial atenção aos demais países da América Latina. Com eles, o Brasil exercia negociações políticas não compatíveis com o objetivo de efetivar-se como país hegemônico desta região. A Argentina, que na ocasião liderava a lista de Estados expressivos desta América, era entendida como a principal concorrente brasileira.

A preocupação com a região do Prata, em especial com Argentina e Paraguai, era um dos norteadores da política externa do Brasil e uma das pautas mais relevantes dos trabalhos do Itamaraty na América Latina. A representatividade do Estado brasileiro neste círculo seria o reflexo de seu momento histórico. Nesse sentido, fazer-se presente significava, simbolicamente, a conquista de uma posição sólida perante o cenário mundial.

A gritante e, porque não, sufocante influência argentina no Paraguai tinha o poder de limitar suas relações econômicas e diplomáticas, seja pela atrelagem do mercado paraguaio ao Porto de Buenos Aires, ou pelos investimentos e negociações que a Argentina realizava naquele país. O que se tinha era um Paraguai pouco expressivo e que necessitava com urgência de novos diálogos. Para tanto, estabelecer parcerias com o Brasil era uma opção que abria possibilidades há muito tempo almejadas. Estabelecer novos acordos políticos, abrir novas estradas, utilizar outros portos, criar novas relações econômicas eram alguns dos benefícios que essa amizade poderia trazer e de fato trouxe. São clássicos exemplos disto a ligação de Assunção ao porto brasileiro de Paranaguá, a construção da Ponte da Amizade e a Usina e Itaipu.

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o quadro financeiro da Argentina vinha mostrando uma fragilidade que abalava sua posição de líder no cenário latino-americano. Os gastos destinados à estruturação das bases de seu desenvolvimento faziam uma espécie de sucção nos cofres públicos. Como consequência, suas relações externas também perderam fôlego. No caso daquelas estabelecidas com o Paraguai, observa-se que a aproximação progressiva do concorrente, e não distante, Brasil, atuou como um agravante a essa conjuntura desfavorável. Paulatinamente o Brasil conseguiu contrabalançar a histórica dependência paraguaia em relação à Argentina.

Para o Paraguai existia a soma do desejo de ampliar suas possibilidades e livrar-se das limitações argentinas com os planos do Brasil de estreitar as relações políticas com o país guarani. Ocorre que o caminho para uma aproximação efetiva entre Brasil e Paraguai dependia também de fazer próximos paraguaios e brasileiros. A imagem não romântica que o Brasil conquistara após a Guerra da Tríplice Aliança deveria ser substituída por alguma outra que tivesse o poder de facilitar os diálogos entre estes dois sujeitos. Daí a via cultural ser entendida como uma medida estratégica e pragmática. Nela enxergava-se a oportunidade de recriar os sentimentos, de uma porção selecionada de paraguaios em relação ao Brasil. Deste modo, o Itamaraty traçava uma atuação nos âmbitos culturais e educacionais daquele país. Foi criada a Missão Cultural Brasileira no Paraguai e nesse sentido elaborou-se cada uma de suas atividades.

Havia um diálogo de interesses entre os vários vetores de atuação da Missão e os paraguaios de Assunção. Eles extraíam dos programas as oportunidades que foram borrifadas no cotidiano da capital guarani. Era a chance de conhecer uma nova cultura, aprofundar seus conhecimentos ou especializar-se. Stroessner, um dos que mais sabia usufruir das intenções do Itamaraty, fez deste capítulo da política externa brasileira uma fonte de poder e de munição discursiva. O general ditador se apropriava da aproximação brasileira transformando-a em propaganda para contribuir na tarefa diária de legitimar sua conduta frente ao governo. A bandeira de progresso, tão utilizada por Stroessner, encontrava força nessas novas relações políticas entre Brasil e Paraguai.

Para o Brasil, trazer o Paraguai para dentro de seu leque de relacionamentos íntimos significava a diminuição da influência argentina e a abertura de um novo diálogo dentro da América Latina. Esse fato conseguia colocar o país em uma posição mais sólida à medida que

gerava novos acordos políticos em um território até então dominado pela concorrente argentina. O Paraguai significava um ponto estratégico dentro da região do Prata. Manter influências políticas neste território era extremamente necessário na tentativa de distanciar os pensamentos comunistas. A localização geográfica do Paraguai representaria uma preocupante ameaça caso esse país se convertesse aos pensamentos de esquerda. Mesmo que os resultados econômicos da parceria entre esses dois países tenham sido de pouca expressão em cifras, os efeitos simbólicos de uma aproximação política entre eles seguramente tiveram o poder de atingir um raio geométrico que perpassou os mensuráveis limites territoriais.

A identificação da Missão Cultural Brasileira no Paraguai com a proposta de amizade e de pan-americanismo permitiu que suas atividades se movimentassem por extensos 22 anos. A preocupação em não ser entendida como de ordem imperialista norteou suas atuações no cenário guarani. Quando, em 1974, essa Instituição não desempenhava mais o objetivo de criar uma aproximação, talvez porque esta já tivesse de fato ocorrida, ela foi finalmente aposentada, simplificando-se no formato de Centro de Estudos Brasileiros no Paraguai. Restaram, até o presente momento, algumas, bem mais modestas, atuações em Assunção que funcionam mais como um ponto de presença que de atividade expressiva.

Os resultados da Missão Cultural Brasileira no Paraguai ainda estão por ser medidos. O fato é que, como demonstramos, sua criação seguiu a lógica de aproximação política entre os dois países sob aceitação e participação de atores, sujeitos da história, brasileiros e paraguaios.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007.
- ALMEIDA, Paulo Roberto de. A relações econômicas internacionais do Brasil dos anos 50 aos 80. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 50, n. 2, p. 60-79, 2007.
- AMADO, Jorge. *Tieta do Agreste*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- AMARAL E SILVA, Ronaldo Alexandre do. *Brasil-Paraguai: marcos da política pragmática na reaproximação bilateral, 1954 -1973 – um estudo de caso sobre o papel de Stroessner e a importância de Itaipu*. 2006. Dissertação – Universidade de Brasília, Brasília.
- ARCE, Osmar Dias de. O Paraguai contemporâneo: 1925-1975. In: CASANOVA, Pablo G. (Org.). *América Latina: história de meio século*. Trad. Marcos Bagno e Ricardo G. R. Castro. Brasília: UNB, 1988.
- AYERBE, Luis Fernando. *Estados Unidos e a América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: Unesp, 2002.
- BANDEIRA, Moniz. *Estado nacional e política internacional na América Latina*. Brasília: UNB/Editora Ensaio, 1993.
- BANN, Stephen. *As invenções da história: ensaios sobre as representações do passado*. São Paulo: Unesp, 1994.
- BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especificidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BASSELAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000; Bauru: EDUSC, 1999.
- _____. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian (Orgs.). *América Latina: entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- BETTELHEIN, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

- BLANCH, José M. (Coord.) *El precio de la paz*. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 1991.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1987 [1973].
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BURKE, Peter. Bricolagem de tradições. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 18 mar. 2001. Caderno Mais.
- _____. *Variiedades de história cultural*. Trad. Ilda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2000.
- CANTANI, Afrânio Mendes; MARTINEZ, Paulo Henrique (Orgs.). *Sete ensaios sobre o Collège de France*. São Paulo: Cortez, 2001.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOZO, Efraím. *Breve história del Paraguay*. Asunción: Ed. Litocolor, 1991.
- CARR, Eh. *O que é história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- CARVALHO, Harodo Loguercio. Do pragmatismo responsável ao pragmatismo integracionista: interpretações da política externa brasileira contemporânea. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA, XXIV, 2004, Curitiba. *Anais...* Curitiba: SBPH, 2004.
- CERVO, Amado Luiz. *Relações internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas*. São Paulo: Saraiva, 2007.
- _____.; BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- _____.; RAPOPORT, Mario (Orgs.). *História do Cone Sul*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trd. Maria Manuela Galhado. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- _____. *Cultura do povo e autoritarismo das elites. A cultura do povo*. São Paulo: Cortez, 1988.
- CHAUVEAU, Agnés; TÉTARD, Philippe. *Questões para a história do presente*.
- CHEDID, Daniele Reiter. *A missão cultural brasileira no Paraguai durante o período consolidação da ditadura de Stroessner*. 2007. 30 p. Relatório Final (Iniciação Científica) – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)/ Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.
- _____. *A presença de exilados paraguaios em Mato Grosso do Sul*. 2006. 30 p. Relatório Final (Iniciação Científica) – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Universidade Federal da Grande Dourado, Dourados.
- DABÈNE, Oliver. *América Latina no século XX*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- DUARTE, Evaristo Emigdio Colmán. Paraguai, nacionalismo e ditaduras. *Revista Diálogos*. Maringá: UEM/DHI, v. 1, n.1, 2007.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- FALCON, Francisco. *História Cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada*. São Paula: Editora 34, 2005.
- FERNANDES, Anedmafer Mattos. *Paisagem sonora e o ensino de Geografia: quatro minutos e trinta segundos de leitura do espaço*. *Entrelugar: revista do programa de pós-graduação em Geografia da UFGD*. Dourados: UFGD, ano 01, n. 1, 2010.
- FIGALLO, Beatriz; BREZZO, Liliana. *La Argentina y el Paraguay: de la guerra a la integración*. Rosario: Tecnigráfica, 1999.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio*. Brasília: Inventário Nacional de Referências Culturais(IPHAN)/Minc/DID, 2000, p. 119-33.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

- FREUD, Sigmund. *El porvenir de una ilusión*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1948.
- GADDIS, John Lewis. *Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- GALBRAITH, John Kenneth. *Anatomia do poder*. São Paulo: Pioneira, 1984.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GONSALVES, Elisa Pereira. *Da ciência e de outros saberes: trilhas da investigação científica na pós-modernidade*. Campinas: Alínea, 2004.
- GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. *História contemporânea da América Latina: 1960-1990*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993.
- GUY, Debord. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP e A, 2006.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2005.
- HISTÓRIA Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- HOBBSBAWN, Eric. *A era dos extremos*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- IANNI, Octavio. *Imperialismo e cultura*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- LARAILA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____; NORA, Pierre. *História: novos, problemas, novos objetos, novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, v. 3, 1989.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2003.
- LUNA, Felix. *Breve historia de los argentinos*. Buenos Aires: Editorial Planeta Argentina, 1997.

- MALERBA, Jurandir. *A história na América Latina: ensaio de crítica historiográfica*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- MENEZES, Alfredo da Mota. *A herança de Stroessner*. Campinas: Papirus, 1987.
- MIRANDA, Carlos R. *Paraguay y la era de Stroessner*. Asunción: RP ediciones, [s.d].
- MORAES, Ceres. *As políticas externas do Brasil e da Argentina: o Paraguai em jogo – 1939-1954*. 2003. Dissertação (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre.
- _____. Interesses e colaboração do Brasil e dos Estados Unidos com a ditadura de Stroessner: 1954-63. *Revista Diálogos*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, v. 1, n.1, 2007.
- _____. *Paraguai: a consolidação da ditadura de Stroessner – 1954-63*. Porto Alegre: PUCRS, 2000.
- MORA, Frank. *La política exterior del Paraguay: 1811 – 1989*. Asunción: Centro de Estudios Sociológicos, 1993.
- MORAES, José Geraldo Vinci de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. *Revista Brasileira de História* [online], v.20, n. 39, p. 203-221, 2000. ISSN 0102-0188.
- MOREIRA, Luiz Felipe Viel (Coord.). *Instituições, fronteiras e política na História sul-americana*. Curitiba: Juruá, 2007.
- MOREIRA, Maria Graciela Monte de López. *História y memoria de la Facultad de Filosofía*. Assunção: Estudios Gráficos S.R.L., 1998.
- NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. *Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- PINSKY, Jaime. Nação e ensino de História do Brasil. In: PINSKY, Jaime. *O ensino de História e a criação do fato: repensando o ensino*. São Paulo: Contexto, 1997.
- PLÍNIO Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3. Rio de Janeiro, 1989.
- PORTELLI, A. História oral como gênero. *Proj. História*. São Paulo: EDUC, n. 22, 2001.
- REIS, José Carlos. *História e teoria*. Rio de Janeiro: FCU, 2003.

- REMOND, Renè. O retorno do político. In: CHAUVEAU, A.; TÉTART, P.H. *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.
- SANTOS, Ana Maria dos. América Latina: independência, ditaduras e guerrilhas. *O século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 3, 2001.
- SANTOS, José Luiz. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Unesp, 1991.
- SIMOM G, José Luiz. *La dictadura de Stroessner y los derechos humanos*. 2. ed. Asunción: Comité de Iglesias, 1992. (Serie Nunca Más).
- TEMPASS, Martín César. Sobre a questão do patrimônio cultural: repensando princípios e fins. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, v. 1, n. 35 (19), p.. 113-144. ISSN 1981-3090.
- VÁZQUEZ, Fabrício. Las reconfiguraciones territoriales del Chaco paraguayo: entre espacio nacional y espacio mundial. *Revista académica de economía/Observatorio de la economía latinoamericana*. n.88, 2007.
- WASSERMAN, Claudia; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. *Ditaduras militares na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- WHITE, Hiden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 1994.

RELAÇÃO DE FONTES

542.6 (43) AHI-RJ Confidencial Relatório da Viagem do Ministro da Educação do Paraguai ao Brasil, S. Gross Brown. 14/01/1944.

542.6 (43) AHI- RJ. Confidencial. Visita do Ministro Gross Brown. 21/01/1944

DCI/542.6 (43)/1944/ Anexo único. AHI-RJ. Reservado. Síntese da entrevista do ministro S. Gross Brown com o embaixador P. Leão Velloso. 17/02/1944.

542.6 (43) AHI-RJ Secretaria de Estado das Relações Exteriores. Confidencial – Urgente. Ao Embaixador do Brasil em Assunção. 03/07/1950.

37/923 (42) (43) AHI-RJ Secretaria do Estado das Relações Exteriores à Embaixada em Assunção sobre a troca do Consulado em Assunção. 26/08/1950.

542.6 (43) AHI-RJ Relatório da embaixada brasileira em Assunção. Confidencial. Embaixador Moacyr Ribeiro Briggs. 1954.

542.6 (43) AHI-RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1953. 08/01/1954.

542 6 (44)/299 AHI-RJ Professor Álvaro Vieira Pinto à Secretaria de Estado das Relações Exteriores.

542 6 (43) AHI-RJ. Confidencial. Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1954. 01/1955.

542.6 (43)/305 AHI-RJ Embaixada dos Estados Unidos da Brasil em Assunção ao Embaixador Raul Fernandes, Ministro de Estado das Relações exteriores. 3/11/1955.

542.7 (45)/333 AHI -RJ. Solicitação de professor de Geografia para a Faculdade de Filosofia. 11/1955.

239/542.6 (43)/1964. AHI-RJ Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai de 1963. 07/1964.

Abelardo de Paula Gomes. (nome real) 83 anos. País de origem: Brasil. Entrevista realizada na cidade de Assunção, Paraguai em abril de 2007.

Diagramação, Impressão e Acabamento



Rua Fagundes Varela, 967
Cep 19802 150 • Assis • SP
Fone: (18) 3322-5775
Fone/Fax: (18) 3324-3614
vendas@graficatriunfal.com.br
www.graficatriunfal.com.br